

**Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSul  
Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia**



**“Uma” Escrita, uma cartografia:**

**Blog e formação na www**

**Ronie Von Rosa Martins**

**Pelotas/RS**

**2014**

**Ronie Von Rosa Martins**

**“Uma” Escrita, uma cartografia:  
blog e formação na www**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de Mestre em Educação pelo  
Programa de Pós-Graduação em Educação –  
Mestrado Profissional em Educação do IFSul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cynthia Farina  
Co-orientador: Prof. Dr. Alberto D’Avila Coelho.

Pelotas/RS

2014

#### FICHA CATALOGRÁFICA

M386e Martins, Ronie Von Rosa  
“Uma” escrita, uma cartografia : blog e formação na www / Ronie  
Von Rosa Martins. -- 2014.  
105 f.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cynthia Farina

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas,  
2014.

1. Educação. 2. Escrita. 3. Filosofia - Subjetividade. 4.  
Tecnologias de informação. I. Farina, Cynthia. II. Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576  
IFSUL - *Campus* Pelotas

Ronie Von Rosa Martins

“Uma”Escrita, uma cartografia:

Blog e formação na www

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense.

Banca Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cynthia Farina – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense – IFSul (Orientadora)

---

Prof. Dr. Alberto D’Avila Coelho – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense – IFSul (Co-orientador)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Azevedo Requião– Universidade Federal de Pelotas UFPel

---

Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSul

*"- Por onde é que nós vamos? - perguntei - ou em que direção estamos seguindo ou estamos no caminho de volta de algum outro lugar? [...] - Estamos indo para onde estamos indo - disse o sargento - e esta é a direção certa para um lugar que é vizinho a ele." (FlannO'Brien)*

*"... a gente tem de ir e não parar nunca até chegar lá."  
"Para onde a gente está indo, cara?" "Não sei, mas a gente tem de ir." (Jack Kerouac)*

*"Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?"*

*"Depende bastante de para onde quer ir", respondeu o Gato."Não me importa muito para onde", disse Alice."Então não importa que caminho tome", disse o Gato". (Lewis Carrol)*

## Resumo

O presente estudo alia-se à literatura, às tecnologias de informação e comunicação e à filosofia da diferença para compor um território de escrita em um funcionamento ético-político. Cartografando um procedimento capitalístico na contemporaneidade que promove modificações nos processos de produção de subjetividade. A pesquisa mostra a capacidade do capital em transformar-se e adaptar-se a fim de estar produzindo uma subjetividade que esteja sempre dependente de sua produção, seja na forma de uma necessidade ou até mesmo de uma ideia de sociedade. O texto acompanha o amálgama da tecnologia com o capital e as formas de viver que esse encontro produz; rebanhos digitais; uma vida social baseada em uma grande dívida, a perda da intimidade banalizada pela rede de internet, a produção de um corpo e de uma imagem como produto. E esse corpo atravessando uma sociedade que oscila entre a disciplina e o controle. No entanto, com Deleuze e Guattari e outros intercessores, o trabalho apresenta os blogs literários como planos diferenciais, capazes de explorar possibilidades, experimentar a composição de uma outra perspectiva de relação. O trabalho mostra a www e os blogs literários como signos de dispositivos tecnológicos ávidos de outros tipos de relação. Uma forma de resistência às produções capitalísticas que moldam as formas de estarmos na vida. Para realizar o estudo, optamos como percurso metodológico pela pesquisa qualitativa contemplando a cartografia. Para o processo de coleta de dados nós produzimos um blog chamado “Uma”Escrita, e nós enviamos convites online pelas redes sociais na internet para aquelas pessoas que se sentissem interessadas em participar de uma experiência de escrita. A análise de dados possibilitou percebermos que grande parte das pessoas que navegam na internet não tem conhecimento das várias possibilidades que a rede oferece, também ficou evidente que o ato de escrever em rede assusta muito. A escrita é tratada como uma ação sofrível e árdua, e que inclusive nos cursos de Letras das universidades, o ato de escrever se distancia e muito de uma atitude ético-estética de criação. O presente trabalho resiste a isso e propõe uma estética textual e forma de expressão e conteúdo agenciadas no/pelo ritmo de uma escrita literária que se reinventa por entre os caminhos de uma contemporaneidade tecnológica.

**Palavras-chaves:** blogs, escrita, formação, subjetividade, educação

## Abstract

This paper allies with literature, information and communication technologies and the Philosophy of difference to compose a territory of writing and ethical-political functioning. Mapping a contemporary capitalistic procedure that promotes changes in the subjectivity's processes of production. This research shows the ability of capital to become and adapt in order to be producing a subjectivity that is always dependent of its production, either as a necessity or even an idea of society. The text follows the amalgamation of technology with capital and the ways of living that this meeting produces : Digital herds; a social life based on a large debt, the loss of intimacy trivialized by the internet network, the production of a body and an image as a product. And this body crossing a society that oscillates between discipline and control. However, with Deleuze and Guattari and other intercessors, this paper presents the literary blogs as differential plans, able to explore possibilities, try composing another perspective of relationship. The work shows the www and literary blogs as signs of technological devices eager for other types of relationship. A form of resistance to capitalistic production that shape the ways that we are in life. To conduct the study, we chose as methodological approach the qualitative research considering the mapping. For the process of data collection we produce a blog called "Uma" Escrita, and we send online invitations through social networks on the internet for those people who feel interested in joining a writing experience. Data analysis enabled us realize that most people who browse the internet are not aware of the various possibilities that the network offers, it also became clear that the act of writing in the networking scares a lot. The writing is treated as a sufferable and arduous action, even in Letters' course of universities, the act of writing, moves away from an ethical-aesthetic attitude of creation. This work resists at this and proposes a textual aesthetics and a form of expression and content agencied in / by the rhythm of a literary writing that reinvents itself through the paths of a contemporary technology.

**Keywords:** blogging, writing, training, subjectivity, education

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2.PROCESSOS CRIATIVOS?.....</b>	<b>9</b>
<i>"Quer dizer que você está interessado em processos criativos, é? perguntou ela, olhando-o como havia anos não o olhava. Então vamos para casa, meu caro; vamos criar."</i>	
<b>3.CAMINHANDO. ESCRREVENDO. EXPERIMENTANDO.....</b>	<b>13</b>
<i>"Como sabe que não sou louca?" Perguntou Alice. "Só pode ser", respondeu o Gato, "ou não estaria aqui."</i>	
<b>4.PRODUÇÃO E SUBJETIVIDADE: O HOMEM EM TEMPOS PÓS-MODERNOS..</b>	<b>22</b>
<i>"E você ficaria pasmo com o número de bicicletas que são meio-humanas, quase metade gente, quase partícipes da humanidade."</i>	
<b>5. DISTÂNCIAS.....</b>	<b>24</b>
<i>"Me parece que se deveria escutar o tique-taque."</i>	
<b>6. PRODUÇÃO: HOMEM E IMAGEM.....</b>	<b>29</b>
<i>"... o que importa não é tanto o acasalamento ou o degolamento, mas o acasalamento e o degolamento de suas imagens límpidas e frias no espelho."</i>	
<b>7. PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO: SOBRE ILUSÕES.....</b>	<b>35</b>
<i>"Tio, os conceitos de nação mudaram. O que vale agora é o internacionalismo. A multiplicidade. Aqui é um pedacinho."</i>	
<b>8. ESCRITA E SAÚDE.....</b>	<b>38</b>
<i>"Conto muitas histórias ao mesmo tempo porque desejo que em torno desse relato sintam-se a presença de outras histórias, até o limite da saturação..."</i>	
<b>9. DOS CHAPELEIROS EM NÓS: TEATRALIZAÇÃO DA GUERRILHA.....</b>	<b>43</b>
<i>"O banquete, portanto, acabava de romper as últimas amarras que o ligavam ao mundo normal. O banquete tomara o freio nos dentes."</i>	



<b>9. ESCRITA E CAUTELA: SOBRE O CHAPELEIRO.....</b>	<b>46</b>
<i>"Se esse instante passou das frases vãs e doidas,/Que outras direis, então?"</i>	
<b>10. BLOGS E REDES SOCIAIS: UM PROFESSOR QUE ESCREVE.....</b>	<b>51</b>
<i>"Fique tranquilo! Eu queria somente verificar se você ainda tinha confiança na minha massa cinzenta."</i>	
<b>11. CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>60</b>
<i>"Por que atrai meus olhos, ao longe, esse objeto?/Campânula brilhante a fascinar-me o olhar?"</i>	
<b>12. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: BLOGS COM INTERESSE LITERÁRIO.....</b>	<b>62</b>
<i>"Então sua língua se soltou e sua voz gritou numa língua desconhecida..."</i>	
<b>13.O DIÁRIO DE CAMPO, OU BLOQUINHODO CARTÓGRAFO.....</b>	<b>65</b>
<i>"À medida que eu ia lendo, considerava minha própria situação e meus sentimentos. Achava-me semelhante e, ao mesmo tempo, estranhamente diferente dos seres sobre quem eu lia e de cuja conversa eu era ouvinte."</i>	
<b>14. "UMA" ESCRITA.....</b>	<b>87</b>
<i>"O fim é o que está completo. O fim fica em frente. O fim é o que não retorna. O fim é o que se transforma. O fim está perto. O fim é um feto."</i>	
<b>15.REFERÊNCIAS.....</b>	<b>10</b>

## INTRODUÇÃO

### **Pensando, escrevendo, resumindo...**

*"Pensando bem, não há um princípio para as coisas e para as pessoas, tudo o que um dia começou tinha começado antes..."*<sup>1</sup>

Através de um estudo que procura aproximar-se de uma cartografia, estando o método cartográfico aliado a uma discussão mais geral de “crítica aos especialismos e aposta na transdisciplinaridade enquanto desestabilização do que se delimita como campo de uma disciplina”, (Kastrup et al. 2009, p. 202) este trabalho propõe a possibilidade de uma escrita que habita os espaços das tecnologias pós-massivas (Lemos, 2003) mais especificamente os blogs. Faz pensar caminhos outros para um tipo de formação que se relacione de forma mais intensa com as possibilidades advindas das novas tecnologias de informação e comunicação. Busca entender como os modos de vida das pessoas são afetados por estas tecnologias. Outra forma de sociabilidade? Procuraremos tensionar a ideia de Formação dentro dessa nova sociabilidade que vai se constituindo. Haveria uma possibilidade de pensarmos em um tipo de formação capaz de esquivar-se da pedagogização institucional? De que forma os blogs poderiam contribuir para este fim? Seria possível pensarmos no encontro de um professor de língua portuguesa com esses blogs como uma espécie de experiência de formação estética? Que fosse capaz de promover uma auto-formação através de experimentos com a Literatura e as Filosofias das Diferenças? Fazer refletir, problematizar e produzir conhecimento sobre a própria prática docente? Uma possibilidade de propor um blog literário como uma forma de resistir e questionar um modelo tradicional de formação e de educação? Não como um modelo a ser seguido ou instituído, mas como algo que nos tirasse do chão, nos fizesse parar de tossir e nos pusesse a pensar em como anda nossa vida, nossa prática como professores e como nos relacionamos com os saberes que nos constituem. Revitalizar dessa forma o interesse e a participação de professores e alunos, que além de dizer sobre, vivenciem nos encontros que fazem e no que escrevem a prática do próprio fazer literário. Experimentar a escrita e a possibilidade desses espaços virtuais para por em jogo outra forma de aprender e ensinar sem propor caminhos pré-estabelecidos ideais ou totalizantes? Talvez pensar neste gênero de blog como um espaço que permita uma escrita como experimentação literária e não apenas o escrever sobre Literatura e a língua.

## **2. PROCESSOS CRIATIVOS?**

---

<sup>1</sup> SARAMAGO, José. A jangada de Pedra. Record/Altaya. Rio de Janeiro. 1980. P.47

"Quer dizer que você está interessado em processos criativos, é? perguntou ela, olhando-o como havia anos não o olhava. Então vamos para casa, meu caro; vamos criar." <sup>2</sup>

Seria então, de agora em diante, conceitual. Seria personagem de si mesmo, para poder atravessar e ser atravessado. Para poder traçar em escrita a cartografia de sua experiência. Não que a carne já não estivesse afogada, perdida nela. Nessa cartografia. Mas a necessidade da escrita exigia esse deslocamento. Era preciso um corpo que se desmanchasse de acordo com a força e a fraqueza de um texto que se construía, também, na força e fraqueza desse corpo.

Escrever estava além de relatar, estava além de representar. Escrever era criar outra possibilidade. Escrever era provocar a existência de um impossível. Criar. E para escrever era necessária força. Era necessário tremer. E temer o próprio texto, pois estaria indo para além de qualquer representação. Como a menina que atravessava espelhos, como o marinheiro que se enroscava com o monstro marinho, como o escriturário que recusava o mundo, como o dramaturgo que dançava com os Taraumaras<sup>3</sup> suas dores e loucuras todas.

Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.86).

Era impossível para o *professor-escritor* dar início ao que pretendia sem mencionar a escrita como força propulsora, elemento que o arremessava. Potência que o eviscerava. Circunstância singular na qual *ele* era forçado a pensar.

Abordava de início a escrita, pois era dela que buscava dar conta. Sendo conceito, personagem. Seria também escrita. E precisava disto para lidar por dentro, através de uma micropolítica, dos discursos que configuravam o ato de escrever e suas formas de produzir subjetividade.

Precisava estar dentro para falar e pensar e escrever. Não mais como um cientista que observava o objeto pela ótica do microscópio. A distância do sujeito e do objeto seria unicamente a de uma dobra. A dobra deleuziana<sup>4</sup>. Fora e dentro. Uma coisa só. Teria que ser

<sup>2</sup> RUSHDIE, Salman. O último suspiro do mouro. São Paulo. Planeta De Agostini. 2003. p.129

<sup>3</sup> O autor se refere as personagens Alice de Lewis Carrol, Ahab e Bartleby de Melville e também a Antonin Artaud.

<sup>4</sup> DELEUZE, Gilles. A Dobra: Leibniz e o Barroco. Campinas, SP. Papyrus, 4ª Edição, 1991.

O barroco não remete a uma essência, mas sim a uma função operatória, a um traço. Não cessa de fazer pregas. Não inventa a coisa: já existiam todas as pregas procedentes do Oriente, as pregas gregas, romanas,

assim. O texto deveria ser a própria experiência que se construiria através da palavra que procuraria acompanhar um passo incerto.

Essa cartografia se iniciaria em um cruzamento. Perigoso cruzamento entre espaços. Ele, o *professor-escritor* seria o cruzamento, o ponto de contato e mutação destes espaços que eram *ele*. Umdeles era aquele que se produzia ao redor e no interior da escola pública, e de todas as forças que moviam e configuravam esse mesmo espaço. Gente que circulava dentro e ao redor dessa estrutura, e que era configurada e delineada por ela. Professores que assim como ele, eram produzidos dentro de um discurso que misturava frustração e cansaço, desânimo e esperança, e que se submetiam aos mandos e desmandos de uma estrutura molar que lhes cobrava produção e competência todos os dias. Neste primeiro momento, nesta parte *dele*, era uma realidade que balançava dentro dos ônibus e tremia diante da fragilidade estrutural de uma educação pública. Não era choro, devia expor sem nojo suas entranhas, pois delas era constituído. Etranhas verbais e discursivas. Tripas recheadas de frustração e do eco de palavras vazias. Era parte *dele*. Um outrodeslizava nos corredores da Academia, articulando ideias e discursos, produzindo artigos e monografias, propondo projetos de pesquisa. Outro percorria a potência das linhas da literatura. Escrevia contos, poemas, delírios em *blogs* e redes sociais de cunho literário. Texto. Essa parte era a mais viva. Vibrava nos encontros que aconteciam. Na busca de possibilidades para seu texto-corpo, ele começara a perceber os vários caminhos que a internet e as novas mídias de comunicação e informação podiam oferecer. Esta parte dele era atravessada por situações que antes nunca pensara. Escrevia, publicava, editava e, agora, também tinha voz. Podia entrar em contato, concordar ou discordar do que lia, ouvia e via. Tudo isso permitido pelas vantagens de uma época que perigosamente e de forma arriscada descentralizava, ou tentava, o poder.

E o espaço encontrado por esta parte dele eram os *blogs*. Espaços de criação e resistência. Começara a se envolver através das redes sociais, observava o comportamento dos alunos e amigos, a forma como estes se relacionavam, como as mídias de comunicação e informação começavam a determinar outra forma de sociabilidade. Apesar de compreender que frequentemente estas mídias eram usadas apenas como divertimento e matriz para o mesmo, ele pensava em usá-las para algo mais produtivo. Pensava na literatura e sua força. No poder de conexão da internet e sua força. Pensava na escrita dentro destes *blogs* como

---

românticas, góticas, clássicas... Mas ele curva e recurva as dobras e as leva até o infinito, dobra sobre sobra, dobra segunda dobra. O traço do barroco é a dobra que vai até o infinito (DELEUZE, 1991, p.13).

movimento de resistência aos totalitarismos dos grandes discursos instituídos. Resistir. Aprendera a construir *blogs* nas várias plataformas que ofereciam este tipo de ferramenta. Conheceras outras pessoas que lidavam com o assunto e que também tinham na literatura e na conexão da rede grande interesse e participação. E aprendia a cada dia a se reinventar através de seus posts na internet. E isso produzia modificações na sua forma de pensar e agir. A tecnologia começava a lhe fazer pensar sobre o conhecimento, a cultura, a política e sobre o que tudo isso mudava em seu próprio corpo-texto. Inclusive sobre sua forma de ser professor. O *blog* era isso. Um encontro com as forças de subjetivação, mas também era um caminho de resistência e luta. A literatura dentro desses espaços, para ele era lugar de respiração, de saúde.

Pensava no conceito de *encontro* e *agenciamento* de Deleuze e Guattari.<sup>5</sup> Na força que alguns bons *encontros* produziam. O que era o *blog*? Era um buraco no muro. Buraco no qual ele bebia pequenas porções de *caos*.<sup>6</sup> Remédio para sua tosse. Para sua falta de ar.

Dizia ser literário porque não era carne. De rebanho. Em momentos não era. Enquanto texto era outra coisa, se não a coisa que desejava pelo menos os espaços de proximidade dela. "O eu não é o que existe por trás da linguagem, mas o que existe na linguagem"<sup>7</sup>. Seria isso? Oferecer resistência a um modo de ser padronizante? Tentar desorganizar um *eu* pedagógico e funcionário público pela própria literatura? Sua própria escrita?

Espaços que tensionava como podia. Como conseguia. Dentro da única forma em que era mais forte que o próprio discurso que o capturava. Se resistia, era porque era texto. Louco e bêbado com Dioniso. Delirante. E aquilo não era fuga. De forma alguma era covardia. Era guerrilha. Indignação. Habitar Dioniso era estar em guerra. Era produzir guerrilhas. Cambaleiar pelas linhas do que escrevia. Copo de vinho na mão. Era produzir saúde. Sua própria saúde. Só conseguia produzir sentido embriagado, afogado. Era imprescindível. Necessário. De outra forma seria eco. Retrato. Representação.

Para pensar a escrita de uma dissertação o *professor-escriptor* se aproximava de um referencial teórico que acreditava dar conta dos temas e dos caminhos por onde andava. A *Filosofia da diferença* e seus autores. Principalmente Deleuze, Guattari e Foucault. O pensamento desses filósofos fazia com que pensasse sobre o que era. Nas forças que

<sup>5</sup> DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs; capitalismo e esquizofrenia. Vol.5. São Paulo. Ed.34. 1997. p. 88

<sup>6</sup>"[...] define-se o caos menos por sua desordem que pela velocidade infinita com o qual se dissipa toda forma que nele se esboça. É um vazio que não é um nada, mas um virtual, contendo todas as partículas possíveis e suscitando todas as formas possíveis que surgem para desaparecer logo em seguida, sem consistência nem referência, sem consequência." DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? São Paulo. Ed. 34. 1992. p. 153.

<sup>7</sup> LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascarada. Belo Horizonte. Autêntica. 2010. p. 25

oconstituíam. Nos poderes dos quais estava em relação e tensão. Nos dispositivos de subjetivação que compunham sua forma de vida e de saber. Também a Literatura estava muito próxima, na medida em que pensava o próprio texto como uma experiência estética.

A Filosofia da diferença trata de filosofia através de vários atravessamentos, cruzamentos. Com várias áreas do conhecimento; literatura, arte, ciência. Trata de criação e potência. Lida com a vida e de como nos constituímos como somos dentro dela. Campo de saberes aberto para encontros inusitados e agenciamentos frutíferos, para pensarmos sobre os modos de ver, ler e habitar esse espaço de incertezas que é a pós-modernidade.

É neste cuidado da experiência estética com o pensamento e o sensível, na atenção à capacidade sensível e razoável que nos constitui que talvez encontremos aquilo que nos seduzirá e nos impelirá aos inusitados recantos de uma formação para "refletir, problematizar e produzir conhecimento sobre a própria prática docente." <sup>8</sup>

O *professor-escritor* escrevia para dar conta, também, de suas práticas como profissional, avizinhava-se, portanto, de uma potência latente e pulsante de uma escrita que se fazia real. Sim. Real. Uma escrita em *devoir*, uma escrita que se aproximava do fazer literário, como *formação*, como saber, como conhecimento, como estética e por que não dizer como ética. O ato de escrever em seu *devoir* estava muito próximo ao conceito de *máquina de guerra*<sup>9</sup>. Pois nesse espaço de virtualidade e compartilhamento que a internet propiciava algo de revolucionário surgia. Fazia com que os homens buscassem uma forma sensível de perceber o mundo. Uma forma ética e estética de se portar, de habitar os espaços que eles mesmos abriam. Muito próximo ao que Pierre Lévy chama de *Aprendizagem coletiva*<sup>10</sup>. Dentro destes ambientes virtuais, a escrita, essa escrita literária ou próxima disso, fazia agenciamentos e produzia encontros com as mais diversas áreas do saber. Desestabilizando uma ideia totalizante em que o saber devia ser repassado através de uma hierarquia e através de métodos muito bem elaborados e disciplinados.

Um olhar mais atento para esses nichos virtuais de literatura latente, e sua forma de relacionamento rizomático, podia encontrar não uma salvação - O *professor-escritor* não estava falando em ufanismos e medidas heroicas para a Educação- mas dentro daquilo que

<sup>8</sup> FARINA, Cynthia. Políticas do sensível no corpo docente - Arte e Filosofia na Formação Continuada de professores. Revista Thema. 2010.07(01), p.6.

<sup>9</sup>"Não basta afirmar que a máquina é exterior ao aparelho de (de Estado), é preciso chegar a pensar a máquina de guerra como sendo ela mesma uma pura forma de exterioridade, ao passo que o aparelho de Estado constitui a forma de interioridade que tomamos habitualmente por modelo, ou segundo a qual temos o hábito de pensar." DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia, vol.5. São Paulo. Ed. 34. 1997

<sup>10</sup>Lévy, Pierre. Cibercultura. São Paulo. ED.34. 1999. P. 173

Silvio Gallo (2008) chama de uma *Educação menor*, fazendo um deslocamento do conceito de *Literatura menor* de Deleuze, propor outros olhares e práticas. Experimentar novas formas de produção de conhecimento, mais voltadas e próximas à arte e ao sensível.

A própria área da Filosofia começava cada vez mais a pensar sobre e com essa nova possibilidade, propondo inclusive debates pertinentes sobre a relação entre real e virtual e o uso adequado ou não às várias formas do saber. As próprias Universidades começavam a se voltar para esses temas e suas implicações na formação subjetiva das comunidades. Na introdução da obra *Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação* (2009) as autoras Adriana Amaral, Raquel Recuero e Sandra Montardo apontam alguns eventos acadêmicos voltados para o tema: Blogs: e Redes Sociais e Comunicação Digital (Feevale, 2007 e 2008), *Blog Talk* que acontece desde 2003, o ICWSM (International Conference on Weblog and Social Medias) desde 2004 e o encontro Nacional e Luso Galaico sobre weblogs que acontece todos os anos em Portugal. Assim como também enumeram listas de discussões sobre o assunto que se desenvolvem em eventos como Compós, Aoir (Association of internet Researchers) ABciber (associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura) e Cibercultura da UFBA entre outras. O *professor-escritor* lembrava também da Universidade Estadual de Maringá que a partir do seu Departamento de Letras, além de outros projetos interessantes, editava a revista JIOP (Jornada Interartes Outras Palavras) fruto do Projeto Outras Palavras do mesmo Departamento, que propiciava a interação da literatura com as outras artes, e que interligava a revista a um *blog* de um dos professores do curso e também um dos editores da própria revista. Promovendo, não só a divulgação, mas provocando os participantes do projeto a interagir com as matérias. E também em um movimento rizomático, buscava contato com outros *blogs* e outros autores e professores que escreviam. Dando voz a essa literatura "virtual/marginal" que circula pela internet. (O *professor-escritor* fazia parte do último número da revista).

### 3. CAMINHANDO. ESCRREVENDO. EXPERIMENTANDO

*"Como sabe que não sou louca?" Perguntou Alice. "Só pode ser", respondeu o Gato, "ou não estaria aqui."*<sup>11</sup>

Há uma personagem. Conceitual. Pensaremos por intermédio dessa personagem. O *professor-escritor*. Amálgama do pesquisador, do professor público e de um pretense escritor.

---

<sup>11</sup> CARROL, LEWIS. Alice. Edição comentada. Rio de Janeiro. Zahar. 2002, p.63

É com ele que o texto se dobrará, rasgará, emudecerá. Uma mistura de texto acadêmico, literatura, filosofia. Ironia e angústia. Tentaremos problematizar as questões que implicam, provocam e promovem oscilações na forma como as pessoas se relacionam com seus saberes e sobre o que é exigido deles na contemporaneidade. Atuação, posicionamento; os riscos que essa contemporaneidade propicia se igualam às possibilidades que ela oferece? Nossa personagem buscará, então, passo tímido, mas decidido, pensar outra ideia de formação. Nessa viagem, a mochila será a própria pele.

Nem saco, nem mala para encher, preencher de novidades. Os pesos da informação, do conhecimento, já não interessam tanto. A velocidade com que Hermes nos põe a par do mundo nos condiciona em seu discurso, limita o espaço da visão e da audição desse mesmo mundo. Palavras e palavras.

O professor público está cansado. O pesquisador ávido por aprender, o escritor desvairado e alucinado. Todos abraçados constituindo nossa personagem. Nossa personagem escrevendo. Quase em desatino. "Na leitura ou na escrita, o *eu* não deixa de se fazer, de se desfazer e de se refazer." <sup>12</sup> Eis o *blog*. O espaço desta modulação. Dessa oscilação de uma escrita que não busca identificar, reconhecer ou validar algo já referenciado. Caldeirão de bruxo. Copo de bêbado. Veneno.

Dimensões. Esse *professor-escriptor* tentará atravessar as dimensões exatas de algumas áreas do conhecimento, em uma caminhada para além da lógica, passos que procuram certa distância de um raciocínio pré-definido e já dado, em que está firmemente plantada uma prática e um pensamento linear.

Buscaremos nos passos e na escrita dessa personagem que se perde na virtualidade dos *blogs*, através de contos e textos que almejam alguma vizinhança com o literário, dar conta de uma formação que pense os saberes deste profissional para além da cientificidade.

Nossa personagem empreenderá uma cartografia através de um modo de produção subjetivo que envolverá e tensionará aqueles conhecimentos científicos que a seu ver produzem uma forma bastante pobre de se estar no mundo.

Esta personagem escreverá. E em sua experiência de escrita e publicação em *blogs* e *sites* de interesse literário, forçará um caminho que busque certa distância dos saberes acadêmicos e do tipo de formação originado daquele espaço específico.

---

<sup>12</sup> LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascarada*. Belo Horizonte. Autêntica. 2010. p. 40



Oficina de quebrar palavras. Estará atento ao que lhe acomete, ao que lhe excita. E pensará isso através de sua produção escrita. Uma atenção ao sensível. Uma atenção à sua própria produção, sua escrita, como uma forma de tomar consciência de si e das relações que faz com os outros.

*Ele* pensa no desejo de escrever. Nesse exercício inacabável de lidar com a palavra. Com o que ela diz e com o que ela cala. Há um sorriso nos lábios. Pensa em como levar esse sorriso para outros. Seria possível?

Tem a ver com desejo. Pondera. Mobilização desse desejo em si mesmo como forma de propiciar outras formas de lidar com os processos de formação docente.

Sorri mais uma vez ao refletir sobre a possibilidade de desestabilizar as formas pedagógicas, formas nas quais está encravado, incrustado, tijolo no muro. Poderia gerar outras formas de relação com o que animava sua experiência docente?

Convites. Convidar amigos a tentarem literatura. Sorria. A literatura como saúde. Ética e estética. Escrita criativa. Dizer era fácil. Mas e a prática? Propor reuniões, saraus literários? Criar uma revista literária e publicar contos, poesias, novelas, romances? Transformaria todos em escritores? Claro que não! Mas assim como escrever em um *blog* movimentava e transformava os modos de produção de saber com os quais *ele* se relacionava, alguma coisa poderia mudar também em outras pessoas como *ele*. Atuar no sensível. Na formação do sensível. (Parecia que estava ouvindo sua orientadora).

Seria uma experiência estética aquela sua relação com *blogs* e seus textos? E esta sua relação poderia produzir conhecimento sobre sua própria prática docente?

O *professor-escriptor* começa a se preocupar. Seria monomaniaco como a personagem Ahab<sup>13</sup>? A cada página que escrevia pensava *nessacoisa* de *blogs*. Internet. [www](http://www). Monstro branco. Ameaçador. Mobilizador de sua jornada. Como pensar em um *blog*, em redes literárias para além de um uso didático? Não queria trabalhar com os textos dos alunos. Não que isso não fosse interessante. Mas não era isso. Tinha a ver com outra coisa. E essa coisa era a forma como lidava com a vida. Sua prática como professor. A relação com os amigos, com o que lia, via e escrevia. Mas e os *blogs*? O que tinha a ver com isso? De início o silêncio. Um problema. A resposta não vinha. Engasgada. Perdida. Só a tosse. A garganta arranhada e a ansiedade. Mas era ali. Havia tantos outros caminhos com respostas mais fáceis. *Masele* não queria uma resposta. Queria uma experiência. Tinha que amadurecer essa ideia.

---

<sup>13</sup>Personagem de Herman Melville, capitão do baleeiro Pequod que perseguia a baleia branca Moby Dick.

Lendo Gilles Deleuze, um dos intercessores principais de sua escrita e de seus estudos, se deparara com *Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia*. Pensava na palavra *derrame*, fazer água, molhar o texto, naufragar o texto acadêmico em sua própria produção, seus exercícios literários nos *blogs*. Então seria isso. Derramaria seus contos e textos nas páginas do trabalho acadêmico. Sorria agora. Talvez chorasse mais tarde. Mas chorar tinha a ver com derramar...

E se perguntassem o motivo, a intenção, o objetivo desses derrames?

Em multidão, vocês novamente empregam inserções em itálico e partes que são descritas como excursos. Em *Império*, as inserções significam uma homenagem ao uso que Espinosa faz dos escólios na *Ética*, e são espaços que se abrem para maneiras diferentes de interação com as ideias do livro. As inserções em *Multidão* têm a mesma função formal? (BROWN; SZEMAN, 2006, p.106)

O *professor-escritor* lembrava-se do texto *O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negridos autores* Nicholas Brown e Imre Szeman publicado na revista *Novos Estudos número 75 em Julho de 2006*. Hardt e Negri eram questionados sobre o uso de escólios e excursos em seus dois trabalhos *Império* (2001) e *Multidão* (2005). O *professor-escritor* ainda lembrava o efeito daqueles pequenos textos dentro da obra dos autores. Como eles de alguma forma mexiam com a forma de entender o texto, de ler. Pensava em fazer alguma coisa parecida. O que escrevia era um trabalho acadêmico, mas queria esse texto como a bolachinha *Madeline* de Proust:

Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadia-me um prazer delicioso, isolado, sem a noção de sua causa. (PROUST, 2003, p.48)

Só que para o *professor-escritor* não era o tempo, mas a Literatura. Os pequenos textos. Contos e crônicas inseridos no trabalho pretendiam se avizinhar da sensação da *Madeline* na boca de Proust. Era assim que ele, o *professor-escritor*, pensava as inserções de seus textos no corpo da pesquisa. Mas e a resposta dos autores à pergunta inicial?

As inserções em *Multidão* realmente têm a mesma função, novamente como o escólio para Espinosa, de interromper a discussão e se aproximar do assunto por outra perspectiva. Cada inserção realiza isso de modo diferente. (BROWN; SZEMAN, 2006, p.106)

Então era isso. O *professor-escritor* buscava um formato estético ao seu texto que possibilitasse alguns buracos. Pausa para uma *Madeline* com chá. Ou como se esse mesmo cidadão na hora do seu chá clicasse em links no texto que lia e saltasse para outro espaço, tempo, texto. Mas que de alguma forma ainda fizesse reverberar alguma coisa do texto

principal da pesquisa. Caberia ao leitor buscar essas relações de vizinhança. Em alguns isso era evidente, noutros nem tanto.

**Derrames:** *Outro lado*

Estavam todos. Como o dele. Ali. Pendurados-encravados-talhados na parede.

Mesmos e iguais de olhos e bocas e sorrisos tantos.

Tolos. E sorriam com dentes de argila e cimento. O sorriso coletivo pedia o dele. Ali também. Troféu.

E a parede ofegava. Arfava de emoção que estava e era.

Comer com dentes a carne singular e defecar pelos poros de sua instancia o rosto reconduzido, reformado. Emoldurado no senso; comum a todos.

Alisadas todas as arestas. Moldado rosto. Formatado rosto. A cara de todos um.

E era o muro. E apertava a carne. Prosaica serpente. Muro. Murro na cara. Vários, tantos quanto necessário ao processo de docilização-domestificação.

E eram as bocas todas que cantarolavam inocentes pequenos versos morais. Entre tremores labiais. A conformação do riso. Deterioração do ser riso.

Comprometidas visões. Parciais. Caricaturais.

Subtrair a carne. Arrancar o rosto. A cara. Do muro. Em urro em berro em dor. Subtrair o corpo da clausura. Furo, brecha, rachadura, fissura, fenda. Senda de possibilidades todas.

Diferença. Além da crença do rito do grito.

Pela fresta, buraco, vago, espaço da cabeça que não está. Esbraveja a criatura-muro, o poder se esvaindo no espaço que abraça o além do amém.

Amem a segurança da pedra! Vocifera a fera. Amem o abraço da pedra. O afago da pedra. O carinho da pedra. Voltem pra caverna!

Mas o corpo-carne-cara dele em pés e braços e pernas tantas e todas; novo corpo des governável parido pelo espaço que se produz na rua ganha todos os passos.

Impura rua além do muro. A antítese do muro corre, foge e luta. Em marcha que se distende, corpo que se pretende-lágrima que se desprende.

Mas eis que das outras caras todas. Seguras na estrutura ecoam. Profundas canções. Graves acusações.

“Tu! Tu!” E salivam conformidades ofendidas, seguranças ameaçadas. Cuspe. Argilosa baba.

“Tu! Tu!” Móbil criatura. Nua criatura. Carne pura! Morre! No gesso do meu catarro!

Morre em estátua crua! Morre em estátua crua! Te junta. Dissolve. Transforma. Volte ao barro-greda-argila-cimento-grade. Abandona a carne. Abraça a fome do muro. Ouve o murmúrio! Ouve o murmúrio!

O murmúrio do tijolo. Ouça a sinfonia, o encanto, a poesia... O discurso do muro!

Resiste. Osso-pele-poro-suor e dor. Solto salta, pula e escolhe a fresta-frincha espaço e mergulha. Agulha que trespassa. Trapaça à tessitura do muro. Agulha sem linha - só a de fuga.<sup>14</sup>

Primeiro veio a ideia de explicar os contos e textos. Tentar aproximá-los das partes da dissertação que escrevia. Justificá-los. Dizer por que estavam ali. Qual a intenção. Fazer ligações plausíveis com o referencial teórico. Mas como estava atento aos amigos, ouviu do lado alguém dizer:

O poder está também nesse burburinho que não nos deixa respirar. E muitas vezes, até mesmo na maioria das vezes, o poder está em todas essas incitações que nos fazem falar. Mas que nos exigem falar como está ordenado, segundo certos critérios de legitimidade. (LARROSA, 2010, p.48)

Seria sobre isso que *ele* estava pensando e tentando escrever? Sobre a possibilidade dos *blogs* abrirem algumas brechas nesse modo ordenado de dizer as coisas? Possibilidades de burlar esse *critério de legitimidade*?

Ele pensava. E doía a cabeça. Poderíamos pensar em um *silêncio*, uma espécie de silêncio dentro de um veículo, ferramenta, dispositivo como os *blogs*, que lidavam quase que exclusivamente com esse burburinho? Não sabia. A literatura dentro desse espaço, desse ambiente, conseguiria produzir esse silêncio? "Uma escrita silenciosa produz uma atenção concentrada e algo assim como um estar voltado para si mesmo. Mas tem também outra qualidade não menos importante: fazer com que o mundo apareça aberto". (LARROSA, 2010, p.49). Tudo bem, o *professor-escritor* ainda nem sabia se sua escrita conseguiria calar alguma coisa. Mas no momento isso não era importante. Era importante essa intenção. Aproximar-se disso. Tentar isso. Experimentar. Mesmo que se produzisse outra coisa. Ele sorria.

Então não explicaria, nem justificaria seus textos derramados. "Abrir o mundo". Poético e assustador. Ousada e temerária tentativa de abrir o mundo. Os textos tentariam produzir *aquele* silêncio. Mas já estava explicando... Justificando...

---

<sup>14</sup>Texto publicado inicialmente na revista literária "Literatura em Debate" disponível em <<http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/22L6.pdf>> depois publicado no blog/revista literária Letras et Cetera: <<http://nanquin.blogspot.com.br/2010/10/outro-lado-ronie-von-rosa-martins.html>>

Havia começado. Intimamente, sorria a personagem. O professor assombrado pela literatura e pela escrita. Derramava sobre sua dissertação de mestrado sua própria escrita produzida em seus *blogs*. Espaços virtuais. O que é o virtual?

Hã... Sim, ele não estava sozinho, ao seu passo em deslocamento, outros caminhavam juntos. Vozes, discursos e ideias. Para a viagem. A cartografia. Fizera convites. Toda ajuda seria necessária.

Porém... Enquanto a personagem esperava na estrada um interlocutor que lhe respondesse a questão, ajuda, diálogo, o outro, buscava em livros; usar Lévy ou Deleuze? As certezas não estavam presentes. Só a dúvida. Optar por Deleuze. Sim. Pierre Lévy, aos seus olhos, parecia uma grande otimista em relação às mídias e tecnologias. Deleuze seria melhor. Ir à busca então. Internet e livros. Lévy seria mais fácil. Livros sobre a mesa, riscados, sublinhados. Mas não. Deleuze.

O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma realidade plena enquanto virtual... O virtual deve inclusive ser definido como uma estrita parte do objeto real - como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual, e aí mergulhasse em uma dimensão objetiva. (DELEUZE, 1998, p.269)<sup>15</sup>

Por que essa coisa de virtual agora? Ele pensava. E escrevia. Era uma escrita que habitava outro espaço, outro tempo. O tempo do agora. Olhava para os lados e percebia as mudanças que se operavam no mundo, na sociedade, nas pessoas. Dedos frenéticos deslizando sobre superfícies luminosas, informação. Gente falando sozinha pelas ruas. Fones atacadados aos ouvidos. Imagens estranhas. Discursos que se desprendiam da intimidade e agrediam um mundo que não desejava ouvi-los. Telefones que já não falavam nem escutavam, mas fotografavam, filmavam, cantavam, eram dicionários. A informação. Muita informação. Crianças interligadas com a rapidez e o acúmulo da comunicação e da informação. Conexão. Todos conectados. Redes sociais ‘bombando’, o próprio ser humano se auto-reconstituindo, peça por peça. Coração, rosto, perna, braço. Olho. O físico corpo em franca reconstituição, mas não sem um preço. Uma taxa. Uma moeda para *Caronte*. Atravessar o rio. A outra margem. Aqui. *Cibercultura*.<sup>16</sup> Para os que não possuíam o capital, cem anos de espera. No limbo.

<sup>15</sup> ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro. Versão eletrônica, Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e informação. Ifch-unicamp. 2004. Op. Cit. P.51

<sup>16</sup> “Resumindo, a *cibercultura* dá forma a um novo tipo de universal: o universal sem totalidade. E, repetimos, trata-se ainda de um universal, acompanhado de todas as ressonâncias possíveis de serem encontradas com a filosofia das luzes, uma vez que possui uma relação profunda com a ideia de humanidade. Assim, o ciberespaço não engendra uma cultura do universal porque de fato está em toda parte, e sim porque sua forma ou sua ideia implicam de direito o conjunto dos seres humanos.” LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo. Ed. 34. 1999. p. 122

Não era uma questão, portanto, de ser a favor ou contra, conjeturava o *professor-escritor*. Era. Ponto final. Renegar, opor-se, virar as costas. Não. Não era assim. Pensava em uma espécie de micro-resistência. Por dentro da coisa. Produzir sua guerrilha no estômago do bicho. Equilibrar-se perigosamente no topo da onda enorme. Acreditava nisso? Sim. Afirmava com a cabeça enquanto caminhava. Sim. Tinha que acreditar. Estava cansado. "Pede pra sair, pede pra sair!" lembrava-se do filme brasileiro<sup>17</sup>. Não ia pedir. Não era uma deserção que pretendia, pelo contrário, queria lutar. Tinha gana, vontade, até mesmo indignação. Muita indignação. Dizia-se um indignado. Mas não era um mero revoltado, daqueles que odiavam tudo e todos, e recusavam por recusar. Tinha mais a ver com um jeito de resistir a certa forma de aceitação geral. Conformidade. Conformação. Fatalismo. Era assim. Tudo bem. Era. Mas podia ser de outro jeito, ou se não podia. Poderia haver a revolta, a excitação da guerrilha, o tensionamento das ideias e das práticas. Indignar-se para propor outro jogo. Ou jogar mais uma vez, até a exaustão. Lembrava-se do filme *Cool Hand Luke*<sup>18</sup>, 1967, onde Paul Newman desafiava todos e tudo com um sorriso irônico nos lábios. *Dragline*. A célebre luta de boxe. Resistir. Neste momento o professor sorria. Pensava mais uma vez nos 50 ovos que a personagem comeria só para ganhar uma aposta. Personagem Original:

[...] é preciso, sobretudo não confundir os verdadeiros Originais com os personagens simplesmente notáveis ou singulares, particulares. Os particulares, que podem ser muito numerosos num romance, têm características que determinam sua forma, propriedades que compõem sua imagem; recebem a influência de seu meio, e uns dos outros, de sorte que suas ações e reações obedecem a leis gerais, conservando cada vez um valor particular. [...] Cada original é uma potente Figura solitária que extravasa qualquer forma explicável: lança flamejantes dardos-traços de expressão, que indicam a teimosia de um pensamento sem imagem, de uma questão sem resposta, de uma lógica extrema e sem racionalidade. Figuras de vida e de saber, sabem algo inexprimível, vivem algo insondável. (DELEUZE, 1997, p. 95,96)

Sabia nossa personagem, que estava no outro grupo, mais para um Ismael<sup>19</sup> ou para o advogado de Bartleby. Era particular. Jamais comeria os 50 ovos e no primeiro murro pediria trégua. Não havia uma *fórmula*<sup>20</sup>. Mas gostava de se avizinhar dessas forças. Carregar as baterias. Um *professor-Lanterna verde*. Mas não era herói. Pelo contrário. Tinha em mente

---

<sup>17</sup>Tropa de Elite. Direção e produção de José Padilha. Zazen Produções e a Paramount Pictures, 2007. DVD.

<sup>18</sup>Rebeldia Indomável.(Cool Hand Luke). Direção de Stuart Rosenberg. Produção de Gordon Carroll. Warner Home Video 1967.DVD.

<sup>19</sup>Personagem de Herman Melville do livro Moby Dick.

<sup>20</sup>Referencia ao livro "Bartleby, o escrivão, uma história de Wall Street" de Herman Melville.

essa coisa do não-heróico. Inclusive no que escrevia. E escrevia muito. E pensava muito. E se perdia muito. E gostava. Gostava de perder-se pelos buracos que achava que fazia. Desejo?

Pois bem, ali estava a personagem. Movendo-se pelos anéis da grande serpente de Deleuze.

A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos, mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*. (DELEUZE, 1992,p.222,223)

Para dar luz às trevas. Iluminar. A ciência elege um novo centro. Um novo deus. A mente. Eis a Modernidade. *Fiat lux!* As sombras são escoraçadas pela verdade advinda do pensamento moderno. Alcançar a verdade. Precisão. Conhecimento verificável. Método científico. Dividir e classificar: conhecer! Resgatar o conhecimento enclausurado nos mosteiros e explicar a natureza pela ciência. Porta singular e única para adentrar ao mundo da verdade. Neste palco colocado, os atores gritavam a palavra de ordem: *EU! EU!*

Lanternas em riste, sabres de luz - neste momento (a personagem) estava com um pensamento cinematográfico - valorizados pela coragem cortante de suas mentes radiantes e investindo tudo na individualidade de um *sujeito*, erigem uma sociedade baseada na disciplina, na vigilância, no condicionamento das pessoas a horários e espaços de trabalho, estudo, lazer.

Mesmo usando certo tom irônico, nossa personagem percebia a importância da Modernidade dentro daquilo que ela mesma buscava. Romper com um período que via o mundo como um lugar extremamente perigoso e pecaminoso e que a salvação para o homem estaria em um mundo ideal e transcendental. Deus.

Então veio a ciência e a lógica. A racionalidade. O certo e o errado, o universal. O modelo, a medida, a certeza. A *glacialidade* de um pensamento que a tudo colocava a prova. Estabelecer relações possíveis e lógicas para as fragmentações produzidas.

Desmistificar as sombras. Explicar, presumir e entender.

O *professor-escritor* pensava. E escrevia. Sentia ainda o facho da grande luz. Aquela que afugentou as sombras. Ainda sentia essa luz sobre suas práticas, sua forma de agir e ser. Racionalidade e certeza. Dar respostas, buscar a verdade. Sorriu. Tudo o que fazia agora, era de uma forma bastante singular, afastar-se dessa busca. Da verdade. O sentimento que lhe passava nesse instante era o de um adolescente que pela primeira vez ficará até mais tarde na rua. Noite. Ou em casa escrevendo em um blog? Criando um mundo? Produzindo literatura?

Questionando os modos de produção de saber? “*Há outros homens em mim, além desse paciente asno sentado aqui de paletó de tweed. O que estou fazendo, neste papel de asno paciente de paletó de tweed? Com quem estou falando? Quem é você? No outro extremo da minha paciência?*” (LAWRENCE, 2012, p.22)

Era um professor-funcionário público. Às vezes mais funcionário que professor. Sabia. Sentia isso. Em forma de frustração algumas vezes, outras vergonha. Mas tinha lá seus arroubos. Mas não bastava. Aquilo não bastava. Tinha que por em jogo. Arriscar. Tremer. De medo e excitação. Arrancar-se do muro. Como no primeiro texto *derramado*. Furtar o rosto do muro. Amassar o rosto. Desfigurá-lo para resistir à padronização identitária. Saltar esteticamente sobre os chifres do touro e gritar: Olé!

Mas então veio a inundação.

#### **4.PRODUÇÃO E SUBJETIVIDADE: O HOMEM EM TEMPOS PÓS-MODERNOS**

*"E você ficaria pasmo com o número de bicicletas que são meio-humanas, quase metade gente, quase partícipes da humanidade."*<sup>21</sup>

Carne e imagem oscilam. Assim como as estruturas que representavam e davam significado a certo corpo e a certa imagem desse corpo.

Corpo que se modifica. Que também é fábrica. Produtor e produto. Corpo-capital para além do físico, os sentidos que o sustentam; o pensamento que o dispersa e faz convergir. Oscilações contínuas que envolvem, fazem mudar o formato e a condição de existência. E também sua forma de ser e estar em sociedade. Uma sociabilidade se desenvolve e é desenvolvida pela presença real desse corpo. Também da imagem que se recria para ele, com ele.

A vida, ou a produção e a manipulação da própria vida tornou-se objeto de interesse do capital. Mas já não falamos de uma vida confinada aos espaços restritos das fábricas e da sua força física de produção, regulado por um determinado tempo de trabalho. (FOUCAULT, 2007, p.124) Assim como a indústria, dentro de um paradigma econômico que suplantou o outro, no qual a economia se concentrava na agricultura e na extração de matérias-primas, percebemos a *formação contínua*, ou a produção de uma subjetividade que se constrói dentro de uma perspectiva em que o capital se sustenta da oferta de serviços e de uma rede de informações que tem o manuseio de determinados tipos de discursos. O *professor-escritor*

---

<sup>21</sup>O'Brien, Flann. O terceiro tira. Porto Alegre. L&PM. 2008, p. 89



pesquisava e compreendia que se a modernização tinha a ver com a industrialização, agora podíamos pensar de outra forma, pois os processos e dispositivos pós-modernos, em uma vida informatizada, produziam forças de subjetivação e sociabilidade que estavam delineando os modos de produção do social.

A progressiva automatização das indústrias acabou desvalorizando a mão-de-obra operária, desembocando numa crise aguda e estrutural do emprego em nível mundial. Paralelamente, a globalização dos mercados vem provocando profundas mudanças na geopolítica e debilitando o protagonismo dos Estados-nação. Estes processos se vinculam, também, a um esvaziamento do âmbito político, incluindo a privatização dos espaços públicos, a desativação dos canais tradicionais de resistência e contestação, e um clima de desmobilização em todos os níveis. (SIBILIA, 2002, p.25)

O capital já não se encontrava na indústria. O dinheiro agora circulava pela rede, o poder já não estava depositado em um espaço delimitado, demarcado. A grande estrutura física, o peso dessa estrutura começava a se tornar obsoleto e antiquado. Solidez preocupante, constrangedora. Difícil manter a saúde de tão monumental estrutura. É dispendioso, é arriscado manter castelos industriais. Buscava-se a fluidez e a velocidade. O desapego e a audácia são adjetivos que se grudam nos novos empresários. Ousadia. Palavra ecoada em um discurso que transforma o homem no empresário de si mesmo. Funda uma nova subjetividade, que esconde o fracasso social e credita a ruína de uma existência única e exclusivamente ao indivíduo. A sociedade se *desresponsabiliza* da subsistência e sucesso; é o indivíduo que detém em sua mão o futuro. É dentro desse espírito que a empresa busca seus empregados. Homens dispostos a produzirem e crescerem com a empresa. Agora há uma alma. Não a do homem, mas a do empreendimento. E o homem deve estar avizinjado dessa alma, desse desejo e objetivo. Parceiro, sócio na empreitada de crescimento produtivo.

Não se buscava mais uma mão-de-obra confinada a fábrica. Pelo menos não predominantemente nos países que figuram como centros financeiros. Essa mão de obra. A fábrica foi pouco a pouco dispensada para países subdesenvolvidos. É lá que o corpo físico vende sua força e se prostitui por salários de miséria. Aqui o *professor-escritor* parou. A palavra miséria fez com que pensasse no próprio salário. Salário estatal. Na boca uma espécie de sorriso e lamento. Se estava fora do grande *muro moderno*, por que se sentia tão asfiziado? Seria por isso que tossia muito? Engasgado? Existiriam outras formas de sufocação? Irritação. Em momentos de crise de tosse, o *professor-escritor* pensava no silêncio. O ruído era algo constante em sua vida. E muitos tossiam. Tossiam muito. Mas não percebiam, ou não se importavam. Tosse verbal, vernácula. A necessidade do 'dizer algo'. Ele não queria dizer nada, mas era obrigado a cuspir seu verbo. Ou morria. Seria isso? Uma maneira de

reconfigurar sua tosse. Sua inquietude. "... dar forma com palavras à inquietude que atormenta sua voz quando essa voz se esvaziou de todas as palavras que poderiam aliviá-la de seu desassossego." (LARROSA, 2010, p.26)

*Blogs. Blogs...* O problema persistia, insistia, zombava. Voltaria aos estudos, à jornada. Ao caminho. Estar atento. Como diziam seus alunos: "Estar ligado."

A produção estava estritamente conectada com os interesses de um grande mercado controlado pelo capital de grandes empresas privadas. Neste contexto, os países e estados estavam perdendo terreno, perdiam força e poder político. O capital privado investia pesado sobre todo o organismo estatal e tomava das mãos deste o gerenciamento e manutenção de importantes setores da sociedade; saúde, educação, comunicação e informação, pavimentação, segurança, transporte, lazer... Tudo acabava transformado em produto e oferta.

Um conceito é dado ao trabalho que se desenvolve nos grandes centros econômicos de poder. Negri e Hardt (2001) chamam a essa modalidade de trabalho de *imateriale* distinguem três tipos específicos: o primeiro seria a própria produção industrial que sofreria um processo de informatização e que mudaria a estrutura da própria produção. O segundo estaria dentro de um trabalho baseado em tarefas analíticas e simbióticas; manipulação inteligente e criativa e no trabalho simbólico de rotina, e o terceiro teria a ver com a produção de afetos no contato humano, quer seja virtual ou real.<sup>22</sup> Para esses autores, eram estes três tipos de trabalho imaterial que impulsionavam a pós-modernização da economia global.

Estar atento. Pensava o *professor-escritor*. Era velho demais para grandes inocências. Tinha que perceber em que tipo de terreno estava para produzir suas trilhas, seus caminhos outros. Quando pensava em seus textos lançados nos *blogs*, começava a perceber também os processos e forças que estavam envolvidos. O que mudava e o que era feito para manter tudo igual.

Espaço. Lugar. Quando pensava em seus *blogs*, as palavras que lhe vinham à cabeça eram essas. E pensava. E escrevia.

#### **4.DISTÂNCIAS**

*"Me parece que se deveria escutar o tique-taque."*<sup>23</sup>

<sup>22</sup> HARDT, Michel e NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro. Record. 2001.p.314

<sup>23</sup> BECKETT, Samuel. Esperando Godot. São Paulo. Cosac Naify. 2005. P.89

Para entender como se relaciona o homem com o espaço de seu trabalho dentro dessa perspectiva pós-moderna, é interessante perceber geograficamente a descentralização da produção e do próprio trabalhador. Em uma transição anterior a que nos encontramos, na transição do paradigma industrial, houve um movimento intenso de corpos que se deslocavam dos campos e de uma cultura/economia agrícola e de extração para cidades-fábricas. Aglomerando ao redor destas, desejos, anseios, medos e esperanças. Manchester, Osaka e Detroit. (HARDT; NEGRI, 2001)

Toda eficiência daquele paradigma econômico dependia da proximidade de vários espaços de produção que estavam conectados com a fábrica e tinham a ver com seu bom desempenho.

A fábrica era o núcleo. A vida fervilhava e dependia de sua manutenção e poder. Empregado e patrão eram conceitos muito bem definidos, e ambos disputavam tipos de poder. Politicamente, se enfrentavam sindicatos e grandes donos de empresas. Dentro desse panorama o mundo era dividido em classes. O *professor-escritor* lembrava-se das salas de aulas nas quais trabalhava. Filas, ordem, todos sentados... Professores tão condicionados quanto os alunos. Parou. Tinha que parar. Pra pensar na tecnologia. Não conseguia parar de se interromper. Sentava no caminho juntava os amigos e perdia-se. A questão agora era: como se constituía o pensamento dentro desse contexto em que estava? Afinal de contas quem pensava? Para Deleuze o *pensar* era uma coisa muito difícil. Arriscado até. Mas começava a se questionar sobre uma forma mais geral do pensamento. Seria pelo motivo de entender o espaço dos *blogs* como espaços para lidar com alguma coisa que pusesse em xeque uma forma normatizada de lidar também com sua prática em aula?

[...] Quem pensa? Não há mais um sujeito ou substância pensante, nem "material" ou "espiritual". O pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações. (LÉVY, 1993, p. 135)

E voltava para seu texto, para as dicotomias de um período onde bandeiras e discursos repletos de ideologia e palavras de ordem ecoavam agressivos tentando persuadir e seduzir a massa de trabalhadores:

Na transição para a economia informacional, a linha de montagem foi substituída pela rede como modelo de organização da produção, alterando as formas de cooperação e comunicação dentro de cada lugar que produz e entre os lugares de produção. (HARDT; NEGRI, 2001, p.316)

Quando a economia se pautava pela produção de fábrica, havia uma necessidade de ordenação física dos operários dentro das oficinas. Era essencial para seu bom desempenho o

poder sobre a mão-de-obra. Controlar e vigiar os corpos produtivos do operário. Era necessário que eles estivessem próximos. A força estava no número de pessoas que trabalhavam em um mesmo espaço e em horários determinados por tempo também determinado de esforço laboral.

Não foi com muito espanto que o *professor-escritor* entendeu que aquela era a mesma lógica espaço-temporal da escola. Era assim que trabalhava.

Nessa lógica onde se encontrava, o *professor-escritor* percebia que estava ilhado. Também a escola. Estrutura muito sólida. Sua prática também? Sua formação?

Destroços de uma modernidade que insistia?

Estavam ilhados. Inundação. A informatização da economia e da indústria não necessitava de aglomerações. Os indivíduos não precisavam mais ser confinados - alguns permaneciam - a rede tomava o lugar da linha de montagem e outro modelo de organização da produção surgia. Nesse processo uma rede de cooperação entre os lugares de produção através da internet processava uma nova forma de composição do corpo do operariado. As distâncias já não causavam grandes problemas, e o tempo de trabalho agora era o tempo da vida. Já não havia necessidade de um espaço específico e um centro físico para essa nova rede de cooperação no trabalho.

A concepção de indivíduo como "empresário de si mesmo" é objetivo do capital como a máquina de assujeitamento. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari, o capital age como um formidável ponto de subjetivação constituindo todos os homens em sujeito, mas alguns, os capitalistas, são sujeitos de enunciação, enquanto outros, os proletários, são sujeitos de enunciado assujeitados às máquinas técnicas. (LAZZARATTO, 2011, p.44)

Neste novo espaço, aberto, deslizante em que o empregado pós-moderno se constrói, dispositivos de subjetivação agem sobre ele, monetarizando sua criatividade em prol de uma nova forma de capital. E esse capital produz neste indivíduo uma estranha sensação. A de escravo e patrão de si mesmo. Neste paradigma econômico, o homem é capitalista e proletário ao mesmo tempo.

Água. Irrigar alguma aridez. Ou afogar definitivamente.

**Derrames:** *O verbo suprimido*

Foi em um dia normal. Qualquer dia de normalidade próxima ao abismo. Mas normal. Todo o dia é dia. E ponto. E acabou. O dia. No ponto. Exato ponto onde já não é mais dia...

Então ele parou. Opção pensada. Doença cruel e irremediável. Loucura advinda de genes moralmente abalados de um passado obscuro.

Obscuro era o motivo, a razão da ausência do verbo na boca de Ermiliano Girondino. O silêncio, tal como demônio que possui corpo abandonado de alma, dominara todos os ecos e vibrações sonoras do corpo de Ermiliano. A língua estava morta. Já não havia sibilações, vibrações... Como o demo, o som havia sido excomungado para infernos outros. As cordas já não vibravam nem tiniam.

E assim Ermiliano, vulgo seu Liano, continuava sua vida, agora balizada por um silêncio que era seu, mas que por onde passasse mais silêncio assim somava o dele e o do outro e o daquele que ao não ouvir a voz alheia, cansado de a sua ouvir calava o som exterior e falava no cérebro, pra dentro da cabeça e a voz dormia na língua que já não batia.

Na rua, cumprimentava o povo com os olhos grandes e castanhos, e a intensidade e nuances destes determinava seu humor.

A mulher, ainda longe da velhice, mas já bem distante da mocidade, nos primeiros tempos chorava e implorava para que ele falasse. Ele sorria. Mexia a cabeça afirmativamente ou negativamente. Afiava carinhosamente o rosto da esposa e dormia sorrindo.

Nos eu silêncio ela foi. Com a filha e o filho. Táxi na porta. Malas e maletas. Desilusão e lágrima. Ainda na cama Ermiliano dormia. E no seu sono ela ia embora. A família emudecera. Já não havia mais.

Então resolveu que o escritório não era adequado para o seu silêncio. Deitou na cama e fez a grande recusa. Desligou o rádio. A televisão.

Um dia, percebido na sua ausência que permitira a sua percepção, recebeu a visita de um colega de trabalho. O outro falou. Falou. Argumentou de todas as maneiras que pôde. Nada conseguiu. No telefone chamou outro amigo, e outro. Em seguida uma emissora de TV local. Todos falavam. Todos perguntavam. O verbo se enroscava entre as línguas. Libidinosas. O verbo lambia o silêncio de forma imoral. O verbo possuía. Estuprava, violentava. Poluía. Ar, rio, matas e cérebros. O verbo se inscrevia nas árvores e as apodrecia, infiltrava-se nas intenções e tudo deturpava ao seu interesse.

Preso e de olhos esbugalhados diante daquele circo de horrores, Ermiliano pensava em chorar. Pensava em morte, suicídio. Seus olhos tentavam através de códigos vários, nuances infundáveis se comunicarem com os outros. Mas ninguém ouvia os olhos de Ermiliano. Ouviam só o que diziam. Comiam suas próprias palavras. Alimentavam-se da própria carne.

Fotos. Muitas fotos retratavam Ermiliano. A imagem. A imagem e o verbo infernal. Ambos em prol da representação de Ermiliano Girondino.

Já não era ele. Seu Liano que estava ali. Mas sua representação. Resumido em pequenos textos, consumido em artigos pessimamente elaborados. Retorcido através de uma ótica doentia e perversa. Difamado em letras simplórias que construía um Ermiliano bufão e engraçado. Um bobo? O verbo recortava o perfil. Definia o psicológico. A imagem, correndo atrás, focava o olho excludente de sua visão parcial nos objetos que poderiam significar algo além do que significavam.

A mulher foi encontrada para dar entrevista, ficara famosa. "A mulher do homem sem voz. A mulher do homem mudo. A mulher do sem voz. A mulher do silêncio." E agora já não chorava. Falava. Possuída pelo verbo. Proferia frente às câmaras fotográficas e aos gravadores sua triste história junto ao marido.

Rejuvenescera. Comprara roupas novas. De alma vendida. Como prêmio recebera as benesses da mídia. Dinheiro, casa e alguns contratos.

Sem o mérito da defesa e ausente de voz verbal. Seu Liano foi colocado em um manicômio. Louco.

No primeiro dia tímido, mas já no segundo começou a grande revolução. Coisa nunca antes vista. Falava com os olhos. E os outros entendiam. E tudo começou a silenciar. Vasto e grandioso. Denso e poderoso. O silêncio começou a tomar conta de todos e de tudo. E o verbo começou a ser esquecido. A palavra abolida.

O manicômio era como um grande "buraco negro" na rua, espaço da anti-matéria, e logo em seguida toda a rua começou a emudecer. As pessoas já não queriam falar. Já não havia interesse. O verbo doía, soava estranho em bocas que se contorciam e gargantas que se espremiavam em guturais sentidos.

Passado alguns anos um grande silêncio tomara conta de tudo, e o discurso agora era do silêncio. Os gestos eram mais bem entendidos, as expressões faciais estudadas e interpretadas, tratados sobre as nuances e significados do brilho dos olhos eram escritos. As proximidades eram mais pretendidas que as distâncias. Então os manicômios perderam sua importância e Ermiliano voltou para casa.

Foi em um dia normal. Qualquer dia de normalidade próxima ao abismo. Mas normal. Todo dia é dia. E ponto. E acabou. O dia. No ponto. Exato ponto onde já não é mais dia... Então ele parou. Opção pensada. Doença cruel e irremediável. Loucura advinda de genes moralmente abalados de um passado obscuro. Obscuro era o motivo, a razão da presença do verbo na boca de Ermiliano Girondino.

Então falou.<sup>24</sup>

## 5. PRODUÇÃO: HOMEM E IMAGEM

“... o que importa não é tanto o acasalamento ou o degolamento, mas o acasalamento e o degolamento de suas imagens límpidas e frias no espelho.”<sup>25</sup>

Palavras. Muitas. Às vezes ele pensava em calar. Raspar o quadro. Limpar os clichês... Seria *eleum* clichê?

Continuaria. Depois de fazer aquele breve e panorâmico voo sobre a transição e associação de um paradigma industrial para outro informacional da economia e do capital, o *professor-escritor* começava a prestar mais atenção ao seu redor, nas pessoas que habitavam o seu tempo e o seu espaço.

Assim como o ambiente social havia se modificado, percebia também que o próprio corpo humano também se modificava. Insuflado por forças e discursos que delineavam uma nova forma de estar no mundo, o homem começava a se voltar para o próprio corpo. Havia uma tecnologia que lhe abria novas possibilidades. Enfrentar o tempo, resistir à morte, produzir-se. Recriar a vida. O olho maquinava e os cérebros brilhavam.

Dentro deste novo espaço em que o capital tinha como aliado a informática, as telecomunicações e as biotecnologias, ele percebia também como estes saberes constituíam quem habitava esse espaço líquido<sup>26</sup> e movediço.

Lewis Mumford apresentava o conceito de *megamáquina* ou *era da Megamáquina*:

Es que los componentes de tal máquina, aunque funcionaban como un todo rígidamente integrado, ocupando diversos y distantes espacios, por lo que resultaba entonces una "máquina invisible"; en cambio, cuando se utilizaba para realizar trabajos concretos al servicio de propósitos colectivos supremamente organizados, la denominaremos "máquina de trabajo"; y cuando se aplicaba a terribles acciones de destrucción y coerción colectiva, merece el título, usado todavía hoy, de "máquina militar". Y cuando debamos referirnos a todos sus componentes, tanto políticos y económicos, como los burocráticos y monárquicos

<sup>24</sup>Texto derramadodoblog Devir <<http://ronieev.bloguepessoal.com/231964/O-VERBO-SUPRIMIDO/>> publicado em um sábado, no dia 5 de dezembro

<sup>25</sup> CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo. 2003. P 56

<sup>26</sup>Para saber mais sobre o conceito de "sólido e Líquido" ler *Modernidade Líquida* do sociólogo Zigmunt Bauman da editora Zahar. 2001

lallamaremos "la megamáquina", es decir: laGran Máquina. (MUNFORD, 1967, p.1)

E o *professor-escritor* fazia algumas considerações e relações com o conceito de *sociedade disciplinar* elaborado por Michel Foucault (FOUCAULT, 2007). Ambos situavam-se no período em que o capital ainda era baseado na indústria. Mas o *professor-escritor* começava a perceber o traço de um caminho que atravessava as tecnologias que iam das leis mecânicas e analógicas para as informáticas e digitais, indicando as transformações que a economia global sofria através dos computadores, telefonia móvel, redes de comunicação, satélites e toda a parafernália teleinformática que surgia, contribuindo para uma reconfiguração das subjetividades do século XXI<sup>27</sup>.

*Ele* sentia o fascínio que a tecnologia exercia no próprio corpo e se perguntava sobre a capacidade imponderável desta de produzir possibilidades. O corpo físico do homem era o campo inexplorado que produzia o desejo de produção e reconfiguração.

Em suas leituras e buscas pela internet o *professor-escritor* encontrara uma interessante teoria. Estaríamos em um período de transição de um período *prometéico* para outro período denominado *fáustico*. A tese era do sociólogo Hermínio Martins, fazia parte do livro *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*.<sup>28</sup>

Para os teóricos *fáusticos*, a técnica moderna e a ciência exata moderna não se limitam simplesmente a construir sobre anteriores realizações, antes implicam um corte radical com a ciência e a técnica anterior. Em certos aspectos, esta afirmação prediz algumas teses atualmente em voga respeitantes à incomensurabilidade dos sucessivos paradigmas cognitivos ou dos quadros categoriais e à radical variabilidade de sentido dos termos-chave da história das ciências naturais. (MARTINS, 1996, p.309)

O sociólogo português parecia dividir em duas as tradições que faziam uso das tecnologias e da técnica. A prometéica estaria mais aproximada do iluminismo e da utopia que inflamava os discursos e propunha a ciência e a técnica como uma forma de aprimorar o ser humano e sua vida. Ainda se submetendo às leis naturais, mas tentando de uma forma ou outra corrigir pequenos erros "de percurso". Já a tradição fáustica parecia não ter limites. Já não bastava aprimorar. Mas havia agora um interesse maior. Criar a própria vida. Reconstruir um mundo. Os limites estavam quebrados, as impossibilidades da ciência, da técnica e da tecnologia eram colocadas como marcas a serem atingidas e alcançadas.

<sup>27</sup>SIBILIA, Paula. O homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro. RelumeDumará. 2002.p.12

<sup>28</sup>MARTINS, Hermínio. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*, Lisboa, século XXI, 1996.



O autor, ao final de um artigo publicado na revista *Lua Nova* nº 40/41 de 1997, terminava o texto fazendo uma espécie de alerta à *tiranias das possibilidades tecnológicas*.<sup>29</sup>

Tiranias...

Para trás, para trás, para longe da vida. Nunca um homem detestou instintivamente a vida humana, nossa vida humana, tal como a vivemos, mais que Melville. E nunca um homem esteve mais apaixonadamente repleto de sentido da vastidão e do mistério da vida não humana que ele. Ele só pensava em olhar para além de nossos horizontes. Em qualquer direção, em qualquer direção que estivesse fora de nosso mundo. (LAWRENCE, 2012, p.191)

A literatura vinha. Estava sempre. Uma forma estética de pensar? Ética? Força? Loucura. Às vezes. Lawrence se referia a Melville e na sua impossibilidade de continuar em terra. O mar lhe gritando e acenando. Homem do mar, criatura marinha. Tirania da terra? Melville seria uma daquelas personagens originais nas quais Deleuze se referia anteriormente? Nestes novos tempos que se distendiam, se esticavam sobre o homem, drogas, remédios, *games*, sexo, jogos, beleza, comida... Tudo isso acabava tiranizando o corpo desse homem e suas relações com o mundo.

### **Derrames:** *O homem consumido*

Os olhos em lágrimas que jamais-não-chorariam na pele da cara sua, brilhava no rosto da cibernética outra criatura. Quadrada forma de intenso devorar a ação. Preso. E junto todo o resto e entorno. A carne mastigada em luz, cuspidada em sites, cortada em sítios, a imagem rápida; diversa. De tudo quanto é nada. Um nada presentificado, construído dentro e que se expande gradativamente. Outro mundo?

Plano de nova realidade. Multifacetária, plurinacional, multiplicável a falácia do discurso total. Todos os discursos, todas as palavras, todas as vozes, todos os rostos. O mundo todo. Mas apenas uma face. Tua. Fascinado. Seduzido. O passado e o futuro te habitam. Tens a vã ideia que te ensinam que te informam, mas a rapidez com que alimentam teus desejos de saber e prazer não condiz com a possibilidade do teu corpo e da tua carne humana. Te constrói através dos retalhos, dos trapos das informações mal ingeridas que compõem teu alimento. Excremento?

E da sensibilidade que pretendias ter do mundo e das coisas que o mantém, o que consegues é o mais comum de todos os sentidos. A tela da máquina que és brilha intensa.

---

<sup>29</sup> MARTINS, Hermínio. Tecnologia, Modernidade e Política. *Lua Nova*. 40/41-97

Queres lágrimas para chorar... Buscas na máquina os sentimentos... Queres imagens para lembrar... Na máquina... Queres inclusive os prazeres que da carne pertenciam anteriormente? Busca na máquina o orgasmo virtual; corpos constituídos e produzidos na ilusão da imagem consertável, sexo da palavra pura, sexo discursivo, dialético, prazeres da contemporaneidade.

O cérebro. Empanturrado de informação, prazer e brilho. Mas o corpo, em seu triste estribilho resmunga... E os verbos dominados pelo Estado rejeitam e renegam a ação. A física dos corpos está contida na luz digital, no som das teclas que constituem um outro plano... Matrix? A ficção? E tudo aquilo que era o homem já mais não o é. Toda a filosofia, a sociologia, a religião, a moral, a ética, a medicina, a educação, até a política... Devorados. Consumidos pela bocarra virtual.

Dragão contemporâneo. Ame-o ou morra encéfalo! O papel, investido de novo vilão das instancias naturais do nosso real, é acusado violentamente da miséria em que vivemos. Abaixo o livro! O texto deve ser livre... O papel é a prisão do discurso, do verbo... Digam não ao papel!

E limpam, sem exceção, o mundo inteiro, suas bundas... Magras e gordas, raquíticas ou fartas... E correm para a luz, a nova religião, o mais novo vício...

E estamos todos ligados. Energia que nos conecta, veias elétricas que nos transforma numa grande entidade midiática, por fim o verdadeiro uno. A criatura final. Nossas vidas depositadas em caixas, nossas imagens expostas ao universo, nossos segredos vendidos como mercadoria. Já não somos o que éramos agora somos o que nos tornamos... E nos tornamos o que querem que sejamos. Somos Frankenstein. Somos fotos, filmes, palavras escritas... Conseguimos por fim eliminar a morte.

A grande vitória. O corpo perfeito, a criatura perfeita. A tecla é pressionada e seu texto é arquivado e enviado pro mundo inteiro. Sua imagem é salva das decrepitudes do tempo. Você sorri. Está satisfeito. Eterno. Só falta o peso. O corpo. Sim... É claro. Um estalido seco. Uma gota de sangue na tela do computador. E a grande criação está livre...<sup>30</sup>

O *professor-escritor* entendia que a Modernidade não havia conseguido manter a promessa de progresso e de uma vida melhor. Nesta sociedade que se agarrava às promessas de uma tecnologia que fosse trazer melhorias para os indivíduos, via-se proliferar a miséria, a guerra e o individualismo. Rachaduras imensas colocavam em risco esta estrutura. Entrava em declínio o projeto *prometéico*.

---

<sup>30</sup>Texto derramado da Revista Entrementes disponível em <http://entrementes.com.br/2011/10/o-homem-consumido/> acesso em 15 de outubro de 2013.

*Ele pensava sobre o texto postado. Um homem consumido pela máquina.*

Devemos, pois, partir da transformação da produção em infoprodução, isto é, produção de diferenças semióticas capazes de individuar complexos de objetos mentais, mas também capazes de mover processos materiais de transformação da matéria mecânica. Graças à digitalização, transforma-se todo o sistema de produção das mercadorias. As mercadorias revelam sempre mais um caráter semiótico, e o processo de produção e circulação das mercadorias é sempre mais redutível a seu caráter de comunicação. A comunicação, que no fundo é o que são a realidade, as novas mídias e a tecnologia digital, não é somente um setor da economia. A comunicação é a economia. (BERARDI, 2005. p.78)

Tudo que é o homem, agora, é economia? Produto? E está vinculado e veiculado aos discursos que configuram a forma deste homem pertencer à sociedade. Condutas e atitudes são reconfiguradas para se adequarem às novas exigências do capital e de sua produção de uma sociabilidade dependente de sua produção. Mudam, então, os interesses. Há um olhar que se desenvolve lentamente dentro dessa tradição, que busca não mais a verdade ou a um saber que desvende a natureza íntima das coisas, mas somente a compreensão dos fenômenos para exercer sua previsão e controle. No entanto, não devemos entender esse movimento como o fim de uma tradição e o início de outra. Ambas se enroscam se misturam e lutam ferozmente pela hegemonia de suas ideias.

Poderíamos insinuar, inclusive, que existe uma certa afinidade entre a técnica fáustica - com seu impulso para a apropriação ilimitada da natureza (humana e não-humana) - e o capitalismo, com seu impulso para a acumulação ilimitada de capital. Essa possibilidade parece estar atingindo hoje seu ápice, na corrida tecnológica que caracteriza a contemporaneidade e seu inextricável relacionamento com os mercados globalizados do capitalismo pós-industrial. (SIBILIA, 2002, p.48)

Assim como o próprio capitalismo, o projeto *fáustico* estendia seus tentáculos ao que anteriormente era tido como certo e exato, ou que não deveria ser importunado pelo homem. A distância geográfica era reduzida pela instantaneidade da informação, da imagem e da voz, as doenças eram pensadas através de uma possibilidade de cura quase infinita, (apesar da malária e a febre amarela continuarem sem pesquisas contundentes. Doenças de pobre?) o envelhecimento era recusado, protelado através de uma reconfiguração do próprio corpo com a ajuda da tecnociência. E finalmente, neste processo em que uma matriz sociotécnica<sup>31</sup> é definida, inclusive a morte começava a ser questionada. Tudo isso inserido em um sistema de capital que monetarizava todo e qualquer destes movimentos e investimentos. Tudo se

---

<sup>31</sup>Mais sobre esse conceito em SIBILIA, Paula. O Homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro. RelumeDumará. 2002. P.11

tornava questão de economia e era renomeado em seus termos. Toda e qualquer energia gasta para pensar e produzir era capitalizada e transformada em produto.

A tradição Prometéica liga o domínio técnico da natureza a fins humanos e, sobretudo, ao bem humano, à emancipação da espécie inteira e, em particular, das "classes mais numerosas e pobres" (na formulação Saint-Simoniana). A tradição Fáustica esforça-se por desmascarar os argumentos Prometéicos, quer subscrevendo, quer procurando ultrapassar (sem solução clara e inequívoca) o nihilismo tecnológico, condição pela qual a técnica não serve qualquer objetivo humano para além da sua própria expressão. (MARTINS, 97, p. 290)

Somos reconfigurados, ajustados, melhorados, refeitos pelo Dr. Fausto, mas há um preço. Nada é de graça. Devemos pagar. O fluxo ininterrupto do dinheiro deve continuar. É essa lógica que congrega o social.

Os indivíduos tornaram-se "dividuais", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "bancos". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas ou ouro - que servia de medida padrão-, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moedas. (DELEUZE, 1992, p.222)

O *professor-escritor* lembrava-se de suas leituras. *Post-Scriptum*. Lembrava-se da primeira vez que lera aquele texto. Deleuze afirmava que o homem originário de uma sociedade que ele denominou como *sociedade de controle*<sup>32</sup> seria ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. A grande dívida. Tínhamos, agora, o *escravo de si*, pois ele habitava o vivente, seu imperativo e modo de produção de ambos. Um homem endividado, conectado e dependente dos fluxos monetários que através da produção do desejo e do crédito fácil, aprisionavam as massas nas malhas de um capitalismo Fáustico.

Era também ele. O *professor-escritor* um escravo de si. Um endividado. Olho na folhinha esperando o dia do pagamento. Pagar contas impagáveis. A grande dívida.

Maurizio Lazzarato (2011) faz ver que para o mercado atual, não é a troca o elemento destacado, mas sim a concorrência. Afirma o autor que é a concorrência como princípio de organização do mercado e da sociedade que é o objetivo das forças empreendidas pelo capitalismo. A concorrência gera a desigualdade, a empresa produz sonhos, ilusões e dispositivos de subjetivação que vão delineando e re-configurando os homens e mulheres.

O *professor-escritor* pensava novamente em sua escrita e nos *blogs*. Na internet. Estava surpreso com tudo que estava lidando. O contato com as possibilidades advindas desse novo meio eram como o estranho mundo criado por Flann O'Brien no livro *O Terceiro*

<sup>32</sup> Para entender mais sobre Sociedade Disciplinar e sociedade de Controle ler *Vigiar e Punir* de Michel Foucault e o capítulo *Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle*, do livro *Conversações* de Gilles Deleuze.

*Tira*(2008). Pensava também no filme *In time* (2011)<sup>33</sup>. No livro, O'Brien mostrava uma realidade onde os homens e as máquinas acabavam se misturando (entenda-se máquina como bicicleta). Quanto mais o homem usava a bicicleta, mais se amalgamavam os corpos, chegando a não sabermos mais o quanto de humano tinha uma bicicleta, ou quanto de bicicleta tinha o homem. Só a polícia conseguia fazer tal distinção. Já no filme renomeado no Brasil como *O preço do amanhã*, somos apresentados a uma sociedade em que o dinheiro, agora, era o próprio tempo. Literalmente. Vendíamos nosso tempo de vida. Ou comprávamos mais tempo.

Ele, o *professor-escritor*, escrevia, publicava no seu *blog* e em seguida fazia alguns links dos seus textos para redes sociais. Propaganda? Divulgação? Também. Diante de tantas imagens e rostos produzidos no *fotoshop*, seus links ficavam quase afogados. *Um estranho no ninho*.

Percebia que nesse processo de abarcar todas as possibilidades, toda a vida. Esse capitalismo fáustico-pós-moderno, capturava até mesmo a imagem do homem e a transformava em energia monetária. Todos estavam ali. Quase todos. Milhares de rostos. Quase as mesmas poses, os mesmos sorrisos. As mesmas caras de mau. Os jovens, mas não só eles, estavam definitivamente capturados pelas redes sociais.

## 6. PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO: SOBRE ILUSÕES

*"Tio, os conceitos de nação mudaram. O que vale agora é o internacionalismo. A multiplicidade. Aqui é um pedacinho."*<sup>34</sup>

Havia um discurso desenvolvimentista que compreendia, abarcava e produzia (também) essa nova condição social, esse novo período histórico, essa tradição dita *fáustica* - o *professor-escritor* gostara do conceito. Da palavra mesmo. Algo mitológico, um *quê* literário, meio trágico - que delineavam as pessoas, através de modos de subjetivação, outra forma de relação com o mundo, com a sociedade e consigo mesmo.

O eco deste discurso fazia com que a maioria dos países seguisse um mesmo padrão de desenvolvimento econômico através da história. Afirmção de que cada país teria um

---

<sup>33</sup>O preço do amanhã (In time). Direção de [Andrew Niccol](#). Produção de Eric Newman [Regency Enterprises](#), [New Regency Pictures](#), [Strike Entertainment](#). 2011. DVD.

<sup>34</sup> BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Não verás país nenhum. São Paulo. Global. 1985. p.73

tempo e uma velocidade diferentes, mas que todos atingiriam um determinado crescimento se tivessem como modelo os grandes países e suas economias.

É dentro desta visão que os pequenos países produzem desigualdades em busca de uma igualdade econômica. Mas os contextos históricos não seriam outros? As condições de poder e manipulação de informações também não eram diferentes?

Hoje tudo estava conectado, interligado. Havia um grande mercado gerenciando o dinheiro que nunca estava em um ponto fixo, dinheiro-fluxo. O professor lembrava do filme *Cosmópolis* (2012)<sup>35</sup> de David Cronenberg.

*Ele* percebia que estar a par destes processos que configuravam nossa forma de existir dentro desse período histórico não era pouco. E que se não tínhamos soluções imediatas para lidarmos com os problemas, pelo menos saber em quais os terrenos deveríamos produzir enfrentamentos e resistências já era um primeiro passo.

### **Derrames:** *Arturo Rezende e os óculos*<sup>36</sup>

Ao acordar precisava de um nome. Uma designação. Um rótulo. Precisava ser identificado. Identidade. Buscou, alucinado, a carteira no bolso da calça atirada despojadamente aos pés da cama. A cama era assim. Ela deturpava o ambiente em que se encontrava. Oferecia ao corpo consolo e abandono, prazer e descanso. Era então que o corpo, satisfeito com a promessa se despojava das armaduras sociais. Dos panos rituais que definiam condições e classes. Nu o corpo afundava na cama... Para acordar sobressaltado, apavorado. Pois já não era mais o tempo da cama. Era o tempo dos calçados. Dos passos rápidos e angustiantes. Era o tempo do movimento intenso... Ou nem tanto. Mas era o tempo do movimento. Dos discursos que copulavam, digladiavam. Dos discursos que morriam.

Arturo Rezende. Tinha se reencontrado. Agora voltara definitivamente do mundo insinuante e sedutor da cama. Sereia, ninfa do mar.

Ao chuveiro pensava na vida. “Como se um funcionário público tivesse muito que pensar”. Mas pensava, por incrível que pareça, além do funcionário público, além do chuveiro e além de sua condição.

---

<sup>35</sup>Cosmópolis.(Cosmopolis). Direção de David Cronenberg. Produção de Paulo Branco. Alfama Films, Prospero Pictures. 2012. DVD

Pensava sim. E muito. Só que os pensamentos de Arturo escorriam todos pelo ralo do banheiro. E depois que secava o corpo e vestia sua roupa de trabalho, e colocava os óculos, e apanhava a pasta, e tomava o café, sempre o mesmo café – meia xícara e duas bolachas salgadas - já não havia pensamento que resistisse ao árido corpo que ali se constituía.

Quem de perto pudesse observar melhor, perceberia que até aquele pequeno ar prazeroso que o lábio inferior de Arturo sempre fazia ao sair do banho, breve sensação de alívio e frescura; como se fosse puxado por mãos contrafeita ao prazer dos outros, esticava-se em uma boca hermeticamente fechada e árida. Soldados os lábios. As sobrancelhas enrugavam-se levemente e algumas rugas ainda não percebidas encrespavam a testa de Arturo. Arturo outro homem não o mesmo antes.

Ao chegar ao trabalho largaria seu casaco no encosto de sua cadeira de rodinhas e se poria a analisar avidamente os números. Revisaria, quantas vezes fossem necessárias, qualquer coisa que não precisasse de revisão. Faria apontamentos, relatórios que ninguém leria. Mas fazia aquilo tudo com prazer. Pois poucos tinham.

Perigosamente solteiro aos quarenta e dois anos, já havia acumulado um número de manias incapaz de permitir uma vida tranqüila com qualquer mulher normal. Por isso namorava Malva. Malva não era normal. Dona do armazém na rua onde Arturo morava, não era muito bem vista pela vizinhança. Nada honesta, diziam que inclusive superfaturada a mercadoria. Errava sempre a seu favor nos cálculos das compras e ainda por cima ostentava um decote tão imenso que quase obrigava os fregueses a – constrangidos – olharem para os lados ou para cima, para desviarem os olhos daquelas duas enormes obscenidades que se debruçavam sobre a caixa registradora. Foi isso que chamou a atenção de Arturo.

Com um pacote de bolachas salgadas na mão, dirigia-se ao caixa quando deparou com aquilo. Metáfora da luxúria. Sexo e dinheiro. Corrupção e economia.

Ele não precisou pagar as bolachas. Ganhou a mulher sobre a caixa registradora. Mas só a mulher. A caixa permanecia distante. Ele continuava pagando tudo. Malva não ajudava em nada. E ainda cobrava. Cobrava mais amor, mais carinho, mais dinheiro para passearem, para viajarem. Queria presentes. Queria um carro novo. Arturo começava a achar que não fizera bom negócio.

Mas a vida é ridiculamente irônica, estranha e essas coisas todas que dizemos quando não entendemos nada. Arturo cansou. Acordou um dia e decidiu que estava cansado. Quase conseguiu, mas quando colocou os óculos tudo voltou ao normal. Pensava até em dizer à

---

<sup>36</sup>Texto derramadodo *blog* Devir disponível em < <http://ronieev.bloguepessoal.com/211770/ARTURO-REZENDE-E-OS-OCULOS/>>

Malva que não queria mais os seus seios enormes e sua fome destruidora. Mas desistiu. Depois dos óculos seus lábios estavam selados para diálogos mundanos. Mas precisava das bolachas. De manhã. Quinze para as oito. Entrou no armazém da Malva. Silêncio incomum. Apanhou o pacote de bolacha e dirigiu-se ao caixa. Estancou. O assaltante como na tela do cinema, projetado nas lentes de seus óculos. Menor de idade. Arma poderosa, magro e fraco. Com a arma. Poderoso e alucinado. “O dinheiro, o dinheiro!”

Os olhos de Malva não denotavam medo, mas um ódio avassalador se pudesse trituraria o assaltante. Os seios fartos arfavam. O coração acelerado. “Calma aí meu senhor...” O meu senhor se endereçava a Arturo que, em pé, suava. Não consegui falar nada, dizer ou fazer nada. Os olhos de Malva ordenavam que agisse que saltasse sobre o meliante, que o agarrasse, que salvasse a caixa registradora. Impositivo era o olhar. O corpo de Arturo não mexia. Posição tão incômoda para ele e para o assaltante. “Vai pra lá cara, encosta no balcão!” E Arturo não conseguia. Petrificado juntamente com suas bolachas, permanecia em pé, estátua pública, a alguns passos do assaltante. “Já falei p...” no exato momento em que o delinqüente virava-se para agredir verbalmente Arturo, de sobre o balcão Malva saltou. Seios balouçantes, dentes trincados em fúria, braços abertos, unhas escancaradas. Um estampido surdo. Seco. E mulher e assaltante estatelaram-se no chão. Inertes. Ela com um enorme buraco de bala no pescoço. Muito sangue pelo chão. O assaltante. Magro e fraco. Morrera ao bater com a nunca no chão. Mortos. Os dois.

Arturo permaneceu quieto por alguns segundos. Tirou a carteira do bolso, arrancou a carteira de identidade e jogou-as sobre os cadáveres, tirou o casaco e largou no chão. Ao sair do armazém estava apenas de cuecas e de óculos. Não olhou para trás. E antes de deixar o lugar e adentrar pelo meio de centenas de pessoas que se aglomeravam para ver a cena, apanhou os óculos do rosto e o lançou para cima.

O objeto fez algumas piruetas e desmanchou-se na calçada.

## **7. ESCRITA E SAÚDE**

*"Conto muitas histórias ao mesmo tempo porque desejo que em torno desse relato sintam-se a presença de outras histórias, até o limite da saturação..."*<sup>37</sup>

Primeiro momento: apresentação da escrita e sua força. Sua loucura e seu desalinho. A necessidade de abrir a porta. Saúde para o corpo. Antes da instituição. Antes da Educação, um



copo de vinho. Uma valsa com Dioniso. Poesia e Literatura e Filosofia. Não mais o verbo ser. Agora somente a conjunção e...e...e....escrever. "Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser." <sup>38</sup>. Escrever por dentro do chapéu do chapeleiro Maluco, afogando-se no chá das seis. Vulnerabilizar-se, estar receptivo. Estar sensível aos espaços que constituem, habitam e são habitados por nós. Buscar a dobra, a rachadura; com o olho as mãos e as tripas e o sangue. E o grito e a raiva e a fúria. E o amor, e a calma e a sutileza... Mas buscar. Com o pensamento. Produzir novas formas, outras formas, diferentes formas de dar conta destes outros espaços que deverão surgir. Que no esforço da desordem surgirão. Inusitados espaços de vida e palavra. Inusitados espaços que arpoem incansáveis de Ahab e Artaud fazem nas construções lógicas. Nas estruturas sedentárias do Estado e na constituição de nossas próprias maneiras de existir.

Escrever como um grito (mesmo que um grito-de-silêncio). Intensidade e som, força e vibração. Dobrar o verbo, a palavra. Buscar no caos criativo e virtual, no curso de uma vida intensa, outras formas de agenciamentos. Outras maneiras de relação que possibilitem vida. "E o que seria pensar se não se comparasse sem cessar com o caos?" <sup>39</sup>

Pensar como e com o caos. *Ele* acreditava que para avizinhar-se desta ideia, seria necessário pensar outra forma de se relacionar com as pessoas e as coisas. Seria necessário para isso, beber do chá do chapeleiro, envenenar-se em seu chapéu <sup>40</sup>, ouvir, com atenção, as palavras dos loucos? São "outras" palavras, outros enunciados. Mas que também lutam nas dobras e espaços do impossível. Destituir o enunciado desta língua interior e anterior é como renegar a parte *bárbara* da própria linguagem, é aceitar a mera codificação e interpretação. A língua do louco é a língua nata do caos, pura, virtualmente sonora e vibrante, uma língua regida por Aion: falaria o caos pelos lábios dos loucos?

Cronos é o tempo da medida ou da profundidade desmedida, ao passo que Aion é o da superfície. Cronos exprime a ação dos corpos, das qualidades corporais, das causas, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos atributos, dos efeitos. Cronos é o domínio do ilimitado e infinito, Aion do finito e ilimitado. Cronos tem a forma circular, Aion é a linha reta. Sensato ou transloucado, Cronos é sempre profundidade, localizado e localizável, assinalado e assinalável. Aion é radicalmente

<sup>37</sup> CALVINO, Italo. Se um viajante numa noite de inverno. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003, p.113

<sup>38</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. São Paulo: Ed.34. 1995. P.37

<sup>39</sup> DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. O que é a filosofia. São Paulo. Ed. 34. 1992, p267

<sup>40</sup> "o mercúrio usado para preparar o feltro (agora há leis contra o seu uso na maioria dos estados nos EUA e em parte da Europa) era uma causa comum de envenenamento por mercúrio, o mercurialismo. As vítimas desenvolviam o chamado "tremor do chapeleiro", que afetava seus olhos e membros e tornava sua fala confusa. Em estágios avançados, desenvolviam alucinações e outros sintomas psicóticos." Notas de Martin Gardner no livro "Lewis Carrol. Alice, edição comentada. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002. p.63

atópico, ou “transtópico”, mas também, num certo sentido, condição de qualquer assinalamento temporal. (PELBART, 1998, p.72)

### **Derrames:** *O terceiro*

Compraria mais balas. 38. Pensou. Os corpos nos chão. 2. Dois deles. Os corpos. Família. Pai-mãe. Andaria onde o filho? Deveria estar ali. No morto chão. Chão de morte. Escaparia ao desígnio? Da morte encomendada, mandada, arranjada?

O cano quente. Fumegante. Lembrava o café preto da mãe. Idade tenra. Infância. Memória. Pão com manteiga. Mas no chão estava o presente. E o presente era o corpo. Dois. Dois corpos. Homem-mulher em morte unidos, sagrados-abraçados em medo ido. Ido agora com a morte. E a dor. Tranqüilidade do sangue. Lento escorrer. Esvair. Paz. Longe estavam de toda a merda da vida. Sorriu. Até que não era tão mau. Sorriu. Era sim. Sabia. Sabia no tremor prazeroso que sentia abalar suas carnes. Carne que tremia de felicidade enquanto ejaculava chumbo. Ereção perniciososa. Imoral. Era imoral? Ruborizava em seus pensamentos.

A casa. Pequena e miserável. Mais miserável que pequena. Os estampidos dos tiros fugindo – ainda – pelas aberturas. Som rasgando o silêncio do passado. Anteriores sonidos. Mas o povo não. O povo sabia. Ouvia o discurso do revólver. O verbo armado. Verbo-projétil-morte. E escondia-se. Inviabilizava a imagem, o semblante, o perfil, o corpo. Resumiam seus corpos ao medo. Aos espaços da invisibilidade. Da sombra. Sobra o não-corpo. O vazio. O nada. A rua pelada. Nua.

Pornográfica rua em silêncio imposto. Proposto. No sapato, um filete de sangue macho, vinha lhe beijar o bico. Arredou o pé. O da mulher em poça. Profunda. Afogaria o corpo? O olho fixo no outro. O dele. Não o que matava, mas o que morrera. Um no outro. Comovia-se? Não. Era mau. E sabia das coisas das mortes e suas friezas e cruezas. Matador. Era matador e pronto. Gente era bicho. Carne. Produto, presunto. E ponto. Sempre eram ponto final.

Nem tremia a mão que buscou o cigarro. O fogo. O olho brilhou imagens de distâncias anteriores. De antes da maldade adquirida, do gelo consumido na carne. Antes do olhar de matador. Do olho morto. Antes do advento da morte e apodrecimento da esperança, bondade e esse monte de merda que amolece, esmorece e esfarela no homem o cheiro do sangue. Sorriu. Era um filho da puta. Era sim. E gostava de ser. Gostava de ser mau. Chutou o corpo do infeliz no chão. Cuspiu no corpo da mulher. Tinha que fazer. Ritual para afastar sentimento qualquer. Sem sentimento. Só maldade. Tinha que ser. Pra viver. No meio dela. No meio da fúria. No meio das balas e das facas. No meio da traição e da miséria. Tinha quer

ser pior. Pior que os outros. Se alimentar deles. Da carne deles. Ser o diabo. Sim. Sorriu. Sorriu e estremeceu. O corpo todo. Ser o diabo pra toda a gente. Fazer o temor do nome e do semblante. Da memória e da constância.

Era bicho ruim. Carne que não se come. Voz que não se ouve. Sorriu. Circundou os corpos. Onde andaria o terceiro? O filho. A ordem era para os três. “Três corpos, três balas.” Seis mil e quinhentos. Era barateiro. Ainda mais para aquela gente infeliz sem eira nem beira. Cambada de morto vivo!

A mulher não era velha de idade, mas de corpo tinha toda ela. Os anos todos. Tempo como fogo que enruga e preteia a carne. A cara. Velha sim. O homem um traste. Magro e franzino. Fraqueza que extrapola a feiúra do nariz fino e grande e bigode preto largado e barba rala mal feita e sobrancelha grossa e queixo curto e olhos arregalados. Arregalados os olhos. Bem. Muito bem arregalados. Olhos de ver a morte na profunda estagnação do corpo. Alma indo. Céu ou inferno? Sorriu. Céu ou inferno?

Mas a ausência preocupava. Faltava um. E a ausência é uma falta e uma falta seria uma culpa? Uma falha? Onde andaria o fedelho? Sujeito oculto. Oculto na casa? A casa encobrindo calor, peso e forma do corpo. Procurado. Fora da casa. Fugindo?

Estaria na estrada, borrado em merda e lágrimas o fedelho? Choramingando a penúria da vida e a dor da perda? Não saberia ele que o mundo é perder? Que o mundo é o fracasso nosso? Que essa merda de mundo é dor? Não sabia ele? Por que não morria logo? Resumia a dor de todos. Sacrifício. Não era cristão? Que morresse como homem. Dádiva. Coragem. Desprendimento. Uma bala sem dor. Uma bala educada. Uma bala cristã e respeitadora. Silenciosa e carinhosa. E tudo acabaria. Acabaria tudo. União da família. Silêncio. Paz.

Mas não. Era teimoso. Ateu. Fugia da sina que era dele. O fujão. Que viesse de peito aberto em oferecimento, pureza e calma. Seria breve. Breve.

Mas eram só os dois no chão. E o sangue. E do outro lado a rua temerosa, medrosa, de portas e janelas apertadas. Gente que treme. Gente que treme é uma merda.

Abriu a porta. O cigarro esfumaçante. Caubói. Pernas abertas, mão no revólver. Ofensa à rua. Aos que tremem.

Foi então o cão. Ele. Preto e pequeno. Rabo a balançar sua indiferença. Língua sentindo o fora do corpo. Fora do corpo dos que tremem. E ele. O mau. O matador. Chute. O animal e o ganido e a dor e a fuga e a risada e o disparo e o corpo que tomba e que rola e que morre. O cão morto. Na rua morta. Nas pessoas que tremem a morte do cão. Fagulha. Combustão.

E as casas de olhos fechados abriram. Pasmadas. Todos os olhos. Em brilho único. Portas de boca aberta. E nelas todos os corpos. Tremendo. Fúria. E ele sorriu. O matador. Os que tremiam lá estavam. Filhos da puta. Falou isso. Cuspiu o cigarro na rua. E a rua cuspiu os corpos de todos sobre ele. Martelo, faca, pedra, pau, chute, cuspe, dente, soco, lágrima, sangue, pedaço, pedaços, pedaços. Pedacos de pedacos, pedacos de pedacos em pedacos. Fragmentos do mau. E então vieram os cães de todas as ruas. Famintos.

No meio dos cães corria ele. O terceiro.

Peter PálPelbart comentando uma citação de Deleuze em *Diferença e repetição* dizia que:

O paradoxo traduz esse arrombamento e violentação, a paixão do encontro fortuito, sua perturbação irresoluta: nem descanso nem conformismo. Seu efeito primeiro é desfazer a tranquilidade com que nos reconhecemos em meio às coisas, ao mesmo tempo em que as reconhecemos. A recongnição foi sempre o suporte da *doxa*, mas o paradoxo é o seu terror. O paradoxo é duplamente destrutivo: subverte o bom senso e também o senso comum, as duas formas que constituem conjuntamente nossa Imagem do pensamento. (PELBART, 1998, p. 63)

Para este *pensar* diferente, para a inclusão deste discurso outro, deste discurso da desrazão, da palavra-ruído, da voz do viajante da *StultiferaNavis*, invoca-se o *tempo da alucinação*<sup>41</sup>. Segundo Pelbart (1998, p.XXI) "estariamos mais próximos, sem dúvida, de um tempo da alucinação do que de uma consciência do tempo." Morder e contagiar com a vida, a linguagem, a palavra puritana, quebrar a palavra e libertar da fôrma os milhares de sentidos "impossíveis".

Buscar a escrita que na superfície se arrasta, fende, resiste e repleta de energias caóticas possibilita outros sentidos, disponibiliza outros espaços.

Desalinhar-se de Cronos. Discordar de seu tempo medido e recortado em passado, presente e futuro. Buscar a desordem. A multiplicidade, a simultaneidade, o movimento das intensidades que nos transformam em vários. Desorganizar a fala individual para poder ouvir e sentir o discurso de tantas vozes que nos compõe e a partir disso criar uma nova forma de situar-nos e interagir no mundo.

No entanto, a percepção deve estar atenta ao fato do grande silêncio. O instante em que a linguagem é engolida, tragada pela *doença*, pela falta mesmo de suportes, mínimos que sejam, para mantê-la constituída, de alguma forma. Para que não acabe definitivamente se perdendo no torvelinho virtual do caos, de onde rugem tantas forças e movimentos que a

<sup>41</sup> PELBART, Peter Pál. O tempo não-reconciliado. São Paulo. Perspectiva/FAPESP. 1998.p. xxi

despedaçariam para além de qualquer enunciado. Silêncio puro. Espaço onde palavra e som mesclados perderiam a forma, onde os sentidos, mesmo que vastos, seriam anulados, onde um grande nada se instalaria nos interstícios de cada letra, de cada palavra, de cada som, de cada sentido, de cada ponto.

## 8. DOS CHAPELEIROS EM NÓS: TEATRALIZAÇÃO DA GUERRILHA

*"O banquete, portanto, acabava de romper as últimas amarras que o ligavam ao mundo normal. O banquete tomara o freio nos dentes."*<sup>42</sup>

O *professor-escritorno* teatro: "No ponto de desgaste a que chegou nossa sensibilidade, certamente precisamos, antes de qualquer coisa, de um teatro que nos desperte: nervos e coração". (ARTAUD,2006,p.95)Na mesa. Em desalinho, o tempo. E as criaturas todas. Esperando. E pelo caminho – longo caminho grafado de sentido e gramática exata – ela se aproxima. Aproxima?Um chá! Há espaço. Há espaço! Gritaria uma criatura desconexa, atemporal, a-gramática. A xícara a tremer assustadoramente na mão ossuda. Das distâncias que a literatura engendra, virtuais espaços de tempo entre memória, obra, autor e público, *Dodge*<sup>43</sup> se perguntaria: *Onde anda Alice?*A menina está por vir. Este encontro é anterior à menina, é anterior ao passeio de barco com as irmãs Alice, Edith e Rhoda. Este é anterior. E enquanto o chá desliza pela garganta do tempo e da literatura, esta, repleta e inundada da loucura do Chapeleiro Maluco vomita na estrutura formal da Língua pedaços de um corpo que agora é outro. Corpo que agarra e invade aquele outro, a organização... Heliogábal<sup>44</sup> levando a anarquia às estruturas da linguagem. Pedaços... A garganta vomita corpo explodido. E sob o chapéu, maluco, o chapeleiro, murcho e velho e louco, voz estranha e assustadora: "Aqui é um vazio asfixiado. O vazio fechado de uma garganta na qual a própria violência do estertor tampou a respiração." (ARTAUD,1983,p.80) Onde está o sorriso do gato? Não há o gato? E o país das maravilhas? Apenas ele. E a mesa. E a lebre e o esquilo. E o chá. Indigestão. Repulsa. O teatro de si mesmo. Artaud?Chapeleiro louco da linguagem, do teatro e da vida.

<sup>42</sup> GOMBROWICZ. Witold. Bakakai. Rio de Janeiro. Editora Expressão e Cultura. 1968, p.16

<sup>43</sup> Charles LutwindgeDodgson, mais conhecido como Lewis Carrol.

<sup>44</sup>Escritos de AntoninArtaud. Tradução, prefácio, seleção e notas Claudio Willer. Porto Alegre L&PM. 1983. P.32

Não há uma Alice para esperar, mas sim o fluxo modorrento, rebanho gramático da linguagem, da literatura. Para o abate. Nas escolas, nas instituições, nas academias. E na encruzilhada, posta a mesa e o chá. Obstáculo. Irremovível obstáculo. O chapeleiro e seu chá e seu tempo outro. O tempo parado. Parado. Seis horas para sempre o chá. Este chá que é oferecido. Há um movimento, mas não é o dele. Há um tempo que já não é o mesmo. Já não há um mesmo. Nesta repetição, deste estancar do tempo só o que passará será o não-mesmo. Eis o chá. Etfílico, alcoólico, espasmódico, virulento, sísmico, crítico, patético, fantástico. Abram todos a boca a garganta o corpo e deixem-se invadir, violentar, persuadir, enlouquecer... “abandonem as cavernas do ser. Venham. O espírito respira para fora do espírito. É tempo de deixarem suas moradas. Cedam ao todo-Pensamento. O Maravilhoso está na raiz do espírito.” (ARTAUD, 1983.p.32)

Sobre a mesa. O corpo que explode. A voz que mastiga e cospe as palavras e às mastiga novamente... Sorriso que advém do Gato de Cheshire, largo e enigmático sob a cartola. E chuta as xícaras e vira a mesa e declama, profere, cospe, recita, evoca sua maldição, poema, prece, canção:

Potamamcram

Katanamanakreta

Karabankreta

Tanamamanangteta

Konamankreta

epustulamorentam

Taumerdauldifaldisti

Taumeroumer

Tenma tana di li

Kunchtadzeris

Dzamadzenadi li<sup>45</sup>

E eis que o cronológico tempo, irritado descontinua. Cronos perde seu poder. Já não está em sua jurisdição o Chapeleiro, e tudo que dele se avizinha de Cronos escorre some. Desvio para outro e diferente tempo. Aion. Dobrado? Outro diferente? O mesmo diferente?

E a forma e o estilo e as peripécias da língua, e as belas-artes e as artes-belas trombam. Um chá! Ele insiste. O corpo em eterno decompor e compor. Um corpo tensão e enunciação.

---

<sup>45</sup>Idem.

Um corpo sensível ao chá e ao entorno do chá. O chá é mais além. O chá é o além. Um buraco na xícara, um olho, uma visão. O caos. Vibrante. E o chapeleiro ergue os olhos de seu teatro, de sua tragédia viva. Um chá!

*Mas eis que da enorme turba*

*Aos empurrões e gritos e saltos*

*A palavra exata e sensata assim relata:*

*Quem és tu*

*Para no meio do meu fluxo*

*Entre o meu sair e chegar*

*Assim te depositar?*

*Quem pensas ser*

*Para essa loucura*

*Ofertar-me?*

"Não quero saltos ou assaltos, quero meu caminho continuar. Basta de sandices, me deixem passar!" Era o Discurso-comum, o senso.

– Olha o teu rosto, já vociferava novamente o chapeleiro, a lebre presa pelas orelhas girando-a pelos ares. Enfrenta teu rosto. Olha o olho dentro do teu olho, a cara que está atrás da tua cara!

Quem és tu além dessa cara mesma, deste *pensar que pensa que pensa e não pensa*? Desta tua opinião de massa... E não é almoço nem janta! Não é hora de empanturrar a barriga com a ração midiática, nem com a tradicional canginha de galinha da vovó. Senhora representante dos estados de coisas que nos reduzem a meros “chupadores” de canja branca e sem gosto. Não para a canja, não para o almoço... Viva o chá das eternas seis horas. Da mesma e sempre diferente mesa do chá das seis!

A palavra se enrola se dissolve em língua que se lambe. Será o chá? Tua cara serei eu? Cuspo então no meu Eu. Que és tu. Dissolvo-me em tamanhos e distância, em silêncios e dissonância. Eu te renego! Renego-te bom senso e bom sentido e correto sentido. Renego-te única direção e sensatez.

O bom senso é o bom sentido, o sentido correto, a direção única das coisas na sua sucessão sensata, que vai do anterior ao posterior, do passado ao futuro (por isso é previsível), do mais diferenciado ao menos diferenciado (tende a uma homeostase, a um equilíbrio entrópico onde as diferenças se distribuem, se amansam, se acordam), do singular ao ordinário. O bom senso é a distribuição fixa, sedentária (tem a ver com a agricultura, com a divisão dos cercados, com a classe média). O bom senso orienta a flecha do tempo sempre a partir de um presente. (PELBART, 1998, p.64)

E Alice, não vêm? Ainda não. O gato no galho da árvore, boca grande do delírio respondia.

E a grande língua porosa, espessa e gosmenta enrolava o corpo do chapeleiro que gritava sobre a mesa: - Não me devorarás, sou indigesto até pra ti monstruosidade gramatical e sintática. Sou feito do que não comes, nem carne nem palavra nem discurso e enunciado, sou tudo aquilo que tu calas. O fragmento, o interstício da palavra, o vão entre a imagem e o que dela representas. Mordo-te serpente. Com meu dente da loucura, com minha boca sem dentadura, e se me esmagas eu te lambo e eu te beijo e te babujo. O meu verbo é insondável pra tua língua rombuda!

## 9. ESCRITA E CAUTELA: SOBRE O CHAPELEIRO

*"Se esse instante passou das frases vãs e doidas,/Que outras direis, então?"*<sup>46</sup>

O Chapeleiro não propõe de forma alguma um suicídio no caos. Pelo contrário, ele dança na beirada de seu abismo, agarra-se em suas extremidades e força dobras quase impossíveis. Pois mesmo sendo este turbilhão virtual, que ameaça, o caos também reanima, rejuvenesce através da arte de dançar em suas costas. "A língua é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda a língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva" (BARTHES, 2010, p. 12)

Uma vulnerabilização na linguagem. A fim de possibilitar novos caminhos e espaços para que outros sons e vibrações sejam possíveis. Agenciamentos outros, com espaços e corpos diversos que sejam capazes de criar novas dobras, novas rachaduras e que façam pensar sobre os processos de subjetivação que nos constituem. Resistir. Enfrentar o peso legislativo do corpo pesado da língua oficial. Discurso que não cansa de repetir o mesmo. Seus códigos muito bem definidos que nos recortam sempre com a mesma tesoura e sempre da mesma forma.

A experimentação. A língua que desliza pelo sabor da coisa é que importa. Experimentar o caminhar como a criança experimenta o sorvete: lambendo aos pouquinhos; rindo bastante. Ou gelando irremediavelmente os dentes. O risco. Escrever na vizinhança de um estilo, estar em outra língua. Esta que endiabrada põe a língua gelada para os ranços da outra. Esta que libidinosa se põe nua, ofendendo a moral constituída e vigente. Esta outra língua que sem ser convidada entra no chá das cinco (este não é o chá do Chapeleiro), e burila

---

<sup>46</sup> ROSTAND, Edmond. *Cyrano de Bergerac*. São Paulo. Nova Cultural. 2003. p. 185



na mesa uma canção estranha aos ouvidos modorrentos e tradicionais, e faz perguntas impertinentes, e com fúria arranca a toalha da mesa. Dançar sobre a mesa como a personagem do filme de Milos Forman. *Hair* (1979)<sup>47</sup> ou mesmo, dançar com a morte, até o limite, como em *Black Swan*, dirigido por Darren Aronofsky (2011).

A literatura segue a via inversa, e só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança... As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária, a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu. Por certo, os personagens literários estão perfeitamente individuados, e não são imprecisos nem gerais; mas todos os seus traços individuais os elevam a uma visão que os arrasta num indefinido como um devir potente demais para eles: Ahab e a visão de Moby Dick. (DELEUZE, 1997, p. 13)

É, talvez, na inexatidão da resposta, da adivinhação, sobre o corvo e a escrivanhina; “por que um corvo se parece com uma escrivanhina”<sup>48</sup>, é nesse silêncio inicial que surge a língua. Neste espaço entre o pensar uma resposta e não ter resposta nenhuma que surge a literatura, massa de sentidos, visões e vozes, multiplicidades variantes e oscilantes, forças e poderes que se agregam e se repelem tensionando de forma intensa e irreversível as estruturas tradicionais, sólidas e oligárquicas da linguagem.

O representar algo já não está em jogo. Comunicar e explicar, também não. É de criação que se fala. A pulga deleuziana, esperando o doméstico cão para nele criar um mundo.

Surgirá talvez, do aglomerado de vozes tantas a acusação de que também este – o nosso discurso se abraça em algumas instancias de poder. Qual discurso que não se imbrica. Que não bebe dessa fonte ambígua e terrível? Dirão que ao renegar e rebelar ante as imposições fascistas da língua estaremos novamente usando de fascismo ao produzirmos nesse discurso as afirmações do poder em prol de nossas posições. De rebeldes estaremos nos amalgamando em Estado, e assim devorados. No entanto a rebelião só é rebelião, enquanto rebelião. Neste e em nenhum outro momento. Revolução é o movimento, a força, e é neste ponto em que ela, a rebelião ou a revolução são importantes. As conseqüências são outra coisa. Outro estado de coisas. Mas quanto às palavras de ordem:

Chamamos palavras de ordem não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no

<sup>47</sup>7- *Hair*. Direção de Milos Forman. CIP Filmproduktion GmbH. 1979. DVD.

<sup>48</sup> O enigma não respondido do Chapeleiro Louco. CARROL, Lewis. Alice. Edição Comentada. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002. p.68

enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma “obrigação social”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16)

Assim como o próprio poder, as palavras de ordem estão diluídas, a palavra por si só sugere um poder, e esta palavra e este poder estão esparramados em todas as instâncias, e implicam além do próprio ato que remetem, também, a uma ordem, a um posicionamento de subserviência em relação ao que proferem, às suas determinações. A palavra nomeia, ela reduz o acontecimento e às coisas a uma determinação única em cada língua. Uma coleira. O nome é a coleira, e de tanto usá-la, às vezes acreditamos estarmos livres de sua influência. A palavra, o discurso, a proposição, servem para erigir as estratificações que produzirão o sujeito assim como o conhecemos. É a palavra que define o rosto. É a palavra que prega esse rosto no muro branco. É a palavra que amortiza que controla e determina. Mas também é ela que faz vibrar, que faz tremer.

Muito desse poder que assume um aspecto contagiante, é contraído pela assunção dos discursos que estão imbricados de uma forma ou outra no poder. Portanto tensionar essas forças é o máximo que, dentro da língua, é possível fazer. Pois o Estado, está sempre seduzindo e aliciando qualquer rebeldia, qualquer movimento rebelde, só é rebelde enquanto movimento, nesse instante. E isso é imprescindível. Ouvir o grito e suas tonalidades no próprio grito, pois depois, já não será o grito, mas o ideal do grito, a lembrança do grito, a imagem do grito, as significações do grito. Não há máquina de guerra que permaneça. O Estado está sempre arrumando uma maneira de incorporar a máquina de guerra em suas linhas, por mais que esta máquina lute, o estado sempre a absorve; no entanto, já outras dessa máquina estão em agenciamento e constituindo-se de formas diferentes em outras máquinas.

O Estado é a doxa, o bom senso e o senso comum:

O bom senso não se contenta em determinar a direção particular do senso único, ele determina primeiro o princípio de um sentido único e geral, reservando-se o direito de mostrar que este princípio, uma vez dado, nos força a escolher tal direção de preferência a outra. (DELEUZE, 2006, p.79)

Eis a grande valsa da escrita, pernas sem corpo, dedos desatinados, escrita que se agencia nas profundidades *artaudianas*, literatura do caos, da dor, das exorbitâncias hiperbólicas dos sentidos, corpo-palavra que explode nas entranhas do discurso, do verbo, da gramática, mas que também tem a ver com as superfícies *carrollianas*, a palavra é tocada, tanto pelo profundo sofrimento *artaudiano*, quanto pelas descobertas de espaços inusitados na superfície. Alice terá que *entrar* para depois *sair*. Afundar para depois vir à superfície. Perder o nome. Perder a nomeação, a nomenclatura, a definição, a exatidão, a ordem, o

sentido. A personagem de Flann O'Brien também esquecia o nome envolvido pelas forças de uma *Teoria Atômica*. "As coisas medidas acham-se sob as Ideias; mas debaixo das próprias coisas não haveria ainda este elemento louco que subsiste, que subvem, aquém da ordem imposta pelas Ideias e recebida pelas coisas?" (DELEUZE, 1998, p.2)

Uma palavra-alice, que surge diminuindo e aumentando, duvidando e criando, perdendo-se e achando-se, vulnerabilizando-se em relação aos espaços que a habitam e que também ela habitará. Um corpo que descobre em si os espaços que o encontram, dentro e fora. Um corpo-palavra que chama para dançar na borda do abismo toda ordem e toda lógica.

É óbvia a diferença dimensional entre Artaud e Carrol, é evidente para nós a força tensionadora do sentido destas duas dimensões. Invasão do território gramatical. Louca *máquina de guerra*. Enquanto uma na profundidade faz vibrar a terra e provoca desmoronamentos com sua linguagem oriunda da esquizofrenia, provocando e criando de certa forma, outra linguagem, inclusive em um determinado momento, criticando os jogos de superfície de Carrol.<sup>49</sup> Artaud arranca sua linguagem do fundo dos corpos, rasgando-os, estilhaçando-os. Para Artaud, Carrol é um perverso, pois não sentiu o problema esquizofrênico do sofrimento, da morte e da vida. Para Artaud não há possibilidade de superfícies "não há mais fronteiras entre as coisas e as proposições, precisamente porque não há mais superfície dos corpos." (DELEUZE, 2006, p.89)

Eis que em *Carrol* agora tudo sobe à superfície. É o resultado da operação estóica: o ilimitado torna a subir. O devir-louco, o devir-ilimitado não é mais um fundo que murmura, mas sobe a superfície das coisas e se torna impassível. Não se trata mais de simulacros que escapam ao fundo e se insinuam por toda a parte, mas de efeitos que se manifestam e desempenham seu papel. (DELEUZE, 2006, p.08)

Não há a necessidade de comparação. Artaud e Carrol são corpos estranhos. Entre si. Discursos diferentes. Vozes distantes. Mas ambos afetam e são afetados pelo delírio. Esquizofrenia da profundidade e efeitos de superfície.

O *professor-escritor* buscava uma nova relação com as forças das profundidades e das superfícies. Agredir a língua. Deformá-la. Tentar. Jogar um pouco de Carrol e Artaud pra dentro de seu *blog*, de sua escrita. Ver o que acontecia.

Havia outro uso dos *blogs* e redes sociais. Um uso que também tinha na escrita seu alimento e combustível, mas não eradesses que o *professor-escritor* falava. Não estava falando, no momento, da escrita confessional deslocada para a rede, que colocava em evidência a vida particular, íntima e banal de cada um de nós, apesar de estarmos dentro da

---

<sup>49</sup>Ver "escritos de um louco" e "Lógica do sentido". p.86

"máquina de mostrar, que já faz longo tempo é mais poderosa que qualquer obra individual a ser exposta", que a autora Paula Sibila cita ao fazer referência a Peter Sloterdijk na obra *Show do Eu* (2008). Lidava com outro tipo de escrita. Apesar de muitos *blogs* literários e redes com o mesmo interesse produzirem banalidades e representações simplórias do cotidiano, ou uma ode aos "profundos" sentimentos humanos, acreditava o *professor-escritor*, por fazer parte de alguns deles, que neste suporte midiático estivesse se construindo uma nova forma/gênero textual, e que em muitos deles se encontrava forças capazes de produzir "saúde" para aqueles que se permitiam o ato de escrever em rede.

No entanto, *ele* não podia se permitir certas inocências e deslumbramentos com as possibilidades que a tecnologia insuflava no meio cultural e social.

Talvez o argumento estatístico seja convincente: calcula-se que nos Estados Unidos se perderam vinte milhões de leitores em potência nos últimos dez anos. É preciso considerar que isso ocorreu em um dos países com maiores índices de leitura do mundo. A outra face desse processo é que a quantidade de escritores aumentou quase um terço no mesmo período, passando de onze para catorze milhões. Algo semelhante parece estar ocorrendo em uma nação tão diferente como o Brasil, que ostenta índices elevados de analfabetismo (20% em 1991; 14% uma década depois) e na qual três quartos do resto da população correspondem à categoria de analfabetos funcionais. (SIBILIA, 2008, p.157)

Dentro dessa máquina de mostrar pós-moderna, em que somos produtos e produtores de nós mesmos, há um grande desejo de tornarmo-nos autores de nós mesmos. No desespero de nos constituirmos como autores, escritores dentro desse novo formato eletrônico digital, o *blog*, acabamos por reproduzir em verbo a pobreza de nossa intimidade e a banalidade de nossas vidas. Pouco lemos e muito escrevemos. A escrita de uma rostitude pré-definida e mercantilizada pela indústria de capital cognitivo.

Mas nossa personagem falava de outra escrita, aquela escrita produzida pelos *blogs* literários, feita por não-escritores. Uma coisa que crescia, que se espalhava, pondo em xeque inclusive nossa forma de pensar e agir. Pensava em movimentos como o de Seattle, considerado a primeira revolta da *net culture*. Mesmo que quando da produção, criação do espaço para a escrita, jamais tenha pensado em Seattle ou em revolta de qualquer espécie. Mesmo que não tenham explicitamente se colocado como "máquinas de guerra", os *blogs* - preferia vê-los assim - eram como elementos de uma *multidão* (HARDT; NEGRI, 2005). Matilha. Possuíam suas singularidades e procuravam não ser governados por um poder totalizante. Estavam ligados aos cérebros e criatividade de seus criadores e participantes, mas não formavam uma massa. Ou não deveriam formar. Estes *blogs* ou redes se construía através da necessidade de uma saúde - pelo menos alguns deles - e era nessa saúde que *ele* procurava se centrar. Seus argumentos, baseados em uma experiência, o levam a pensar esta

espécie de "saúde", que é aforça de subjetivação dos não-escritores como *ele*, que escreviam em rede, como uma proposta, uma experiência de formação. Uma necessidade que se constitui formação em processo? Seria possível se pensar através de uma escrita que se pretende literária dentro desta cultura cibernética e em rede, uma forma de ser mais sensível ao que nos cerca e nos afeta. Dentro e fora de nosso fazer pedagógico? Mesmo estando dentro da estrutura megalomaniaca da cibercultura, poderíamos pensar através de agenciamentos propostos um "estar" mais ético e estético, mais artístico em relação aos nossos encontros com as coisas do mundo? O que mudaria através dessa produção rizomática nos modos de subjetivação, nos modos de vida das pessoas que fazem parte dessas "redes literárias"?

O *professor-escritor* pensavano atravessamento desse tipo de literatura com a *filosofia da diferença* como outra forma de se relacionar com a própria formação e prática docente.

O professor respirava pelo escritor, o pesquisador investigava essa respiração e a possibilidade de vida para si, que pudesse ser compartilhadas. O professor-funcionário público vivificava escrevendo o que vivia. O pesquisador se alimentava dessa vida funcionária. Mas ainda havia a tosse. Havia ainda uma prática tradicional. Sua prática? Era ainda didático, pedagógico e disciplinado? Mais tosse. Sufocando.

## 10. BLOGS E REDES SOCIAIS: UM PROFESSOR QUE ESCREVE

*"Fique tranquilo! Eu queria somente verificar se você ainda tinha confiança na minha massa cinzenta."*<sup>50</sup>

Um click e lá está você. Ou nós. Ligados e conectados. Uma imagem, um rosto produzido. Foto em pixels. Imagem que procura revelar, mas que esconde. Você. Mergulhado. Afundado. Náufrago. Você sorri para os amigos virtuais. São inúmeros. E estão ali. Todos eles. Rostos, faces, olhos, sorrisos, trejeitos. Todos eles buscando pela imagem o além da imagem. Um ideal? A imagem é tratada, cuidada. Cores e sombras, luzes, efeitos gráficos. A estética do rosto virtual. Do corpo ideal. Do momento propício. Do tempo escolhido. A imagem ideal de você mesmo. Ou a mera cópia?

Então você rola o *skroll* do seu mouse, e na tela do computador seus amigos começam a "falar". A informação começa a saltar para dentro da tela, ou para a tela. Todos querem dizer alguma coisa. A necessidade de dizer e informar é avassaladora. Mas alimenta teus

---

<sup>50</sup> GOMBROWICZ, Witold. A pornografia. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.p. 230

olhos. Lá estão quase todos eles. Dizendo, afirmando, chorando, reclamando, brigando, sendo úteis e muitas vezes inúteis.

Imagens que se repetem. Frases feitas que ecoam. Curtir, compartilhar. O óbvio salta as telas, a redundância explode. Mas ali. Naquele espaço alguma coisa fervilha. Há, sim, alguma coisa que teima em resistir ao senso comum, à mesmice dos recados, das "curtições" e das campanhas - muitas vezes duvidosas. Há uma força que começa a fazer pensar, que incide sobre a forma como as pessoas se relacionam, trabalham, estudam, falam e sentem. Dali emana alguma "coisa" que está rapidamente, modificando, transformando a subjetividade das pessoas. O *professor-escritor* com Guattari e Rolnik pensava sobre o sujeito:

O sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um *être-là*, algo do domínio de uma suposta natureza humana. Proponho, ao contrário, a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 31)

O *professor-escritor* pensava nas várias formas como as maneiras de viver eram afetadas. Dos encontros que fazia com o outro. E esse outro podia ser qualquer coisa, qualquer força capaz de fazer oscilar, modificar, modelar a maneira do viver. Produção incessante de subjetividade. Quando pensavam subjetividade não estava fazendo referência a um privilégio exclusivo, a uma posse, de uma natureza humana inscrita dentro dessa *tradição filosófica* que lhe autorizava uma essência. Segundo Felix Guattari, subjetividade era a relação de vários componentes interagindo como um processo de produção. Nos encontros que fazíamos com os elementos que formavam nossas relações sociais.

Essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva. (MANSANO, 2009, p.111)

Essa produção de subjetividade oscilaria se moveria de acordo com a história, estando diretamente afetada e afetando as instituições, a linguagem, a informação e a mídia, o trabalho o capital e a ciência e o saber. Fechar os olhos para esses movimentos, virar as costas à vibração dos encontros e agenciamentos feitos pelo corpo social e histórico, seria deixar-se capturar pelas potências que buscam amenizar e reduzir as possibilidades de criação de novas formas de habitarmos a vida.

E há um movimento. Agora mesmo promovendo trocas e construções coletivas, em rede. Conexão.

O homem contemporâneo é o homem conectado. O homem atual está de tal forma, imbricado com a tecnologia e com a ciência, que a distinção de um e de outro fica cada vez mais difícil.

A professora Fernanda Bruno (2001) em seu artigo *Mediações e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo*<sup>51</sup> analisa a tecnologia a partir de sua forma de intervenção nos limites e fronteiras do corpo, classificando dois tipos específicos de intervenção: a primeira seria aquela que introduzida no corpo, (manipulação genética, artefatos miniaturizados e biocompatíveis) promove uma reconfiguração no seu espaço interno e também, como consequência, também com as fronteiras com sua exterioridade. O *professor-escritor* pensava na autora Paula Sibilia e na obra *O homem pós-orgânico*, que também se debruçava sobre o mesmo tema e também pensava sobre a segunda intervenção tecnológica sugerida por Fernanda Bruno, que seria a interligação rizomática desse corpo no espaço externo, a tecnologia e a ciência multiplicando as possibilidades de expressão, afecção e conexão, para além da pele e dos limites territoriais.

Este homem-*on-line* já não possuiria fronteiras estáticas entre exterior e interior, humano e tecnológico, suas fronteiras estariam cada vez mais difusas e sua relação com o mundo e a vida se transformariam de acordo com as oscilações sofridas por essas fronteiras.

O *professor-escritor* estava mais interessado, no entanto, na segunda forma de intervenção tecnológica, aquela que ia *além da pele*, mas que não deixava de afetá-la e modificá-la através dos discursos que se produziam para garantir, mesmo dentro desse novo espaço tecnológico-digital, o mesmo modelo hegemônico de pensamento que como diria Gilles Deleuze, acaba sempre capturando a *máquina de guerra*,

Segundo Deleuze devemos perceber os dois pólos de uma máquina de guerra:

Segundo um deles, ela toma a guerra por objeto, forma uma linha de destruição prolongável até os limites do universo. Ora, sob todos os aspectos que adquire aqui, guerra limitada, guerra total, organização mundial, ela não representa em absoluto a essência suposta da máquina de guerra, mas apenas, seja qual for seu poder, o conjunto das condições sob as quais os Estados se apropriam dessa máquina, com o risco de projetá-la por fim como o horizonte do mundo, ou a ordem dominante da qual os próprios Estados não passam de partes. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.11)

Pensando a tecnologia, a internet e todas as suas possibilidades como essa *máquina de guerradeleuziana*, o *professor-escritor* percebia o que o filósofo sugeria nesse primeiro pólo: As formas com que o Estado se apropriava dessa força e a usava em seu proveito. Quando a

---

<sup>51</sup> SILVA, Dinorá Fraga da, FRAGOSO, Suely. (Org.) Comunicação na Cibercultura. Editora Unisinos. São Leopoldo. 2001. p.201

internet surgiu, em seus primeiros tempos, o Estado/capital/economia, ainda não sabiam de que forma podia tirar proveito desse "espaço existencial gerado pela conexão", ainda estavam arraigados a uma ideia tradicional de poder centralizado em grandes fábricas, a funcionários dentro de espaços delimitados e tempo de serviço e salários pré determinados,

Só na década de 1990 esta forma de pensar o capital e a economia começaram a mudar. Nas palavras do sociólogo italiano Franco Berardi Bifo:

No último ano da década de 1990, eclodiu a febre das empresas ponto.com. Tanto nos EUA quanto na Europa e no Japão, as empresas que trabalham em rede se multiplicam até se tornarem um setor decisivo do produto global. Mas, enquanto se multiplicam os âmbitos de rede dedicados ao comércio (sites de venda on-line) ou ao fornecimento de serviços e informação para pagamento, o ciberespaço continua sendo uma dimensão à qual toda pessoa pode chegar livremente, com custos limitados e possibilidades de expor sua informação, suas opiniões, suas propostas e, se quiser sua mercadoria. (BERARDI, 2005, p.90)

Eis a *máquina de guerra* sendo capturada. A partir de 1990 o capital percebe a importância e o poder do ciberespaço, como diz Berardi, "espaço existencial gerado por conexão", e faz seus movimentos de captura e apreensão, e neste movimento modifica e é modificado, produzindo assim, outra forma de se relacionar, tanto com o homem-cliente-público, quanto com as formas de produção, veiculação e comércio de seu produto, que a partir de agora pode ser qualquer coisa. Deste momento em diante, a criatura mutante capital-estado-economia, já não está preocupada em produzir um objeto para oferecer aos desejos do cliente-público, mas agora parte para um propósito maior, o de criar o próprio desejo pelo objeto. Ou indo, ainda, mais longe, o de criar o desejo e a necessidade por uma forma de viver criada e editada pelo capital. De acordo com Lazzarato. (2006, p.110) "Toda produção se torna assim produção de serviços, ou seja, transformação 'das condições de atividade e das capacidades de ação futura dos clientes, usuários, públicos'<sup>52</sup> e visa, em última análise, aos 'modos de vida'.

O segundo pólo da *máquina de guerra* deleuziana:

O outro pólo nos parecia ser o da essência, quando a máquina de guerra, com 'quantidades' infinitamente menores, tem por objeto não a guerra, mas o traçado de uma linha de fuga criadora, a composição de um espaço liso e o movimento dos homens nesse espaço. Segundo esse outro pólo, a máquina de guerra efetivamente encontra a guerra, porém como seu objeto sintético e suplementário, dirigido então contra o Estado, e contra a axiomática mundial exprimida pelos Estados. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.109)

*Uma linha de fuga criadora.* Seria, ainda, possível pensar em um movimento, em uma força, em um tipo de resistência que se furtasse a essa axiomática oficial e de mil faces

<sup>52</sup>Citação de Philippe Zarifian, *À quoisertletravail?*, p.47



encarnada pelo capitalismo contemporâneo? Ao acessarmos o ciberespaço estaríamos, todos, capturados, cadastrados e condicionados às modulações dessa nova forma de capitalismo?

Para o *professor-escritora* óbvio que sofríamos a influência e a violência das transformações produzidas pela incorporação da tecnologia em nosso corpo e em nosso modo de vida, Deleuze em seu *Post-Scriptum, sobre as sociedades de controle*<sup>53</sup>, já nos dizia sobre as mudanças que a sociedade estava passando, e as novas formas de controle encontradas pelo capital para manter e perpetuar sua hegemonia.

O *professor-escritor* pensava naquela realidade. A da grande serpente, do *Post-Scriptum* deleuziano, no entanto, ainda havia espaços de resistência e luta. E agora, pensava que estes espaços se abriam ainda mais. Como Deleuze dizia, havia dois pólos da máquina de guerra, se pensássemos pelo segundo, e não era, tão, difícil, poderíamos encontrar nesse espaço cibernético, nesse espaço de relações conectadas; lugares para resistir e nos esquivarmos do corpo sinuoso e escamoso do capitalismo contemporâneo e suas formas de condicionamento, agora muito mais implícitas e perigosas.

A sociedade vive, agora, um "universal sem totalidade", Pierre Lévy (1999, p.122). E mesmo que nosso corpo e nossas relações com a vida e o mundo estejam constantemente sofrendo com os interesses ofídicos do capital, é possível pensar, sim, com Deleuze, um outro modo de vida que esteja muito mais relacionado com a criação e o sensível.

Estávamos acessados a esse contexto, onde as conexões *on-line* marcavam uma outra e importante maneira de relação com os outros e com nós mesmos. Transformando nossas formas de vida e produzindo subjetividade. Mas esse *acesso* não nos tornava prisioneiros ou zumbis, a conexão permitia, também, ramificações que nos levavam para além do cárcere identitário, do discurso e da palavra de ordem do capital. O acesso a esse outro ambiente, compunha um *espaço liso* e o movimento do ser humano inserido nele. Para Deleuze e Guattari (1997, p.38), "O espaço liso é justamente o do menor desvio: por isso, só possui homogeneidade entre pontos infinitamente próximos, e a conexão das vizinhanças se faz independentemente de qualquer via determinada." É neste movimento, neste deslocamento que fazemos por caminhos não óbvios, que encontramos força para resistir aos avanços de captura do Estado\capital\economia.

Os modos de vida se transformavam alterando as relações que o homem fazia com o outro, sua forma de trabalho e comunicação, seu próprio corpo e os espaços que o abrigavam ou o expunham.

---

<sup>53</sup> DELEUZE Gilles. Conversações. São Paulo. Editora 34. 1992. P.219

Sendo um profissional da Educação, não havia como o *professor-escritor* não refletir, também, sobre os rumos que a própria escola tomava dentro do redemoinho dessas transformações: Afinal, "que tipos de corpos e subjetividades gostaríamos de forjar hoje em dia, pensando tanto no presente quanto no futuro de nossa sociedade?" (SIBILIA, 2012, p.11) A conexão *on-line* entre as pessoas desconhecia as barreiras anteriormente determinadas. As fronteiras delimitadas pela sociedade começavam a ruir, se esburacar. O saber, assim como o próprio dinheiro/capital, estava na rede, em fluxo, desautorizando de certa forma a escola e o próprio professor como seus representantes únicos. "Formação e informação se aproximaram, tornando porosas as fronteiras que as dividiam" (CHRISTOFOLETTI, 2009, p.180,181) Na tentativa de defender suas "posses", a Educação tentava cimentar os buracos que a tecnologia abre. Ou de forma sinuosa, barganhava com essa tecnologia para "apenas" reproduzir a "verdade" dela.

Penso que o maior perigo para a Pedagogia de hoje está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranquilidade dos que já sabem o que dizer aí ou que se deve fazer e na segurança dos especialistas em repostas e soluções. Penso, também, que agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes. (LARROSA, 2010, p.8)

Nada mais atual. Mobilizar as inquietudes. Perceber as vibrações e oscilações contemporâneas sentir o movimento, a ondulação inquietante do acontecimento. Produzir nele outras formas de habitá-lo. O que é a Educação hoje? O que é a escola? Quem é o professor? Como se relacionam e que papéis desempenham nesse paradigma contemporâneo em que o saber já não é veiculado de um único ponto definido geograficamente, mas que se encontra em perpétuo movimento entre as conexões em rede da cibercultura?

De acordo com Sibilía (2012), a escola se encontraria em um dilema: Resistir ao confinamento de uma instituição ainda enraizada na disciplina e representada pelos muros que isolam a instituição da rua, ou sobrevir à rede e à saturação por hiperconexão? Esquivar-se da disciplina ou do controle?

Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas", aticava Deleuze [...]. Referia-se, provavelmente à criação de estratégias capazes de superar velhos fantasmas e resistir aos mais sedutores mecanismos de controle associados às "alegrias do marketing". (SIBILIA, 2012, p. 208,209)

"Precisamos do mergulho no caos, precisamos das águas do Aqueronte para, nelas, reencontrar a criatividade." (GALLO, 2008, p.59)

O mergulho é sempre arriscado. Mas viver também o é. E talvez experimentando, enfrentando e abrindo frestas nestas superfícies virtuais possamos adquirir mais espaço. Para

que através de um conhecimento e uma atitude que não sejam reféns da restrição, da redução e da delimitação banal, possamos ser no mundo, muito mais potências em prol da vida que meros espectadores e decodificadores das estrias do Estado/capital/economia. Refletia o *professor-escritor*. Não havia receitas prontas, não havia formas melhores ou piores, havia sim, aquelas que mais se ajustavam e nos tocavam. A produção do conhecimento, através da experimentação e mergulho no caos era apenas mais uma. Nem melhor ou pior, outra.

O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma a outra mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra já tenha desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 59)

Para o *professor-escritor* era necessário propor outras práticas. Experimentar novas formas de produção de conhecimento levando em conta a criatividade e o sensível também em relação aos avanços tecnológicos que constituem, também, nosso corpo e nossas relações com o entorno. Formas de se relacionar com o saber mais voltado e próximo à arte e ao sensível, mesmo inseridos nesse contexto cibercultural e pós-massivo.

Acreditava na possibilidade dessa experiência, dessa relação da Educação com o ciberespaço de uma forma ética e estética, como uma maneira de despedagogizar a maneira de nos relacionarmos com o saber. Obviamente uma relação com aqueles que se dispusessem a vulnerabilizar o corpo e que se permitissem um mergulho arriscado no caos.

Entre as possibilidades proporcionadas por esse ato, "decompor-se. Indispor-se. Compor-se outro. Ser o "já-não-ser e, ainda assim, não ser o que seria esperado que fosse, estar no meio e, no meio estar à espreita." (MARTINS; FARINA, 2011, p. 32)

O que é um blog? Há uma possibilidade de propor uma formação a-pedagógica para as pessoas que aceitarem o convite para a "navegação"? De que forma o blog pode fazer pensar uma formação direcionada para uma atenção aos modos de subjetivação da contemporaneidade e as possibilidades de resistência e saúde do sujeito?

Segundo Lemos (2009, p. 8), os *blogs* juntamente com os games, chats e softwares sociais seriam um dos fenômenos mais populares da cibercultura. Para o autor eles seriam responsáveis por uma reconfiguração na indústria cultural, na política, no entretenimento, nas redes sociais, nas artes, e seriam criados para os mais diversos fins. Os *blogs* estariam refletindo os desejos reprimidos da cultura de massa. Qual seria esse desejo? O autor afirma que seria o de ator na emissão, na produção de conteúdo e na partilha de experiências.

Amaia Arribas em entrevista a José Luiz Orihuela no Suplemento Dinero, cidade do México afirma que:

Os blogs estão dando voz e presença pública às pessoas comuns que têm coisas para dizer, que não necessariamente sabem sobre tecnologia, do desenho, ou de programação (...) é uma mudança fundamental que está ocorrendo com os blogs (texto) com Flickr (fotografia) e com Youtube (vídeo). (Arribas2006 apud ROSA; ISLAS, p.11)

"Os *blogs* estariam dando voz e presença pública". Texto, imagem e vídeo assumem força e se desgarram de seus centros tradicionais de emissão e propagação. Agora percorrem as conexões e interligam milhares de pessoas no mundo. O *professor-escritor* tentava entender, apreender a potência e as relações de força envolvidas em um blog. Na cibercultura. Era preciso voltar os olhos para o fenômeno. A informação e a comunicação, agora, mais do que nunca, eram forças ativas que estavam modificando nossos modos de vida. De que modo isso acontecia? De que forma poderíamos ser mais autônomos em nossas escolhas por possibilidades de vida dentro desse contexto contemporâneo em que a internet e as tecnologias estavam imbricados com nosso corpo e com as relações de força que nos constituíam?

Por que o blog? O que era o blog? As perguntas ecoavam, ainda, na cabeça de letras, ideias e vozes do *professor-escritor*.

Segundo Silva (2009):

Entende-se aqui por blog os diários pessoais que surgiram na rede caracterizados pela atualização cronológica (similar aos diários, al-guns íntimos) com narração de fatos cotidianos e pessoais de jovens internautas. Os blogs evoluíram para plataformas mais sofisticadas e diversificadas de usos para difusão de informações, de notícias, de opiniões, constituindo-se em verdadeiras redes sociais e jornalísticas de comunicação no ciberespaço. (SILVA, 2009. p. 258)

Segundo Träsel (2009) a definição primordial de weblog seria a de um espaço *on-line* que se dedicaria a coletar links para outros sítios na internet e comentá-los. Para o autor a partícula "log" remeteria aos diários de navegação que serviam para indicar latitude e longitude percorridas e os incidentes que por ventura acontecessem na viagem e que eram escritos e mantidos pelos capitães de navios. O prefixo "web" indicaria a transposição desses guias de navegação para a internet.

Um nome alternativo para weblog é diário virtual, tradução do inglês *on-line journal*, mas normalmente entende-se que essa denominação se refere a um tipo específico de blog, que privilegia as impressões pessoais de seu autor em detrimento dos links comentados. Os pesquisadores que se debruçam sobre esse objeto, sobretudo os de origem americana, tendem a adotar uma definição baseada na fórmula proposta por Blood (2002): uma página da web atualizada frequentemente com entradas datadas, as mais novas posicionadas no topo, contando quase sempre com espaços para comentários. Há pesquisadores que definem os blogs a partir de

características de sua linguagem e narrativa, apontando, no mais das vezes, a auto-referência e a subjetividade que conformam esse gênero textual. (TRÄSEL, 2003, p.95)

Para Hewitt ( 2007) os *blogs* começaram a chamar atenção quando entraram definitivamente em questões políticas e jornalísticas, a partir daí surge um universo de *blogs* políticos e também *blogs* que cujo o foco era a grande mídia. O autor afirma que nos Estados Unidos, esses *blogs* levantaram grandes quantias para candidatos, mudaram o perfil da participação política do cidadão e que inclusive deram um outro rumo para eleição presidencial de 2004 naquele país.

A velocidade das transformações tecnológicas e seus usos e as facilidades com que a web 2.0 propiciou aos usuários da rede modificou totalmente o formato e o uso dos *blogs*. Agora os internautas participam de forma ativa da inserção e gerenciamento do conteúdo *on-line*. O *professor-escritore* em silêncio pensava no assunto. Podia-se questionar o uso que as pessoas faziam das novas mídias de informação e comunicação, mas jamais poderíamos desconsiderar esses novos encontros que a sociedade fazia com esses artefatos, com a tecnologia e suas formas variadas de utilizá-la. Jamais desconsiderar essas novas formas de sociabilidade que iam se configurando. Entender e agir no meio dessas constituições de subjetividade é o que nos cabia. E tentar literatura dentro desse contexto era um risco, mas também uma possibilidade infinita de criar. Um mundo. *Pensar*<sup>54</sup> um mundo. Era uma vontade e também desejo. Avizinhar-se do *caos*. Perceber o que se é nas marcas do que se escreve e é escrito em nós. E dar conta disso, responder, aceitar ou recusar. Dobra produzida por alguém que dá sentido ao ato de escrita. Por alguém que tem na ação da escrita uma forma, um jeito de resistir a algumas massificações. Por dentro do organismo estatal esta escrita procurava abrir buracos, fendas, operar pequenas dobras que lhe dava condições de persistir, de resistir. Romper, talvez, com essa grande corporação global que edita e reedita os modos de ser do *eu*. Mesmo que de dentro mesmo. Mesmo fazendo parte, mesmo sendo também órgão desse corpo que inventava e reinventava seu próprio corpo de acordo com os movimentos históricos, sociais e políticos da humanidade. Mesmo que fosse uma micro-rebelião, mesmo que fosse um pequeno órgão, servidor público, um Arturo Rezende do conto; atirando os óculos na rua. Máquina de ver igual. Mesmo que seja escrevendo em *blogs*, se construindo, destruindo e reconstruindo infinitamente pela escrita. Cartografia sem fim.

---

<sup>54</sup>Sobre a diferença entre pensar e opinar, ver página 104 do livro O que é a Filosofia?, de Deleuze e Guattari no capítulo intitulado " Os personagens Conceituais".

Este discurso era proferido de dentro. Sim. Este texto tinha a ver com esse corpo público em que um tipo de saber cumpre o seu trabalho diário. Neste espaço de onde este texto se constrói, ainda estamos em outro paradigma. Talvez as pessoas que ali habitam que ali buscam certo conhecimento, reconhecimento ou o que quer que seja, transitem por esses dois estados da sociedade, um definido por Foucault e o outro por Deleuze. No entanto, o espírito, a alma que sopra os discursos nos quais os corpos desempenham suas funções, ainda se encontra firmemente atolada, encravada em uma tradição disciplinar, onde palavras como vigilância e punição parecem não ter perdido nada de força. Solidez absurda; pedra afundada em rio veloz e perigoso. Pedregulho imóvel, estático.

## 11. CONSIDERAÇÕES

*"Por que atrai meus olhos, ao longe, esse objeto?/Campânula brilhante a fascinar-me o olhar?"*<sup>55</sup>

O texto se construía, ou buscava se constituir, através de uma percepção diante do fenômeno dos *blogs*. Fenômeno que arrebatava jovens e velhos, homens e mulheres e os "convidava" a partilharem seus conhecimentos, informações, gostos, imagens, textos. Partilhar a vida. E, por conseguinte, fazer dela o próprio teatro, o próprio palco, agora conectado, ligado em rede com todos aqueles que dela fazem espaço de "outra" vida.

O *professor-escritor* entendia, agora, que estava em algo que denominavam Cibercultura<sup>56</sup>. E a vida tinha sido captada pelas telas dos computadores, celulares, *notebooks*, *tablets*. Neste contexto, estar vivo era estar na tela, era evidenciar-se. Publicar a vida, em texto e imagem... Às vezes em voz. Chegávamos quase ao extremo de questionar nossa existência se esta não fosse estetizada e literalmente publicada em rede.

Estar vivo era ser público. Estar público. A intimidade era deslocada para o palco principal e éramos personagens de nós mesmos.

A maioria dos *blogs* e redes sociais agia como pequenas janelas que convidavam o olho para dentro da casa/corpo das pessoas. Olho que devassava os espaços antes proibidos, luz nos recantos íntimos dos espaços que nos constituíam e nos ofereciam para o deleite e juízo dos "conectados".

<sup>55</sup>GOETHE, J. W. Fausto & Werther. São Paulo. Nova Cultural. 2002. P. 37

<sup>56</sup>Para mais informações sobre o termo, ler *Cibercultura*, obra de Pierre Lévy e *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea* de André Lemos.

Esta era a generalização. Este era o campo onde o *professor-escritor* pretendia propor uma dobra. Uma fissura. Um buraco, mesmo que pequeno. E este buraco partia de uma experiência. A experiência como "blogueiro". O *professor-escritor* não gostava muito daquela definição, denominação. Não sabia o motivo.

Mas para produzir buracos, afetar esta parede imensamente produzida com os resíduos e ferramentas do senso comum era interessante permitir uma abertura "perceptiva" digamos assim, a fim de identificar dois grandes problemas que acabavam reduzindo, ou resumindo os *blogs* nestas "janelinhas" íntimas do lugar comum. E neste momento o *professor-escritor* fazia uma conexão, uma aproximação deste uso de *blogs* com a ideia de *formação*. O primeiro problema ao qual fazia referência era o problema do uso da livre-expressão<sup>57</sup> como argumento para produzir, para criar. Este indivíduo que agora nos tornamos lidava intensivamente com coisas que afetavam os modos de subjetivação, que acabavam modificando as formas de comportamento e pensamento que orientavam as maneiras do viver. Os aparatos eletrônicos e digitais transformavam a informação no principal produto do mercado. E nos fartávamos diariamente. Empanturrávamo-nos de comunicação e informação. Excesso que não nos permite avaliar, sentir, ou mesmo pensar sobre o que vemos, lemos ou ouvimos dada a velocidade e quantidade de informações que "sutilmente" ingerimos.

É dentro deste complexo "desaguar" informativo, que aquela subjetividade, que somos nós, resolve criar. Só que esse criar estaria embasado em uma suposta liberdade que se aproximaria perigosamente do desleixe e da banalidade. Há um discurso que nos faz sentir além de nós mesmos. Dentro deste discurso somos o que queremos. Acreditamos nessa ficção de nós mesmos. Cremos ardorosamente que nossas imagens estetizadas em sites de relacionamento são capazes de representar, de significar aquilo que somos capazes, aquilo que podemos ser. E acreditamos que somos escritores, artistas, atores... Estamos na mídia. Somos importantes. "Famosos". Mesmo que por segundos.

Não há rigor. A livre expressão age como uma porta escancarada onde qualquer um expressa sua "arte", onde o criar torna-se apenas um "mostrar-se", evidenciar o *eu*. É dentro desta livre expressão, através dessa porta escancarada que as pessoas jogam suas intimidades e fazem diários eletrônicos de suas vidas. O outro problema era mais evidente, e tinha a ver com a pedagogização, essa captura que a instituição Educação, a escola, fazia dos meios tecnológicos que lidam com os processos de produção do saber na atualidade.

---

<sup>57</sup> "A livre-expressão é um exemplo da operação imprópria da matéria expressiva quando o sujeito dá vazão á atividade criadora sem a necessária competência no trato do material ou da linguagem que emprega. Apoiado numa

Existe um poder padronizante que tudo formaliza, regula e explica. A própria vida é posta em vidro e estudada como objeto distante e frio. A escola, e sua forma de lidar com o saber, acaba sempre fazendo um recorte, um resumo, uma poda do objeto ou da circunstância pesquisada ou estudada. E o uso e estudo da internet e de suas possibilidades não foge disso.

Não há desejo. Os olhos já não brilham. *Freezer* enorme de congelar experiências. Fazemos um esforço para lembrar como são usados os *blogs* e a internet principalmente nas escolas e instituições. Mera ferramenta institucionalizada. Parede *on-line* onde professores prendem alguns trabalhos, onde a direção cola suas comunicações. Álbum de fotos dos eventos escolares. Avisos. Informativo digital. São poucos *blogs* que conseguem desamarrar-se, desenrolar-se dos braços da instituição e de sua formatação. Os problemas: 1) Livre-expressão; tudo pode tudo é bonito, tudo é criação. 2) Pedagogização; formatação, regulação, chatice, tarefa imposta, falta de real interesse.

## 12. EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: BLOGS COM INTERESSE LITERÁRIO

"Então sua língua se soltou e sua voz gritou numa língua desconhecida..."<sup>58</sup>

Seria possível pensarmos a utilização de um determinado gênero de *blogs* como uma experiência estética? O *professor-escritor* pensava. Vislumbrar na utilização desse tipo de dispositivo, uma forma de "atuarmos sobre a formação do sensível" de professores e consequentemente aventarmos uma maneira de "desativar as formas pedagógicas das quais ele atua para gerar outras formas de relação com o que 'anima' sua experiência docente"?<sup>59</sup>

O *professor-escritor* pensava em uma proposta que tinha a ver com sua experiência de blogueiro. No entanto, de uma experiência que, possivelmente, tinha a ver com a de muitas outras pessoas e também professores que usavam a internet. Não se tratava de expor ou seguir um exemplo, mas de lidar com circunstâncias de escola pública, com circunstâncias pedagógicas e pedagogizadas, mas que também levavam a outros âmbitos existenciais, que faziam tremer. Lidar com esses atravessamentos que desestabilizavam, desarrumavam a maneira já organizada de sermos o que éramos. Tratava-se de "perceber aquilo que mobilizava e seduzia a si mesmo no próprio corpo."<sup>60</sup> Lidar com aquilo que nos apaixonava. E isso não tinha a ver com livre-expressão. Mesmo que não a desconsiderássemos totalmente. A

---

suposta espontaneidade, ele mais faz catarse do que cria." PEREIRA, Marcos Villela. Contribuições para entender a experiência estética. Revista Lusófona de Educação. 18. 2011. P.117

<sup>58</sup> TOLKIEN. J.R.R. O senhor dos anéis. São Paulo. Martins Fontes. 2001. P.769

<sup>59</sup> FARINA, Cynthia. Políticas do sensível no corpo docente - Arte e Filosofia na Formação Continuada de professores. Revista Thema. 2010.07(01). P.6



proposta era a de estar atento a esta escrita que buscava aproximar-se de uma expressão de si. Escrita que amparada pelos *blogs* com interesse literário, buscava uma constituição de uma forma de expressão que tensionasse, e fizesse pensar sobre as maneiras de ver e dizer o mundo.

O *professor-escritor* pensava nestes *blogs* como uma *experiência de formação estética*.

Assim, não se trata de operarmos na dimensão da racionalidade que busca efetuar uma dominação: não vou nem pretendo dominar a realidade, nem ser dominado por ela. Não se trata de efetuar uma razão que apreende, possui, define, nomeia, reduz ou entende a realidade. Trata-se, antes, de um jogo de mútua interferência, de composição de possibilidades que constituem sujeito e mundo. Do encontro e do arranjo entre sujeito e objeto ou acontecimento resulta algo que ainda não existia, resulta um efeito novo: um sentimento, um gosto, um estado que apenas existia enquanto possibilidade, como porvir. Ao entrar em jogo com o objeto ou o acontecimento, eles deixam de ser exteriores ao sujeito e passam a constituir o campo da experiência. E é aí que começa a criação, a experiência estética. (PEREIRA, 2011, p. 115)

Uma experiência estética seria capaz de levar a auto-formação? Este "jogo de mútua interferência, de composição de possibilidades que constituem o sujeito e o mundo" seria capaz de levar a pensar em uma *formação* que se desatrelasse dos modos de produção de saber, nos quais a sociedade está enraizada?

Um "efeito novo": Era disso que o *professor-escritor* estava falando. Desse efeito causado por uma escrita que buscava a constituição do singular, que se investia de rigor e responsabilidade e que habitava a virtualidade dos *blogs*. Para dar conta disso, o *professor-escritor* precisava saber mais sobre o assunto. Mais sobre *blogs*:

Segundo Blood(2000 apud AMARAL; RECUERO e MONTARDO, 2009, p. 28), JornBarger teria sido o primeiro a usar o termo "weblog" em 1997 para um site que colhia links de outros sites interessantes. Conforme as autoras, na época em que surgiram, os *weblogs* eram raros e pouco se diferenciavam dos sites comuns. Talvez por conta disso, relatam as pesquisadoras, alguns autores como David Winer consideraram que o primeiro weblog teria sido o primeiro site da web, mantido por TimBerners Lee. Mas foi

no entanto, o surgimento das ferramentas de publicação que alavancou os weblogs. Em 1999, a *Pitas* lançou a primeira ferramenta de manutenção de sites via web, seguida, no mesmo ano, pela *Pyra*, que lançou o *Blogger*. Esses sistemas proporcionaram uma maior facilidade na publicação e manutenção dos sites, que não mais exigiam o conhecimento da linguagem HTML e, por isso, passaram a ser rapidamente adotados e apropriados para os mais diversos usos. Além disso, a posterior agregação da ferramenta de comentários aos blogs também foi fundamental para a popularização do sistema. (AMARAL; RECUERO e MONTARDO, 2009, p.28)

---

<sup>60</sup>Ibden

Sobre questões como definições e conceitos de *blogs*, as autoras citam três formas de definir ou conceituar os *weblogs*. Eles seriam entendidos como ferramentas de publicação, estruturas de publicação resultante do uso dos *blogs*. Seriam denominados então de *Estruturais* por autores como (Herring, Kouper, Scheidt e Wright, 2004; Blood, 2002; Nardi, Schiano e Gumbrecht, 2004). Os *blogs* entendidos como meios de comunicação, ferramentas de comunicação. Seriam denominados de *Funcionais* por autores como (Pedersen e Macafee, 2007 e Marlow 2004). A terceira definição seria a de *Artefato Cultural*:

Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados produzido por uma comunidade de idéias. Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não violento, não religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas auto-referências e narrativas mutuamente definidoras mais do que cria uma narrativa mestra linear. (...) [sua legitimação se dá] pelas práticas vividas das pessoas que os criaram (Shah, 2005 apud AMARAL; RECUERO e MONTARDO, 2009, p.31,32).

O *professor-escritor* estava convicto que através de uma atitude estética e ética, uma forma de dar ao sensível a oportunidade de oferecer um contato, uma relação mais singular com nossa própria existência, estaríamos sim, favorecendo nossa formação, nossa auto-formação. O *professor-escritor* agora lia. Lia muito mais que pensava. Quem mais pensava em *blogs* e literatura. Em *blogs* e escrita na internet?

A proposta de *blogs* com interesse em literatura citados pelas autoras Adriana Amaral, Raquel Recuero e Sandra Montardo na obra *Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação* (2009, p.41) aparecia nas pesquisas de Prange(2002), Fernandes(2005), Paz Soldan (2005), Cortez Hernández (2006), Di Luccio e Nicolaci-da-Costa(2007), Casciari (2007) e Vidal, Azevedo e Aranha (2008) Ele, o *professor-escritor* acreditava que a proposta de mesclar a literatura, a escrita e as possibilidades de um blog seria capaz de tocar aqueles que aceitassem o convite da escrita como uma saúde, pois:

O mundo é um conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (haveria aqui a mesma ambiguidade que no atletismo), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe, contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. Do que viu e ouviu o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. (DELEUZE, 1997, p.13,14)

O convite para um mergulho possível. Um afundar. Naufragar. Uma *Aprendizagem do naufrágio*.<sup>61</sup> Com olhos vermelhos, afetados por uma experiência estética proporcionada na relação dessa escrita *on-line*. Nestes exercícios de dar conta de si mesmo, ser capaz de movimentar, de mobilizar aquilo nos afeta realmente, e com isso ser capaz de impulsionar e afetar os que nos rodeiam.

Aceitar convites é arriscado. Implica em deslocamentos perigosos. Desalojar-se da comodidade, do lugar comum. Da tranquilidade aparente. Pensar em formação através de uma experiência estética proveniente do uso de uma escrita "literária" como forma de subjetivação. Resistência? Talvez.

Quando o *professor-escritor* falava que lidava com algo que lhe dizia respeito. Com algo que lhe tocava e mobilizava, com aquilo que mexia com os desejos *dele*, quando falava em saúde e apontava para os *blogs* literários como uma experiência estética, estava falando de resistência. Micropolítica. Também estava falando de uma *educação-menor*, aquela que através de pequenas guerrilhas, resiste ao engessamento macropolítico do estado. Na possibilidade dessa experiência com os *blogs* como outro e diferente meio de arejar as maneiras de nos relacionarmos com o saber. Obviamente uma relação com aqueles que aceitassem o convite, para aqueles que se dispusessem a vulnerabilizar o corpo, a se deixarem tocar pelo ato de escrever para além de um mero diário íntimo. Este trabalho se desenvolveria também na relação, deste novo dispositivo, que é o blog, dentro da rede, a internet, com o ato de escrever buscando um estilo, uma forma. E na sua possibilidade de propor uma formação a-pedagógica para os que aceitassem o convite para a "navegação". Também para uma atenção aos modos de subjetivação da contemporaneidade e as possibilidades de resistência e saúde do sujeito.

### 13. O DIÁRIO DE CAMPO, OU O BLOQUINHO DO CARTÓGRAFO

*"À medida que eu ia lendo, considerava minha própria situação e meus sentimentos. Achava-me semelhante e, ao mesmo tempo, estranhamente diferente dos seres sobre quem eu lia e de cuja conversa eu era ouvinte."*<sup>62</sup>

<sup>61</sup> Para mais informação sobre a ideia de aprendizagem do naufrágio ler: *Aprendizagem do Naufrágio: Moby Dick, Ahab, um leitor e o muro*. MARTINS, Ronie Von. FARINA, Cynthia. In *\_\_\_ Educação em Revista* Volume 27, número 02, agosto de 2011. P.21

<sup>62</sup> SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Porto Alegre. L&PM Pocket. V.54. 2011, p. 138

O *professor-escriptor* precisava, ainda, entender. Se aproximar dos processos de produção de um tipo de subjetividade. Aquele tipo que escrevia e postava seus textos na internet para um público definido. Acreditava na força de uma escrita com intenções literárias como possibilidade de transformação. Formação. Uma escrita que avizinhada, abraçada a qualquer resquício de literalidade como condição ética e estética fosse capaz de tecer outro texto que negasse aquele do *eu*. Acreditava nisso? Precisava ver isso na prática. Por em prática essa escrita, fazer convites, propor um espaço para estudar, tanto os textos que eram publicados quanto as relações de desejo que o texto e sua publicação eram capazes de mobilizar. Fazia isso para entender e também para buscar aliados. Inventar *um povo que falta*<sup>63</sup>? Inventar uma saúde através da literatura, da escrita. Porque acreditava nisso? Porque *isso* era o que ainda o mantinha, o que lhe dava ar. Mas não era evasão. Não era fugir e só. Era resistir ao só. Resistir. Essa palavra reverberava na cabeça *dele*. E para isso precisava saber se outras pessoas também partilhavam, ou necessitavam dessa saúde.

O que estava fazendo? Como forma de se locomover, de observar e experimentar os encontros e agenciamentos que fazia, tinha a *cartografia*.

(...) sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa - o *hódos-metá* da pesquisa. (KASTRUP, 2009, p.13)

No entanto, para dar conta de uma escrita produzida na internet, precisava empreender outro tipo de pesquisa, agora baseado na etnografia virtual. De acordo com Fragoso (2012, p.16) Os estudos de inspiração etnográfica devem ser compreendidos como aqueles que usam apenas partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa, portanto, não fazem um uso metodológico da etnografia usando-a mais como narrativa. Estes estudos não chegam a ir a campo, no entanto são capazes de incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa: histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise dos dados.

Era isso, o *professor-escriptor* fazia uso de dois métodos para dar conta de seus encontros. Mesclar cartografia e etnografia virtual<sup>64</sup>.

<sup>63</sup> "A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabuladora inventar um povo." DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo. Ed.34.1997.p.14

<sup>64</sup> A própria autora que cunhou o termo "Etnografia virtual", Christine Hine, parece, agora, observando o novo momento em que nos encontramos e as relações que temos e fazemos com a internet, rever o conceito e inclusive preferir simplesmente uma volta ao termo original Etnografia, considerando o cuidado em perceber as diferenças em termo de coleta de dados e observação do *on-line* e *off-line*. (FRAGOSO, Suely. Métodos de pesquisa na Internet. Porto alegre, Sulina, 2012. P 178.

Poderia buscar, tentar contato com autores e textos através dos vários *blogs* de cunho literário que circulavam pela internet, alguns dos quais, inclusive era colaborador. Mas não era essa a intenção. Pretendia estudar um único espaço, um espaço proposto para uma escrita. Um lugar oferecido para aqueles que, como ele, precisavam, sentiam a necessidade de escrever como forma de saúde. Respiro. Essa escrita seria capaz de operar transformações nos modos de ser daqueles que ali escreveriam?

No dia primeiro de junho de 2013 o *professor-escritor* criou oblog "Uma"Escrita, <http://umaescrita.blogspot.com.br/2013/06/primeiro-dia.html>, anteriormente produzira centenas de convites *on-lines* com o endereço do blog e-mail e senha de acesso. Pescaria.

Sabia também como, normalmente, acontecia o processo de *acessos* dos *blogs*. Era preciso postar comentários. Fazer visitas em outros *blogs* para que estes também fizessem o mesmo. Esse procedimento aumentaria o número de acessos em ambos os *blogs*. Mas não era isso que o *professor-escritor* pretendia. Sabia desse processo. Mas não acreditava muito neste procedimento de cortesia. A forma de divulgação do blog "Uma"Escrita fora praticamente feita através de redes sociais, *Facebook*<sup>65</sup>, *Orkut*<sup>66</sup> e *Twitter*<sup>67</sup>. Pretendia observar como as

---

<sup>65</sup>Facebook é um [site](http://www.facebook.com) e serviço de rede social que foi lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc.. Em 4 de outubro de 2012 o Facebook atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos. Em média 316.455 pessoas se cadastram, por dia, no Facebook, desde sua criação em 4 de fevereiro de 2004. Os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse comum de outros utilizadores, organizados por escola, trabalho ou faculdade, ou outras características, e categorizar seus amigos em listas como "as pessoas do trabalho" ou "amigos íntimos". O nome do serviço decorre o nome coloquial para o livro dado aos alunos no início do ano letivo por algumas administrações universitárias nos Estados Unidos para ajudar os alunos a conhecerem uns aos outros. O Facebook permite que qualquer usuário que declare ter pelo menos 13 anos possa se tornar usuário registrados do site. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>> acesso em: 10 de dezembro 2013.

<sup>66</sup>O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. O alvo inicial do orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários são do Brasil e da Índia. No Brasil a rede social teve mais de 30 milhões de usuários, mas foi ultrapassada pelo líder mundial, o Facebook. 2 Na Índia também é a segunda rede social mais visitada. A sede do Orkut era na Califórnia até agosto de 2008, quando o Google anunciou que o Orkut seria operado no Brasil pelo Google Brasil devido à grande quantidade de usuários brasileiros e ao crescimento dos assuntos legais. Apesar de Orkut ser um nome próprio, na programação visual do site (títulos e logos) a palavra está em minúscula (orkut). Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>> acesso em: 10 de dezembro de 2013

<sup>67</sup>Twitter é uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las. As atualizações de um perfil ocorrem por meio do site do Twitter, por RSS, por SMS ou programa especializado para gerenciamento. O serviço é gratuito pela internet, entretanto, usando o recurso de SMS pode ocorrer à cobrança pela operadora telefônica. O twitter foi criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass nos EUA. A ideia inicial dos fundadores era que o Twitter fosse uma espécie de "SMS da internet" com a limitação de caracteres de uma mensagem de celular. Inicialmente

peessoas reagiam a um convite para escrever livremente, nas redes sociais *on-line*. De que forma essa escrita feita em processo e pela internet, produziria modificações, transformações ou oscilações na forma de ser destas pessoas?

Se optasse pelo método de cordialidade mantido pelos *blogs*, estaria fechando o espaço, delimitando, de antemão, aqueles que escreveriam no blog. Não queria apenas quem já escrevia, precisava saber também se esse tipo de escrita poderia seduzir outros. Mesmo aqueles que não tinham o hábito de escrever. Será que "todo o mundo" escrevia na internet?

Ouvia frequentemente: "Agora todo mundo é escritor, todo mundo escreve na internet." Procurava saber o quanto de verdade essa afirmação continha. Sabendo que "*blog* é a contração da expressão inglesa *weblog*, log significa diário, como diário de um capitão de navio."<sup>68</sup> O *professor-escritor* preferia pensar no blog como um diário deste tipo, mas sabia também que a ideia de um diário íntimo era muito mais forte quando se pensava em *blogs*. E *ele* não pretendia que os textos que fossem postados no "Uma" Escrita fossem meramente um informe diário sobre os gostos e desgostos das pessoas. O próprio convite para participar do projeto fazia referência a uma "Experiência de escrita". O próprio blog era recheado de imagens de escritores e filósofos que de alguma forma se relacionavam com a intenção do projeto. Ao mesmo tempo em que era aberto pra quem quisesse escrever, esteticamente o blog também buscava afirmar "uma" linha, um tipo de escrita, mesmo que não fosse rejeitar qualquer outro gênero de texto.

O primeiro fato importante percebido pelo *professor-escritor*, que lhe causou certo temor, foi o fato de qualquer um poder entrar e postar o que quisesse no blog. O blog seria como um muro aberto para qualquer tipo de expressão. Qualquer um podia escrever qualquer coisa. Isso era temerário, temia inclusive, que comentários maldosos pudessem por em risco o trabalho ou inibir aqueles que escreviam. Era um risco.

Surpreendentemente nada aconteceu. Não houve vandalismo nenhum, tanto por e-mail quanto no blog. O blog está ativo e conta com 2847 visitas. Não é um número muito expressivo, comparado a outros *blogs* similares, credita-se isso ao pouco tempo no ar e ao processo de divulgação através das redes sociais. Talvez, se o processo fosse o de trocas de

---

chamada Twtr (sem vogais), o nome da rede social, em inglês, significa gorjear. A ideia é que o usuário da rede social está "piando" pela internet. Desde sua criação, o Twitter ganhou extensa notabilidade e popularidade por todo mundo. Algumas vezes é descrito como o "SMS da Internet". Dick Costolo é o CEO da empresa e Jack Dorsey é o Chairman. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>> acesso em: 10 de dezembro de 2013.

<sup>68</sup> HEWITT, Hugh. Blog, entenda a revolução que vai mudar o seu mundo. Rio de Janeiro. Editora Thomas Nelson. 2007. p.9

visitas e comentários entre os *blogs* da área, o número de acessos seria maior. Mas nunca foi este o objetivo do "Uma"Escrita. Porque *ele* pensava assim? Sabia que na rede social, um convite para escrever não conseguiria alcançar ou atingir tantas pessoas. Seria lido, talvez, por muitos, mas tocaria poucos, só aqueles que estivessem dispostos ao risco. Sabia também que as redes sociais abarcavam todo e qualquer apelo, e por isso mesmo, às vezes todos eles caíam na banalidade. Um convite para escrever jogado nas redes sociais era como uma garrafa com um bilhete jogado de uma ilha, no oceano.

A primeira postagem do blog "Uma"Escrita foi o texto "Primeiro dia", o *professor-escritor* pretendia preparar o caminho, abrir as portas da *casa*. "sejam bem vindos". Apenas, nove pessoas aceitaram os convites para escrever. Algumas escrevem até hoje, outras participaram uma, duas vezes e pararam de postar.

Outro fato é que nenhum dos autores que escreveu no blog fez comentários nos escritos dos outros. Nem foram instigados a fazerem. O espaço era livre. O *professor-escritor* agradecia a presença dos autores no blog, e só. Talvez precisassem de mais incentivo, de apoio. Mas o *professor-escritor*, neste momento preferiu observar apenas. Ler e observar. Também a forma de postagem variava. Enquanto uns entravam no blog e faziam suas próprias postagens outros preferiam enviar os textos por e-mail. Apenas três dos autores postavam diretamente no blog, os outros enviavam seus textos por e-mail, inclusive pedindo às vezes que algumas alterações fossem feitas. Ficou evidente que a maioria dos autores não tinha muito contato com a tecnologia dos *blogs* e suas formas de postagem e edição. Tinham algum receio de fazer alguma coisa errada e "estragar" o blog, como alguns diziam. O *professor-escritor* constatava que apesar da propagação e das transformações pelas quais os *blogs* passaram e estão passando, muita gente ainda não ficava a vontade quando precisava lidar com essas mídias. Não só aquelas que não tinham contato com a internet, mas inclusive aquelas que já possuíam um certo histórico de navegações pela rede. O *professor-escritor* evidenciava que a maioria dos usuários da internet que usavam as redes sociais, não sabia ou tinha muita dificuldade para entender o processo de criação, postagem e edição de textos e imagens em *blogs*. Era interessante, pensar que todos escreviam e postavam nas redes sociais, sendo os processos de postagem edição e publicação muito parecidos, mas que não se sentiam a vontade quando se tratava de um blog.

*Ele* percebia também que em rede não havia muita preocupação com o que se escrevia ou como se escrevia, todos se sentiam muito a vontade para emitirem suas opiniões e comentários, a rede era enorme e aceitava qualquer discurso, se alimentava de opinião, de imagens. A rede era como se fosse a própria rua, em que todos diziam o que queriam. Quando

eram convidados a saírem dessa grande rua, o ambiente estranho causava receio e desconfiança. Escrever de forma criativa e estética era muito diferente de opinar, reclamar ou reivindicar. Escrever em um blog de cunho literário exigia correr riscos bem maiores. Sobre os comentários, o *professor-escritor* percebia que mesmo sendo escassos, não eram postados diretamente no blog, mas sim na própria rede. E a rede acabava por simplificar essa ação oferecendo botões que delimitavam os textos postados em ações de gostar ou não gostar e a opção de compartilhar ou não o texto. Este mecanismo acabava mecanizando os comentários e facilitava aos que não conseguiam escrever suas opiniões uma participação breve e exata. Normalmente os que não gostavam nem se davam ao trabalho de clicar no botão determinado. Os textos mais visitados eram os que eram mais "compartilhados" pelos usuários das redes sociais, mais especificamente o *Facebook*. Normalmente quem compartilhava os textos eram amigos ou parentes. Outro dado que *ele* percebia é que se criava um território delimitado de usuários para autores. Através das redes sociais, o *professor-escritor* percebia que ao redor dos textos e do autor, um grupo mais ou menos conhecido se solidificava. Um *professor de História* que postava suas crônicas no blog era muito visitado por seus alunos, e estes faziam comentários tímidos e rápidos: "*Muito bom o post, FALO TUDO!*" O *professor-escritor*, estendia também que os textos deste professor tinham um endereço certo. Jovens. Este *professor de história* parecia querer dizer algo aos jovens, e mesmo tentando sempre se colocar entre eles e mostrar no seu texto isso, parecia estar sempre dando uma aula. Ensinando algo, mostrando um caminho. Lidava sempre com a sua experiência de vida como uma forma de dar exemplos, mesmo quando se colocava em um estado de vulnerabilidade, tinha a intenção de dizer algo de importante. Os textos deste professor também tinham um esquema, como se pretendesse empreender uma conversa com um leitor:

- a) "Não porque seu amor tenha acabado; e, sim, devido a uma tragédia. Mas não vou contar o filme *está bem?*"<sup>69</sup>
- b) "São do tipo... Vidas velhas, *entende?* Aí fico eu, pensando e viajando longe, até onde as pessoas não precisariam nem serem educadas; tipo: o vivente já nasceria sabendo..."<sup>70</sup>
- c) "Hoje serei egoísta... É... egoísta. Coisa que procuro não ser, *viu?*"<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> Frase do texto "Endless Love? não, obrigado." Postado no *blog* "Uma"Escrita, em 28 de novembro.

<sup>70</sup> Frase do texto "[Réveillon Déjà Vu](#)" postado no *blog* "Uma"Escrita, em 26 de dezembro.

<sup>71</sup> Frase do texto "Egoísta" postado no dia seis de agosto de 2013.



Os textos deste autor pareciam propor uma conversa, um relato, mas sempre acabavam por identificar um *eu*. O próprio *professor de história* e sua experiência de vida que decerto forma pretendia apresentar como um exemplo. Este autor publicou até o momento, sete textos no blog. É o mais ativo e além de publicar seus textos no "Uma"Escrita, coloca seus textos, também, no jornal *on-line* da cidade.

O *professor-escritor* conseguia perceber nesse autor uma grande necessidade de dizer coisas, de se construir através das palavras. Ele mesmo era a personagem de seus textos. Não somos todos? Os temas do *professor de história* envolviam questionamentos sobre a contemporaneidade e os avanços científicos e a dificuldade de nos adaptarmos a eles, a importância de termos fé na vida, corrupção e Copa do Mundo no Brasil, política, mas também tratava de assuntos mais complicados como o livre arbítrio, o egoísmo e sobre as diferenças. Seus textos buscavam sempre um tom irônico e algumas vezes até um certo humor mais evidente, e fazia um uso com frequência de palavras coloquiais e expressões usadas pelos jovens. O autor buscava em seus textos aproximar-se, muito, de um linguajar mais juvenil, sem rodeios, direto. E conseguia, pois seus textos sempre eram os mais acessados. Mas é importante salientar a busca por um estilo, por uma forma de dizer e escrever que se desenvolvia e tinha força dentro deste grupo. Os textos e o estilo alinhavavam a construção de uma personagem, um tipo de líder, que contava histórias ao pé da fogueira para os jovens entenderem os problemas do mundo. O *Professor de história* contava sua experiência e suas dúvidas sobre a vida como uma forma de consolidar sua própria forma de ver o mundo, mas seu texto parecia estar em franco processo, pois pareciam cada vez mais se aprofundarem em questões que o faziam começar a pensar sobre a própria questão do escrever como forma de dar conta de si mesmo.

"Por fim, sou um matador. Mato amores de vez em quando. Mas mato em mim. Pois o coração é meu. Às vezes."<sup>72</sup>

As certezas começam a ser questionadas, e uma percepção e um maior cuidado com o que lhe passa e toca começam a ser percebidos e pensados.

Conta-te a ti mesmo a tua própria história. E queima-a logo que a tenhas escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira. Recordate de teu futuro e caminha até a tua infância. E não perguntes quem és àquele que sabe a resposta, nem mesmo a essa parte de ti mesmo que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. Sê tu mesmo a pergunta. (LARROSA, 2010, p.41)

---

<sup>72</sup>Frase do texto "Endless Love? não, obrigado." Postado no *blog* "Uma"Escrita, postado em 28 de novembro.

Aos olhos do *professor-escritor* parecia que o autor começara a contar para si mesmo sua história, preparava-se para a fogueira que viria, por enquanto dava conta de ouvir suas próprias palavras, conhecer-se no que era. Para mais tarde começar a possibilitar outras formas de ser. E isso tinha a ver com sua escrita, que ao mesmo tempo em que o construía como um discurso pré-definido, começava aos poucos a colocar dúvidas e questionamentos sob a estrutura do próprio *Eu*. Surtos desmoronamentos começavam a ser percebidos.

Outro detalhe percebido pelo *professor-escritor* foi de que o autor, o *professor de história* não escrevia sobre história, como era de se esperar. A disciplina nunca fora citada em seus textos e raramente ele fazia comentários que reportavam a comparações históricas ou explicações do gênero, preferia sempre um discurso mais abrangente e direto, direcionado sem sombras de dúvida para uma faixa etária específica: os jovens estudantes.

Em algumas conversas - sim - o *professor-escritor* conversara presencialmente com alguns autores que escreviam no blog. O *professor de história* morava na mesma cidade, e era conhecido do *professor-escritor*.

E o que ele dizia? Claramente dizia que seus textos eram para os jovens, que falava para eles, que se sentia jovem apesar de ter quarenta e seis anos de idade.

E o escrever? Precisava, era uma forma de dizer coisas, de mostrar coisas.

Era muito eloqüente e afirmativo no que dizia, mas o *professor-escritor* percebia que no texto, no que escrevia às vezes se colocava em situações de vulnerabilidade, sinais de que talvez começasse a pensar, repensar as formas como erigia seu *eu*. A fogueira? O *professor-escritor* acreditava na escrita como um processo, e os processos atingem velocidades e intensidades diferentes em relação a cada experiência e a cada vida das quais se relacionam. Uma coisa que chamou muito a atenção do *professor-escritor* foi o fato da palavra *eu* quase não ser escrita nos textos deste autor, porém ela estava frequentemente implícita nas conjugações verbais construídas. O autor usava sempre o sujeito desinencial. Forma de esconder diretamente o *rosto*?

Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido. (Deleuze; Guattari, 1996, p.32)

Pelas observações do *professor-escritor*, o autor ainda estava na fase de reconhecer o rosto, buscava entender o rosto. Inventar um rosto? O processo era longo, e o tempo era, ainda, muito curto para saber se o *professor de história* tensionaria "essas zonas de

probabilidade", para como diriam Deleuze e Guattari, "escapar ao rosto, desfazer o rosto e as rostificações"<sup>73</sup>.

Não havia como prever se *o professor de história* em algum momento tornar-se-ia *imperceptível* ou *clandestino*<sup>74</sup>, o *professor-escritor* apenas acompanhava um pouco do seu processo de escrita e as forças que o impeliam a escrever.

### *A professora de História:*

"Então... é por essas e outras que digo... meu silêncio costuma falar muito mais que as palavras que me escapam pela boca. Meus pensamentos são livres de qualquer cerceamento social ou político e ao longo dos anos aprendi a não proferir tudo o que martela sistematicamente em meu cérebro. Medo? Não! Apenas aprendi a conhecer um pouco mais da humanidade e por isso sei que não vale a pena falar para quem não pode ou não quer ouvir."<sup>75</sup>

*O professor-escritor* habitava aquele silêncio referido pela professora, não o dele, mas o dela. O silêncio da professora. Era mais intenso, muito mais. Ela estava sendo cortês amiga. Deixando claro que era na ausência das palavras que tinha sua força. E o motivo de não falar. De escrever? "Sei que não vale a pena falar para quem não pode ou não quer ouvir." Nós podíamos? Queríamos ouvi-la? Ela achava isso? Confiava? Parecia que não. Enviara apenas dois textos para o blog, por e-mail. Como foi dito antes, poucos se atreviam a entrar por sua conta e risco no blog, mesmo tendo a senha. A senha de acesso mais assustava que atraía. Armadilha? Risco?

Mas ela, a professora escrevia sobre o pensar, e isso fazia algo vibrar nele, no *professor-escritor*. Pensar... Ela dizia: "Meus pensamentos são livres de qualquer cerceamento social ou político..." ela tinha a noção dos cerceamentos dos quais o pensamento sofria, ela começava a fazer a ideia de pensamento iluminar-se, queimar.

No entanto ela continuava dentro de um *eu* afirmativo, dizia estar livre, mesmo que no seu silêncio. Em um terreno sem palavras ditas. Seria possível tal liberdade? Fugir de todos os cerceamentos, de todas as cercas e muros? Era valente. Acreditava que em seu silêncio estava livre da formatação das palavras e do poder dos discursos que as inflavam e inflamavam. Bom sinal, ela, acreditava firmemente que podia arrancar o rosto identitário. Acreditava que em seu silêncio era capaz de desmornar-se, de apagar-se. Pensamento livre para ir e vir. Possível?

<sup>73</sup> DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol.3. São Paulo. Ed.34.1996. p.36.

<sup>74</sup> *Ibidem*. p.36

<sup>75</sup> Parágrafo do texto "Liberdade de pensar" escrito pela *professora de história* no blog "Uma" Escrita e publicado no dia 28 de julho de 2013.

O *professor-escritor* acreditava que não. Liberdade total seria arriscar-se fatalmente pela bocarra do *caos*. Ele acreditava mais em resistir dentro, por dentro, abrindo espaços de resistência e sobrevivência. Abolir todas as fronteiras e paredes seria como estar vagando eternamente pelo espaço. Perdido. Perder-se era necessário. Sim, tomar um copo cheio de caos, brindar com taças transbordantes, lamber avidamente o filete de caos que escorre pelos buracos dos muros. Mas destruir todos os muros seria como afogar-se sem a possibilidade de salvamento.

A *professora* dizia que conhecia a humanidade. *Ele* pensava na humanidade. Na humanidade na qual ela pensava. Não deveria ser boa. Ela tinha medo dessa humanidade, receava. Portanto não falava. Pensava. Era *livre* para pensar. Sobre esta humanidade que não merecia suas palavras. Um lado apenas? O negro? O *lado negro da força*, para lembrar-se de *Stars Wars*. Não haveria outro lado? Ou melhor... Tantos outros lados?

Mas ela queria pensar. Brigava por isso. Mesmo que em silêncio. Acreditava na força do pensamento. Mas de um pensamento capaz de se libertar das formas instituídas de pensar. A religião, a sociedade, a família... Ela era ousada. Pena que escrevera apenas dois textos. Este sobre o pensamento e um breve conto que falava de um menino em sala de aula. Neste não se dera o trabalho de fazer questionamentos, mas de relatar o dia-a-dia de uma professora e os encontros felizes com os alunos. Pela internet o professor acompanhara alguns textos da autora, ela também possuía um blog. Escrevia poemas. Gostava de poemas góticos, sombrios. Seu segundo texto, postado no "Uma" Escrita era bem diferente do seu tipo habitual de texto.

76

### *A professora de português*

"Estou voltando... Agarro-me às mãos que me amparam, abraço-me aqueles que me tem saudades, aqueles para quem faço falta."<sup>77</sup>

Necessidade de apoio. Ser vista. Fazer falta. Marcar um espaço. Os textos da *professora de português* marcavam, definiam uma indignação. Faltava o ar. Ela queria respirar. Precisava de mais espaço. E precisava de mãos, de apoio. Dizia sobre se perder.

---

<sup>76</sup>Procurando o *blog* da autora, o *professor-escritor* notou que ele havia sido extinguido. Estaria a autora recolhendo suas palavras? Apagando as pistas de sua escrita? Recentemente ela havia ingressado em um curso de mestrado. Estaria a condição acadêmica entrando em conflito com a produção artística?

<sup>77</sup>Frase retirada do texto "Viajei" postado no *blog* "Uma" Escrita no dia 05 de agosto de 2013.

Sofrer. Mas também dizia que era forte, que mesmo com dor, mesmo sofrendo obteria sucesso em seu empreendimento. Perfuraria a dimensão do desamparo e voltaria para o mundo. Para a humanidade. Continuar lutando.

Era disso que *a professora de português* falava-escrevia. Lutar. Escrevera apenas três textos no blog, o primeiro tratava de racismo, e pelo teor de suas palavras, parecia direcioná-las para alguém conhecido, revidar. Uma dor na carne. Começava a sentir os preconceitos do mundo através das dores do próprio marido. Deixava claro isso no texto. Sentia o preconceito que o marido sentia, passava para ela e estava furiosa. Seu primeiro texto era um desabafo, tentava medir palavras, mas estava furiosa, raiva:

"Momento infeliz, observação daninha, pois não sabia ela que eu sou esposa de um negro, minha filha também é casada com um negro. Sou descendente de negros, o que muito orgulha, a mim e a meus filhos, minha irmã, também é casada com um negro, e deles muito nos orgulhamos, pois "são do bem". Portanto resolvi fazer o registro, pois eu mesma duvidava que o racismo fosse tão grande ainda em nossa sociedade. Uma pena que as pessoas sejam tão "PODRES", e tão ignorantes. Pena desta gente de alma tão imunda....Negra, é a cor de uma raça, e não o sinônimo de sujeira, de incapacidade e de maldade. Aprenda humanidade, desumana e burra!!..... Sei que vou descer das chinelas..."<sup>78</sup>

*Descer das chinelas* é expressão que ela usa para abandonar o espaço das formalidades e partir para o confronto. Direto e agressivo.

A constatação de um problema que a atinge agora, antes ela não o percebia: "pois eu mesma duvidava que o racismo fosse tão grande ainda em nossa sociedade." Acaba lhe causando uma fúria que é expressa pelas palavras duras e grosseiras. Ela abandona a etiqueta do texto, arregança as mangas e parte para o confronto.

O *professor-escritor* pensa na frase anterior, a que ela diz que não sabia da força do racismo, que só agora sentia... Pela carne? Agora era na carne dela? Era isso? Pensar simplesmente o problema não lhe permitia chegar à intensidade dele? Do problema? Analisar a dor era diferente de senti-la. Agora ela sabia. E estava pronta para a batalha. Queria a briga. Entrava no blog com uma faca na bota. Seu texto era a faca. Agora se sentia ameaçada, ofendida... queria revidar, mas... "Não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado."<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup>Parágrafo retirado do texto "[Racismo não é mal entendido!!](#)" Postado no *blog* "Uma" Escrita no dia 27 de julho de 2013

<sup>79</sup>DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo. Ed.34. 1997 p. 13

Parecia que a autora, nesse momento de escrita, permitira que um problema particular se apossasse de sua escrita, de seu verbo. E o fizesse refém. No entanto logo em seguida, no texto de 05 de agosto "Viajei", ela falava em voltar:

"Viajei por entre corpos, rostos, sentimentos, risos, lágrimas e dor, e sem perceber fui me perdendo como que em um enorme e escuro labirinto." <sup>80</sup>

Ela percebia que estava se deixando levar por suas neuroses "escuro labirinto", e sabia que precisava sair voltar. Agarrar-se, apoiar-se naqueles que lhe entendiam, que lhe ouviam. "Estou voltando..." ela dizia. Com esforço. Precisava se arrastar para escapar de suas neuroses. Os outros dois textos da autora tratavam de esperança na vida e de memória. Neste último relatava sobre um tempo em que trabalhara em certa escola municipal de sua cidade, as pessoas e amigos que fizera, e o quão importante foi a experiência do convívio com eles. O outro tratava da vinda do Papa ao Brasil. Indiferente às questões políticas que recheavam o assunto, acreditava que o discurso e a imagem do Papa eram *do bem*: "Que todo este movimento sirva então para que repensemos nossas vidas, que aqui estamos e não é por nada, estamos de passagem, e não importa a religião, não importam os rituais, importam as atitudes, os atos" <sup>81</sup>

A *professora de português* fala em agir. "importam as atitudes, os atos". Estaria ela pensando em experimentar novas formas de vida? O *professor-escritor* queria acreditar que sim. Agir para além das possibilidades das convenções. "Não importam as religiões, os rituais". Agir para, além disso. Buscar uma outra atitude. Habitar o mundo de outra forma. De uma forma diferente. Seria apenas uma frase de efeito? Inspiração religiosa? Ou uma brecha que se abria através do próprio texto para se pensar em outra e diferente forma de estar no mundo?

### *O estudante*

O amor sempre foi tema recorrente em grande parte dos textos literários. Esse fato chamou a atenção do *professor-escritor*. De todos os autores que escreveram no blog,

---

<sup>80</sup>Frase retirada do texto "Viajei" publicado no dia 05 de agosto de 2013 no *blog* "Uma"Escrita.

<sup>81</sup>Frase retirada do texto " [Eu, do alto de meus pensamentos.Simplórios!?,Utópicos!?.](#)" Publicado no *blog* "Uma"Escrita.

somente *o estudante* se interessou pelo tema. Não que isso chamasse a atenção de uma forma especial, o autor era jovem, cheio de esperanças e emoções referentes ao amor, ao sexo e a tudo que gira ao redor desses temas. Também foi o primeiro que escreveu em forma de poema. Era o mais novo de todos os autores. Quando fizera os convites *on-line*, o *professor-escritor* acreditava que iriam "chover" poemas de amor, ele conhecia sites e portais onde um grande número de pessoas escreviam, e o amor estava sempre presente. Sites e portais como: Recanto das Letras - <http://www.recantodasletras.com.br/>, Escrita - <http://www.escrita.com.br/>, Beco dos poetas - <http://www.becodospoetas.com.br/>, Hispanorama- <http://www.hispanorama.net/> e muitos outros. Inclusive quando no processo de divulgação do blog "Uma"Escrita, enviara convites também para estes sites e portais. Poucas respostas retornaram, talvez pelo fato de o blog não ser conhecido, ter poucos acessos, deixar claro a proposta do trabalho acadêmico e talvez pela intimidação do próprio design do blog, que tentava de alguma forma "induzir" os autores para um tipo de escrita. Uma escrita mais literária e criativa. Acreditava o *professor-escritor*, que pelo fato do blog ser aberto, as postagens em forma de poema e sobre amor seriam uma grande presença. Mas não. E isso era importante relatar. Os outros autores, mais velhos, mais experientes, preferiram assuntos mais "sérios" a o amor. Mesmo que gostassem. Como dissera, o *professor-escritor* fizera buscas na internet e encontrara alguns dos autores do blog escrevendo enfaticamente sobre amor e suas dores. Mas ali. No "Uma"Escrita, eles estavam mais comedidos. Sisudos. Compenetrados e preocupados.

Estariam a modelar o rosto, um rosto propício para o blog? Se adequando à proposta do trabalho? Estariam com medo de escrever mais livremente? Sobre qualquer assunto? Temiam serem banais?

*O estudante* participara com apenas um texto. E o enviara pelo *Facebook* através de uma conversa informal. Perguntara como era o procedimento para escrever no blog, e preferiu enviar o texto. Não escreveu mais. Mas em buscas pelo *Facebook*, o *professor-escritor* percebeu que ele compartilhara o *link* dos seus textos várias vezes e que muitos amigos dele *curtiram*<sup>82</sup> o poema. *O professor-escritor* também começou a perceber que os textos do *blog* eram muito mais acessados pelas postagens no *Facebook* do que no Orkut ou Twitter.

---

<sup>82</sup>O *botão de curtir* é um recurso onde os usuários podem gostar de certos conteúdos, tais como atualizações de status, comentários, fotos, links compartilhados por amigos, e propagandas. É também uma característica da *FacebookPlataform*, que permite aos sites participantes a exibirem um botão que permitem o compartilhamento de conteúdo do site com os amigos. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>> acessado no dia 23/01/2014

Ficava evidente que a grande maioria das pessoas que liam ou apenas curtiam os textos do *blog*, esperavam as postagens saírem no *Facebook*. Estavam a maioria do tempo flutuando, deslizando por aquela rede, e era por ali que buscavam informação, diversão, comunicação e até cultura. Aos olhos do *professor-escritor*, a grande maioria dos usuários de internet fazia parte daquela rede social.

O estudante falava de um *eu*. Sempre o *eu*. Falava da tristeza de perder um amor, de abismos e lágrimas.

### *O homem-simples*

Era conhecido e amigo do *professor-escritor*. Longa data. Muita história. Quando soube do *blog* mostrou interesse em postar "alguma coisa", como ele mesmo dissera. A captação dos textos aconteceu na casa do autor. O *professor-escritor* digitando os textos que o *homem-simples* escolhia em um arquivo antigo e cheio de textos e poemas. Ele digitava bebendo uma cerveja. Cortesia da casa.

Os quatro pequenos poemas foram postados de uma vez só, e versavam sobre ecologia e vida. Os textos originais eram datados, quase vinte anos atrás. Muito tempo. Algumas vezes em conversas informais o *professor-escritor* pedia para o autor escrever novamente, outros textos. Queria saber como o *homem-simples* percebia o mundo agora, pelo texto. Mas a vida não estava nada bem para o *homem-simples*. A família doente e outros problemas faziam com que ele não conseguisse produzir mais nada. Seus quatro poemas eram a imagem que ele tinha do mundo a vinte anos atrás. O passado. Ele não tinha internet, e para ver seus textos publicados ia a *Lan houses*<sup>83</sup> ou o *professor-escritor* levava o próprio *tablet* para que o autor pudesse acompanhar o *blog*.

### *A poeta*

A poeta postara no *blog* como uma cortesia. O sistema original de divulgação dos blogs e autores. O *professor-escritor* enviara o convite para escrever no "*Uma*" escrita para o site que a autora gerenciava e onde também o *professor-escritor* escrevia como colunista.

---

<sup>83</sup>LAN house é um estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cybercafé, as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou *on-line*. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN\\_house](http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house)> acessado dia 23/01/2014



Postara apenas um texto. Um poema. E além de colocar seu nome, postou também o link do seu site. É assim que os *blogs* e revistas vivem. Se alimentam das visitas e comentários e da cortesia. Se eu vou à tua casa tu tens de ir à minha. Era esse o sistema. Sistema que o *professor-escritor* para a sua pesquisa rejeitara. Preferira tentar a sorte nas redes sociais. E observar o que acontecia.

O tema do poema da poeta era a beleza da vida e a esperança

### *O mestre*

O *mestre* desconfiado. Sim. Ao receber o convite fizera mil perguntas. Quem fazia parte do *blog*? Queria dar uma *olhada* primeiro. Que tipo de texto? E a autoria? Estaria segura? Muitas dúvidas rondavam a cabeça desse autor. Desconfiava da seriedade do *blog* e do projeto. Dissera em conversa *off-line* que não escreveria nem contos nem poesia. Era muito complicado. Pareceu ao *professor-escritor* que tinha receio de se aventurar pelo gênero literário publicamente. Preferiu escrever uma texto bem próximo de um mini artigo. De todos os textos publicados no *blog* foi o que mais deixou transparecer uma ideia de academia, de instituição. O texto do *mestre* tentava sustentar o título de *mestre*. Seria por isso que não quisera correr o risco de tentar literatura? Medo do olhar crítico de seus pares? Enviara o texto por e-mail. E também por e-mail pedira para fazer vários arranjos. Cada vez que lia o texto enviava um e-mail nervoso pedindo para que alguma coisa fosse alterada ou acrescida ao texto. O escrever no *blog* não parecia ser algo de prazer para o *mestre*, mas alguma coisa perto do sofrimento. O texto do *mestre* tratava sobre a mídia e a forma com que o sujeito acaba absorvendo a informação:

“O mesmo pensamento não pode ser aplicado aos grandes meios de comunicação de massa, pois se espera que haja uma função social em seus programas, pois são impostos à população em horário nobre. Estamos numa época em que as pessoas são ávidas por histórias que de alguma forma sejam supostamente reais, reportagens, investigações, *truetv*, etc. Mesmo com a consciência que os depoimentos pessoais geralmente são questionáveis, isso não tira o interesse das pessoas. Talvez seja o mesmo que ocorre com os *realitys shows*, pois mesmo que as “tramas” sejam armadas por um grupo determinado de participantes, ainda conservam a audiência.”<sup>84</sup>

O *mestre* começava a questionar os meios de comunicação e o tipo de informação que veiculavam. Percebia a necessidade que as pessoas tinham de ver a "realidade" na tela.

Já neste século XXI que está ainda começando, as "personalidades" são convocadas a se mostrarem. A privatização dos espaços públicos é a outra face de uma crescente

<sup>84</sup>Parágrafo retirado do texto "O que se lia" postado no *blog* "Uma" Escrita no dia 01 de outubro de 2013

publicização do privado, um solavanco capaz de fazer tremer aquela diferenciação outrora fundamental. Em meio aos vertiginosos processos de globalização dos mercados em uma sociedade altamente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades, percebe-se um deslocamento daquela subjetividade 'interiorizada' em direção a novas formas de autoconstrução. (SIBILIA, 2008, p. 23)

O texto do *mestre* buscava lançar um olhar mais agudo sobre o poder das mídias e sua forma de captar a atenção: "É preciso exigir uma postura mais construtiva, principalmente dos canais de televisão". Segundo Millôr Fernandes, "imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados".

Uma postura mais construtiva o *mestre* pedia. Ser oposição. Não ser armazém de secos e molhados. Citava Millôr.

O *mestre* identificava os problemas e perigos que uma sociedade altamente midiaticizada podia trazer para as pessoas despreparadas. O *professor-escritor* lembrava as palavras da socióloga Paula Sibilía<sup>85</sup> quando ela dizia que quando os indivíduos buscavam o uso incessante de *blogs*, *fotologs*, webcams e redes sociais, esse movimento deveria ser interpretado como estratégias que o homem contemporâneo usava para dar conta a novas demandas socioculturais, produzindo então novas formas de ser e estar no mundo.

O *mestre* vislumbrava os perigos dessa subjetividade que se constituía mesclada aos novos meios de comunicação.

"Já no que se refere aos textos para a internet, veículo que hoje concorre com as emissoras de TV na difusão de informações, em meio a milhões de outros, geralmente requer-se um mínimo de relevância social para ser algo "o que se leia", sem que se seja esse "urubu à espreita".<sup>86</sup>

A referência ao urubu vinha da postagem feita, juntamente com o texto, da clássica foto de um urubu que espreita uma criança negra tirada pelo fotógrafo Kevin Carter em 1993 e ganhadora do prêmio Pulitzer de 1994.

"Relevância social"? O que exatamente o *mestre* pretendia com a expressão "relevância social"? As palavras deveriam ter uma importância social, tratar e pôr em jogo os problemas sociais com a finalidade de buscar respostas? Palavras úteis? Textos centrados na busca por uma sociedade mais justa?

O *mestre* apontava para a grande diferença entre a informação veiculada pela mídia tradicional, e o tipo de informação que era veiculada pela internet. E apontava vantagens e desvantagens de se ter a informação sendo criada e veiculada por todos. Um tipo de

<sup>85</sup> SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro. Nova fronteira. 2008. P.23

<sup>86</sup> Parágrafo retirado do texto "O que se leia" postado no *blog* "Uma" Escrita no dia 01 de outubro de 2013.

informação que fugia do controle das grandes empresas de comunicação e inclusive questionava a veracidade do que era veiculado como verdade pelas grandes corporações jornalísticas. Mas também apontava para a fragilidade e o perigo de uma informação livre de qualquer suporte ou base de referência de onde se pudesse ter algum tipo de confirmação mais oficial.

Como a autora Paula Sibilia afirmava, era impossível não perceber a importância da relação "incestuosa" dessas novas tecnologias com o mercado. Ele, o mercado, era a personagem central da contemporaneidade, sociedade pautada pela informação e comunicação mais especificamente a comunicação mediada por computador.

Tudo estava ligado e pertenciam a um projeto determinado:

O do capitalismo atual, um regime histórico que precisa de certos tipos de sujeitos para alimentar suas engrenagens (e seus circuitos integrados, e suas prateleiras e vitrines, e suas redes de relacionamentos via web), enquanto repele ativamente outros corpos e subjetividades. (SIBILIA, 2008. p.25)

*O mestre* indicava um novo "modo de ser" que se constituía. Um modo de ser que estava diretamente ligado com o crescente avanço das tecnologias da informação e comunicação e que começavam a se amalgamar nas formas de vida do sujeito contemporâneo, modificando os gostos, posturas, e formas de ver e estar no mundo do sujeito contemporâneo.

### *O repórter*

Também pelas redes. Bate-papo. Ouve um interesse. *O repórter* era originário da cidade do *professor-escritor*, e numa atitude comum (agora), pelas redes sociais monitorava o que acontecia na cidade e na região onde nascera. Estava no Rio de Janeiro e trabalhava como repórter na Rede Record de televisão.

Ao receber o convite para escrever, postar seus textos e se aproximar de suas "raízes", concordou de imediato. O primeiro textopostado no *blog* "Uma" Escrita fora retirado do *blog* do próprio autor. Cordialmente *o repórter* permitira que o *professor-escritor* copiasse e colasse os textos quequisesse deste *blog*. Mais tarde, com um pouco mais de confiança *o repórter* começou ele mesmo a *postar* os textos que escrevia.

Sendo repórter, o autor demonstrava grande conhecimento das engrenagens que mantinham funcionando a grande mídia, e seus textos se voltavam de forma muito crítica para a forma como essa grande mídia tratava a informação e a comunicação.

“O Estado investe na ignorância. Na miséria sustentada. A massa, sem raciocínio e ética, se desgarrou. A tecnologia ajuda o caos. Facilita, acomoda, gera preguiça,

simula, dribla a realidade e faz gols contras estéticos. Tolos se enfurnam no subsolo moral em busca de poder, dinheiro, fama, beleza, luxo, potência sexual. Freud diria que vivemos uma recaída no trauma do materialismo. O hedonismo tem vencido as batalhas sentimentais.”<sup>87</sup>

Félix Guattari no texto *Cultura: um conceito reacionário?* Publicado no livro *Micropolítica: Cartografia do desejo*, escrito junto com Suely Rolnik, falava dos modos de controle da subjetivação, e chamava esse tipo de controle de cultura de equivalência ou de sistemas de equivalência na esfera da cultura. Dizia que o capital funcionava complementando a cultura enquanto conceito de equivalência, enquanto este se ocuparia da sujeição econômica, à cultura caberia a sujeição subjetiva. Ao falar em sujeição subjetiva, Guattari dizia que esta não se resumia apenas à publicidade para produção e o consumo de bens, mas afirmava que essa sujeição estava relacionada com o próprio lucro capitalista, não se reduzia só ao campo da mais-valia econômica, mas estava, também, na tomada de poder da subjetividade.<sup>88</sup>

"A massa, sem raciocínio e ética, se desgarrou. A tecnologia ajuda o caos. Facilita, acomoda, gera preguiça, simula, dribla a realidade e faz gols contras estéticos."

O *repórter* afirmava que a massa havia se desgarrado, e que a tecnologia havia ajudado para isso. Ao mesmo tempo em que o autor questionava o poder das mídias de informação, parecia contradizer-se ao pensar nas possibilidades da tecnologia e sua relação com as massas.

As massas certamente são compostas de todos os tipos e espécies, mas não se pode realmente afirmar que diferentes sujeitos sociais formam as massas. A essência das massas é a indiferença: todas as diferenças são submersas e afogadas nas massas. Todas as cores da população reduzem-se ao cinza. Essas massas só são capazes de mover-se em uníssono porque constituem um conglomerado indistinto e uniforme. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 13)

O que intrigava o *professor-escritor* era o fato do *repórter* não perceber ou identificar o fator positivo do movimento das massas que começavam a se desgarrar, abandonar o pastor. Mesmo a tecnologia produzindo uma nova forma de subjetivação arriscada e perigosa, e produzida, agora não mais pelo Estado, mas sim pelo Capital, não se podia menosprezar a importância da tecnologia como forma de liberação e divulgação de informação e comunicação. Pondo em xeque as formas autoritárias e totalitárias do Estado.

O *professor-escritor* acreditava na possibilidade de um outro conceito para esse movimento de desagregação das massas referido pelo *repórter*. O *professor-escritor* pensava

<sup>87</sup> Frase retirada do texto "O otimista" postado no blog "Uma" Escrita no dia 26 de outubro de 2013.

<sup>88</sup> GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis. Editora Vozes. 2010. P.21

na possibilidade da Multidão. Logicamente isso não se daria de forma imediata ou fácil. Abandonando o caminho indicado pelo "bom pastor", as pessoas teriam mais autonomia sobre suas vidas, poderiam buscar conviver e aprender com suas diferenças.

Diferentes culturas, raças, etnias, gêneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos. A multidão é uma multiplicidade de todas essas diferenças singulares. (HARDT; NEGRI, 2005, p.12)

*O repórter* começava a perceber as modificações que aconteciam na sociedade, mas não via com bons olhos o que acontecia. E não era o caso de ser a favor ou contra. Mas sim de entender o que se passava e o que podia ser feito dentro desse contexto todo. Como resistir às imposições do Estado ou do Capital?

De acordo com Lazzarato (2011) as estratégias neoliberais de patrões, do Estado e de todos os governos que se sucederam nos últimos 30 anos, agiam segundo uma lógica específica: marcar, construir e consolidar uma multiplicidade de 'normalidades' (desemprego, precariedade, tempo parcial, assalariado e CDI<sup>89</sup> com poupança salarial, etc.)

Fazendo referência às sociedades disciplinares e as transformações que a sociedade está acometida, Lazzarato afirma que inclusão e exclusão, normal e anormal já não definiriam mais uma "grande divisão", mas que inclusão e exclusão seriam "variáveis" da ação governamental com tendência a multiplicar os casos, as situações, os status entre esses dois limites. O governo agiria muito mais por modulação das divisões, das diferenças do que meramente por divisão. As políticas de governo visariam introduzir, em diferentes níveis, a insegurança, a instabilidade, a incerteza, a precariedade econômica e existencial na vida dos indivíduos. Citando Foucault, Lazzarato ainda afirma que com o neoliberalismo, as práticas de governo passariam pelo indivíduo, pela subjetividade, por seus comportamentos e por seus estilos de vida.

Ao fazer a crítica aos meios de comunicação e informação, *o repórter*, começava a perceber quais as forças e poderes que estavam produzindo um determinado "estilo de vida", mas não parecia perceber as possibilidades de resistência que se abriam nesse novo panorama social e político, em suas palavras: "A tecnologia ajuda o caos. Facilita, acomoda, gera preguiça, simula, dribla a realidade e faz gols contras estéticos."

O *professor-escritor* entendia que ao usar a palavra caos o autor se referia a um uso comum da palavra; bagunça, desordem, confusão, longe do conceito de caos de Deleuze e

---

<sup>89</sup>Contrato de Duração Indeterminada

Guattari que lhe era muito caro. Para ele, o *professor-escritor*, caos era potência, poder de criação, não só a desordem. E assim como percebia de forma diferente o conceito de caos, também entendia de outra forma a questão das tecnologias e da internet:

A rede não é um instrumento, mas uma esfera, todos já reconhecem que a internet representa uma inovação decisiva na produção e na comunicação. Mas, em geral, pensa-se que a rede é um instrumento de comunicação que permite transmitir de maneira mais funcional as mesmas coisas de antigamente. Não é assim. A internet é, sem dúvida, também um instrumento de comunicação, mas esse é o aspecto menos significativo. O fato decisivo consiste em constituir uma nova esfera do agir social. (BERARDI, 2005, p.75)

Para Berardi (2005) o desenvolvimento social da internet não estaria ligado diretamente a um progresso linear das tecnologias, mas sim aos modelos econômicos e dos projetos culturais que determinariam a mudança das interfaces tecnolinguísticas e comunicativas, mesmo a internet sendo um espaço de recursos ilimitados, o autor afirma que a rede estaria sofrendo de um processo de colonização econômica: haveria uma espécie de privatização dos produtos do saber coletivo e muitas restrições dentro do ciberespaço, no entanto Berardi afirma que a cada vez que o poder econômico ou político tenta essa colonização, a rede resistiria de maneira instintiva e profícua.

Talvez o *repórter* ainda não conseguisse perceber essa reação propiciada pela tecnologia. De forma simultânea, da mesma forma que a tecnologia, muito mais a de informação e comunicação, tenta colonizar, controlar a rede e a forma das pessoas viverem, esta mesma tecnologia propicia também novas formas de resistir à colonização.

Para Deleuze, o mundo é um virtual, uma multiplicidade de relações, de acontecimentos que expressam nos agenciamentos coletivos de enunciação (nas almas) e criam o possível. O possível não existe a priori como na filosofia de Leibniz; não está dado, precisa ser criado. As novas possibilidades são bem reais, mas não existem fora daquilo que as exprime (signos, linguagem, gestos); os possíveis devem atualizar-se ou efetuar-se nos agenciamentos maquínicos (nos corpos). (LAZZARATO, 2006, p.17)

O texto do *repórter* dava uma luz a um determinado ponto de todo um processo que estava iniciando, e não conseguia ou queria pensar nesse "possível atualizado" que Deleuze falava. Talvez fosse nessa desorganização das massas, nessa resistência das mídias descentralizadas das grandes corporações que algo novo e diferente começasse a acontecer. Resistir ao já dado, criando, inventando possíveis por dentro da grande estrutura, fazendo tremer um discurso e uma imagem consolidada. Não para, no lugar dela, criar outra de igual força ou poder, mas sim para abrir outros espaços de possibilidade para as formas de vida, para os modos de ser.

Maurício Lazzarato quando compara a filosofia de Gabriel Tarde ou a neomonadologia com as filosofias do sujeito (representadas por Kant, Hegel e Marx) diz:

A filosofia de Tarde é, assim, radicalmente diferente das filosofias do sujeito. Para estas últimas, existe apenas um mundo possível, aquele que o sujeito constrói. As filosofias do sujeito (ou do trabalho) são, em última análise, teorias da identidade, uma vez que implicam que um só mundo é possível. As ciências sociais construídas a partir desse modelo só podem então ser teorias do equilíbrio ou da contradição que, de maneira diferente mas complementar, remetem à teoria da identidade. A neomonadologia permite-nos pensar um mundo bizarro, povoado por uma multiplicidade de mundos possíveis - o nosso mundo. Nosso tempo é o da explosão desses diferentes mundos que vêm se atualizar, o que nos leva a uma outra ideia da política, da economia, da vida e do conflito. (LAZZARATO, 2006, p.39)

"O poder de crítica das massas foi subestimado. Os telejornais podres realimentam e amplificam o tosco, o tolo, o pior do ser humano. Programas sensacionalistas vegetam na UTI do conteúdo. Teimam em investir na mórbida curiosidade, no falso heroísmo policialesco, no primitivo erotismo formatado ao gosto das maiorias passionais, ou incautas, ou ignorantes, ou deslumbradas com a realidade nua."<sup>90</sup>

A acidez e fúria que *o repórter* se joga contra o que entende como a degradação da mídia e a docilização do público é impressionante no trecho acima.

- a) subestimação do poder de crítica das massas;
- b) amplificação da banalidade e do tosco pelos jornais;
- c) proliferação de programas sensacionalistas e sem conteúdo;
- d) investimento na mórbida curiosidade;
- e) falso heroísmo policialesco (se refere aos programas onde a polícia é documentada);
- f) foco no erotismo ao gosto das maiorias passionais.

Apenas nesse trecho de seu texto *o repórter* levantava seis itens, seis problemas, para ele, básicos que acabavam colaborando para a grande degradação e banalização da informação e da comunicação, e, conseqüentemente provocavam uma nova forma de comportamento social.

---

<sup>90</sup>Parágrafo retirado do texto "o otimista" publicado no *blog* "Uma" Escrita no dia 26 de outubro de 2013.

De acordo com Sibilía (2008) as novas práticas de uso da internet e das tecnologias resultam significativas pelo fato de fazerem estilhaçar algumas premissas básicas da sociabilidade moderna e do próprio eu. [...] a autora afirma que a rede mundial de computadores se tornou um espaço propício para a criação de novas subjetividades. Formas inovadoras, excêntrica e megalomaníacas, nasceriam nos meandros da internet, ao mesmo tempo que outras formas se atolariam na pequenez mais rasa que se pode imaginar.

Os olhos do *repórter* estavam voltados para esses espaços de pequenezas, e, ainda, não queriam dar conta das "formas inovadoras de subjetividade" que começavam a surgir. Ao mesmo tempo em que o estilhaçamento do eu e da sociabilidade moderna era capturado pelo capital e transformado em produto.

De acordo com Lazzarato (2006) o modelo disciplinar já não conseguiria forjar de forma paradigmática seu modelo de corpo mudo e dócil, mas que um outro modelo de corpo estaria surgindo, um corpo e alma marcados e fadados pelos signos, pelas palavras, pelas imagens (o logos das empresas) que se inscreveriam em nós de acordo com o mesmo procedimento da máquina de Na colônia Penal de Kafka: gravando suas palavras de ordem na pele dos condenados.

O *professor-escritor* ainda não havia lido essa obra de Kafka, mas lembrava do filme *Mockba* 2017, dirigido e produzido por Jamie Bradshaw e Aleksandr Dulerayn, a película russa de 2012 faz referência a uma sociedade distópica onde as grandes empresas e suas marcas corporativas promovem uma conspiração de nível mundial na mente das pessoas, transformando-as em criaturas passivas tristes e dependentes de seus produtos e do tipo de mundo inventado por elas.

O cinema e a literatura estavam cheios de exemplos distópicos da sociedade. Perceber, entender os processos que transformam os nossos modos de vida, conhecer os discursos que tentam construir e colonizar as formas de ser e estar na vida, faz parte do conhecimento necessário para resistir a eles. A escrita como um processo de formação que vai permitindo ao sujeito desenhar com palavras o mundo e a sociedade da qual querendo ou não, faz parte, age como uma saúde, "todo grande artista é um clínico, um clínico da civilização: alguém que analisa a doença ou os sintomas do homem e do mundo e avalia suas possibilidades de cura."<sup>91</sup>

*Nem o repórter, nem o professor-escritor*, nenhum dos autores do *blog* eram grandes escritores. Não era isso que importava. O que importava era tentar uma aproximação ao processo no qual os grandes artistas estavam inseridos para buscar outras formas de se

---

<sup>91</sup> MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2009. P. 217,218



relacionar consigo mesmo e com a sociedade diferentes daquelas impostas ou sugeridas seja pelo Estado ou pelo capital.

Escrever muda-nos. Não escrevemos segundo o que somos; somos segundo o que escrevemos. Mas donde vem o que é escrito? ainda de nós? de uma possibilidade de nós próprios se descobriria e se afirmaria unicamente pelo trabalho literário? Todo trabalho nos transforma, toda ação realizada por nós é ação sobre nós... (BLANCHOT, 2011, p.92.)

#### 14. “Uma” Escrita”

*"O fim é o que está completo. O fim fica em frente. O fim é o que não retorna. O fim é o que se transforma. O fim está perto. O fim é um feto."*<sup>92</sup>

O que *professor-escritor* estava buscando eram vestígios, resquícios de um povo ainda por vir. Mas buscava isso naquelas pessoas-autores que haviam aceitado seu convite para escrever. Poucos textos. Precisava "tomar a cultura daquele grupo, comunidade, etc., como foco e ponto de partida"<sup>93</sup> através da cartografia:

O método da cartografia não é um conjunto de regras para ser aplicadas, nem um saber pronto para ser transmitido. Sendo assim, a aprendizagem da cartografia não é questão de aquisição de saber nem de transmissão de informação. É preciso praticar a cartografia. A formação do cartógrafo não se fundamenta na experiência passada, mas encontra sua chave na experiência presente. Trata-se mais de um refinamento da percepção do que um apelo ao saber acumulado ou à memória. É, acima de tudo, uma questão de aprendizado da sensibilidade ao campo de forças. Trata-se enfim, de um cultivo da atenção concentrada e aberta à experiência de problematização. (KASTRUP et al., 2009, p. 201)

O que o *professor-escritor* fizera até o momento? Praticara. Buscara dar atenção às relações produzidas por seus encontros; com a educação, com a tecnologia, com a literatura e com sua própria vida. E como era a vida dele? Do *professor-escritor*? Público funcionário. Estudante de mestrado e escritor em *blogs*. E o que buscava? Ele procurava um tipo de saúde que só a literatura podia dar. Era esse o motivo de escrever tanto? Não seria apenas mais uma deserção? Não. Ele procurava aliados. Esse povo que falta. Mas não procurava pessoas especiais. Criaturas fantásticas ainda por surgir. Procurava esse povo dentro dos que escreviam pelos *blogs*. Procurava esse povo que se beneficiava dessa saúde dentro dos autores

<sup>92</sup> Frases retiradas do poema *Perfil*. ANTUNES, Arnaldo. As coisas. São Paulo. Iluminuras. 2000. P.39

<sup>93</sup> FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011. p.180

que escreviam no *blog* criado por ele. Precisava, sentia que esse povo existia em suas entranhas, mas que também que existia em outros. Gritando, pedindo para sair. E escrevendo, inventando esse povo dentro de si e dos outros, o *professor-escriptor* acreditava em um outro tipo de formação. Uma formação não mais presa à disciplina, mas que não se fascinasse pela falta de muros e tantas inserções na grande rede. A disciplina e o controle. Para escrever sobre esse processo, essa transição de momentos e produção de subjetividade, seu corpo conceitual usava da cartografia para dar conta da caminhada. Mas precisava analisar o *blog*, buscar indícios daquele povo faltoso. Entender um pouco mais o povo presente no "Uma" Escrita. Por que estavam lá?

Para isso fizera uso da etnografia, mais especificamente a etnografia virtual. Era a primeira vez que usava o método. Não estava muito seguro. (Um sorriso) Mas quando estivera totalmente seguro de alguma coisa?

La metodología de una etnografía es inseparable de los contextos donde se desarrolla y por eso la consideramos desde una perspectiva adaptativa que reflexiona precisamente alrededor del método. La postura etnográfica descrita en este libro trata de hacer justicia a la riqueza y complejidad de Internet, a la vez que aboga por la experimentación dentro de un género que responde a situaciones enteramente nuevas. (HINE, 2004, p 23)

Em suas buscas por métodos e maneiras de pesquisar em redes e *blogs* dentro do ciberespaço, o *professor-escriptor* teve acesso à obra da autora Christine Hine e seu livro *Etnografía Virtual*. Esse método surgiria como um desdobramento da própria Etnografia para dar conta das pesquisas e estudos dentro do ciberespaço.

De acordo com Frago et al (2011) alguns pesquisadores perceberam que as técnicas de pesquisa etnográfica também poderiam ser usadas para estudar as culturas e comunidades que se formariam graças às facilidades de comunicação em rede possibilitadas pela Internet, tanto os grupos sociais constituídos no off-line que transitariam por entre espaços virtuais ou inclusive formações sociais produzidas apenas por relações *on-line*. No entanto a autora relata que um grupo de pesquisadores não se sentiu muito a vontade com a transposição do método para os espaços da internet a partir dos anos 90. Como a tradição inicial da pesquisa etnográfica reside no fator deslocamento, o pesquisador tem de ir para o campo, viajar para estudar determinado país ou região durante determinado tempo de estudo. Pois bem, o questionamento dos contrários a transposição do método etnográfico se basearia nessa dissolução espaço-temporal promovida pela internet. Já não haveria mais, para este grupo de pesquisadores, nem deslocamento, estranhamento nem o "ir a campo".

O *professor-escriptor* pensava... e escrevia... e agora lia muito mais, estudava... terreno perigoso... correr riscos... correr riscos...

Para Hine (2000), a etnografia virtual tem um caráter qualitativo e poderia ser observada por duas perspectivas:

La primera sostiene que Internet representa un lugar donde se gesta una cultura: el ciberespacio. (...) tales estudios sobre espacios online contribuyeron ampliamente con el establecimiento de la imagen de Internet como cultura. La segunda perspectiva define Internet como un artefacto cultural, un producto de la cultura, enfin: una tecnología que há sido generada por personas concretas, con objetivos y prioridades contextualmente situados y definidos y, también, conformada por los modos en que há sido comercializada, enseñada y utilizada. (HINE, 2004, p.18,19)

O *professor-escriptor* pensava que a internet poderia ser entendida simultaneamente como cultura e também como artefato cultural. Espaço onde se produzia uma cultura específica; cibercultura, mas que também não deixava de ser entendida como um artefato cultural, pois era produzida por pessoas concretas com objetivos específicos.

Ele, o *professor-escriptor*, escrevia em *blogs* desde 2009. Com o advento da web 2.0, todo o processo de criação de *blogs* havia sido facilitado, várias plataformas de internet ofereciam programas para os usuários criarem seus próprios *blogs*. Tentava escrever literatura. O *blog* era como um exercício. Escrevia para aprender a escrever e para se entender e entender o resto. Um processo... Seus textos criavam e destruíam continuamente sua forma de ver as coisas. Instabilidade, maleabilidade... Colocava tudo a prova. E nesse processo criara um estilo, uma forma de escrever e pensar. Um ritmo. Um tom. Ao avizinhar-se das filosofias da diferença e seus autores, todo seu texto tremeu, foi invadido, furado, rasgado, amassado, dobrado, explodido. E seu texto era ele mesmo. Conceitual ou estético, personagem. Para o filósofo passar a sua filosofia, ele produz um personagem conceitual e se associa com ele, para que aquele personagem conceitual diga, por ele, a sua filosofia. Uma filosofia se manifesta, se expressa exatamente por essa figura que eu estou construindo pra vocês chamada - personagem conceitual - o personagem conceitual na filosofia.(...) mas quando você vai para a obra do Fernando Pessoa, e você encontra um heterônimo - Alberto Caieiro é um heterônimo do Fernando Pessoa.(...) Um heterônimo do Fernando Pessoa - é um Personagem Estético. Então, na filosofia, o personagem conceitual; na arte, o personagem estético.<sup>94</sup>

<sup>94</sup> Disponível em <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=1556>. Acesso em 20 de dezembro de 2013

Era conceitual e era estético. Para dar conta de sua cartografia, através de seus textos pela internet, tinha que afastar de si o que o filósofo Claudio Ulpiano chamava de esquema sensorio motor. "O esquema sensorio-motor é aquele que nos obriga a perceber o mundo e a devolver o movimento ao mundo."<sup>95</sup>

A personagem conceitual que era o *professor-escritor* estava ali para descarnar, embaçar, acabar com o domínio exercido por aquele sujeito pessoal, por isso não era escape, evasão. Nunca fora escape...Mas sim uma "Linha de Fuga"!

O *professor-escritor* era uma reação, resistência ao domínio do sujeito pessoal e era estético também, pois produzia afectos e perceptos pelos encontros que fazia em sua trajetória, tanto no que era escrito agora, este próprio texto, quanto nos que escrevia como postagens pelos *blogs* e sites de interesse literário pela rede.

E o que eram perceptos e afectos?

Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que o experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, percepções e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213)

Era assim que resistia. Assim que inventava. Que criava dentro de si, tentava pelo menos, uma desorganização desse sujeito pessoal, desse *eucartesiano*. Sujeito definido e codificado por uma sociedade disciplinar e que também era monitorado frequentemente por toda uma gama de artefatos produzidos pela tecnologia e que serviam, também, para delinear uma forma de viver e estar no mundo criado pela sociedade de controle. Para produzir em si mesmo e no seu texto, espaços de respiração, precisara traçar uma cartografia. Uma cartografia dos encontros que fizera com a filosofia, com a sociologia, com a literatura e com a arte. Traçar em texto os agenciamentos feitos, a relação de forças que estavam em jogo e a potência de sua experiência. Fora atravessado de forma intensa pela reverberação desses encontros. Modificara e ainda se via espantado com a maleabilidade de seu rosto, que se construía e destruía sempre ao ritmo e de acordo com as modulações de força e sentido que produziam seu corpo e que também eram produzidos por ele. Pensava neste texto avizinado da literatura como uma forma de resistir. Condição de luta. Saúde.

---

<sup>95</sup> Centro de Estudos Claudio Ulpiano.

Disponível em <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com>. Aula 9. Acesso em 03/02/1995 – Personagem conceitual e personagem estético.

Nós, os novos, os sem-nome, os difíceis de entender, nós, os nascidos cedo de um futuro ainda indemonstrado - nós precisamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, de uma saúde mais forte, mais engenhosa, mais tenaz, mais temerária, mais alegre, do que todas as saúdes que houve até agora. [...] da grande saúde - de uma saúde tal, que não somente se tem, mas que também constantemente se conquista ainda, e se tem de conquistar, porque sempre se abre mão dela outra vez, e se tem de abrir mão!... (NIETZSCHE, 1999, p.206-207)

Quando começara a escrever em *blogs* na internet, o que buscava era essa grande saúde citada por Nietzsche. Agora, em seu *blog*, o "Uma"Escrita, exercitava uma busca por aliados. Gente que, como ele, acreditava na escrita literária, no processo de escrever como um forma de saúde, como forma de resistirética e esteticamente aos cerceamentos que a vida impunha. Imposições ditadas pelo Estado e pelo capital. E por todo um discurso de poder que, maleável, se adaptava às transformações sociais, políticas e culturais que produziam as subjetividades contemporâneas.

O *professor-escritor* tinha um prévio conhecimento do uso de *blogs*, mas para a sua pesquisa precisava de um único ambiente. Precisava observar uma comunidade on-line com interesse literário se formando. Quem eram? Quais os interesses, os temas recorrentes? Como se portavam ao exibirem seus textos ao público e em rede? Então construiu o *blog* "Uma"Escrita. Inventou o país, o relevo, o ar, as planícies. Precisava saber qual povo se adaptaria ao clima, ao ritmo e às forças que produziam e configuravam aquele espaço. O "Uma"Escrita é um terreno definido, todos os que ali postam sabem que fazem parte de um projeto de mestrado, isso está colocado logo na capa do *blog*.

Convites foram enviados. Seguindo o exemplo de Ricardo Basbaum em seu projeto NBP

(Novas Bases para a Personalidade), *Você gostaria de participar de uma experiência artística?* O *professor-escritor* confeccionou vários modelos de convites *on-line* tendo como título a pergunta: *Você gostaria de participar de uma experiência de escrita?*

Ele buscava nas redes sociais, *blogs*, amigos, e enviava os convites. Muitos convites, mas ao contrário da aceitação e repercussão de Basbaum, os convites não eram respondidos. Uma grande parte das pessoas convidadas nem respondeu. O que o *professor-escritor* notava era que os acessos ao *blog* no dia depois do envio dos convites aumentavam razoavelmente. Uma curiosidade parecia surgir entre as pessoas convidadas, mas que não era suficiente para que as mesmas se sentissem confiantes para participar do projeto. Pelo fato do *blog* ser desconhecido e novo, muitas pessoas não se arriscaram a escrever. Normalmente quem escreve na internet procura espaços de evidência e que lhe possibilitem certa segurança

quanto à autoria dos trabalhos. Ficou explícita essa preocupação em um dos e-mails, poucos por sinal, de uma professora que queria escrever, mas nunca o fez:

"Olá Ronie! Tenho uns textos aqui, mas não os registrei ainda sei que postando fico com a responsabilidade, mas ando sem tempo de fazê-lo, mas queria tanto enviá-los... Abraços! Estou fazendo um tour em seu *blog*!"<sup>96</sup>

Por uma questão de ética, o *professor-escritor* preferiu não usar os nomes verdadeiros dos autores no corpo do trabalho da pesquisa, embora todos eles soubessem do caráter do *blog*. Inclusive todos haviam enviado uma fotografia e uma breve descrição do que faziam. Dados postados juntamente com seus textos no *blog*. O problema da exposição dos trabalhos escritos e publicados *on-line* na Internet ficou evidente através do comentário da professora. Faltava confiança ainda. O espaço era novo. E a internet é um campo arriscado. Os que escrevem gostam de analisar, conhecer o ambiente onde habitarão. Se não houver confiança desistem. Há o medo recorrente de que o autor poderá ser prejudicado, que seus trabalhos serão copiados, perderá a autoria e essas coisas. Se o *blog* ou o site não forem bem conhecidos e reconhecidos, alguns autores preferem, ainda, a gaveta da escrivaninha. Outro fator que acaba inibindo alguns autores é o simples fato de que poderão ser questionados ou constrangidos pelo público. O temor do outro:

No momento da criação, esse temor pode funcionar muitas vezes como um componente inibidor: "você acaba caprichando mais no visual e na gramática. 'O que vão pensar?' Aparece muito esta pergunta em nossa cabeça. (...) Afinal, a aprovação é algo que a maior parte das pessoas está sempre esperando, procurando." Ou seja, a liberdade do Outro para se expressar em relação ao texto aumenta, mas a do autor de escrever aquilo que realmente pensa diminui. (SCHITTINE, 2004, p. 225)

O *professor-escritor* identificava, então, alguns componentes inibidores para o número pequeno de autores que escreviam no *blog*. a) desconfiança do real motivo do *blog* ou site; b) o pouco tempo de funcionamento; c) a inserção do *blog* dentro de um projeto acadêmico; d) o temor do outro; e) medo de que a autoria e o direito sobre os textos publicados fossem de alguma forma roubados.

A desconfiança era percebida quando em entrevistas presenciais algumas pessoas perguntavam: "mas o que tu vais fazer depois?". Mesmo sendo colocado para todos que o *blog* fazia parte de um projeto de pesquisa, a desconfiança estava presente. Alguns desconfiavam da existência do próprio projeto, outros desconfiavam das intenções do projeto.

---

<sup>96</sup>Comentário postado no blog "Uma" Escrita no dia 02/10/2013

Como o *blog* tinha pouco tempo de existência e era pouco conhecido, muitas pessoas preferiram não publicar. “Um número cada vez maior de usuários evita o terreno movediço das páginas independentes direcionando seus navegadores para endereços enraizados em instituições conhecidas e, preferencialmente, nascidas ‘fora da rede’”. (FRAGOSO, 2003, p.9). Muitos queriam visibilidade para seus trabalhos, e o “Uma”Escrita ainda não estava em condições de competir - esse nunca foi o objetivo do *blog* - ou de se comparar aos grandes *blogs* do gênero. Um dos métodos usados pelos autores de textos literários em *blogs* é a análise de outros autores e dos lugares onde eles “habitam”. Esses lugares, novos lugares, são alvos para os textos do autor que faz a busca. É uma forma de descobrir *blogs* interessantes para publicar. Busco alguns nomes de autores que li pela internet e tento publicar meus próprios textos nos espaços em que eles publicam. É comum vermos vários *blogs* diferentes por todo o país publicarem quase os mesmos autores. Outro método para “bombar” os *blogs* com visitas e comentários, é a troca de favores. O comércio de visitas e comentários feito pelos usuários dos *blogs*. Apesar de esse método ser interessante pelo fato da comunicação e da troca de informações *on-line*, o que acontece muitas vezes é um processo mecânico de visitas feitas pelos usuários apenas para conseguirem mais “visitas”. O número de visitas e comentários para um *blog* é como dinheiro para um banco.

A forma escolhida para a divulgação do *blog* “Uma”Escrita e dos trabalhos publicados nele foi o da imersão nas redes sociais - com já foi dito.

Também o “clima” de projeto acadêmico parece ter inibido a espontaneidade e a criatividade de textos mais livres e espontâneos, trazendo para o ambiente certo peso de “coisa oficial”, o texto do autor acaba tentando se adaptar ao que ele, o autor, acha que a pesquisa acadêmica espera dele.

Na primeira fase de ambientação e contato com o grupo, a chamada “*entrée* cultural”, termo criado por Kozinets(2002), citado por Fragoso et al (2012), o que mais o *professor-escritor* notara fora realmente o temor do outro. O medo de não ser aceito, de ser ridículo ou simples demais. De acordo com Lago (2007 apud FRAGOSO et al , 2012, p 186), o que ajudaria o pesquisador a perceber o sentido das ações que observa seria a ação de ouvir agenciada às entrevistas em profundidade, abertas, mas também os diálogos casuais. Também as significações específicas que o grupo analisado confere às suas próprias ações, rituais, et.

O *professor-escritor* quanto a sua inserção sentia-se muito mais um pesquisador insider (Hodkinson, 2005 apud FRAGOSO et al, 2012, p.193) do que um lurker, (Orgadi, 2009 apud Fragoso et al, 2012, p.192) pesquisador silencioso. A prática de lurking se constituiria da ação de entrar em ambientes virtuais onde se agrupam determinada

comunidade específica, fóruns ou listas de discussão sem nenhuma participação ativa, apenas como observador. Ele, o *professor-escritor* preparara o terreno, fizera convites, interferira na relação e no encontro do grupo, mas também tivera o cuidado de tentar não interferir de forma mais contundente quanto a gênero de textos, faixa etária, tipo de postagem e imagens. Estava identificado no *blog*. Era conhecido como pesquisador, e não se limitava somente a observação do grupo de autores, era também um autor do *blog*. Para a pesquisa, propiciara também, algumas pequenas entrevistas "diálogos casuais" com alguns professores de língua portuguesa convidados para escrever no "Uma" Escrita. Destas entrevistas o que mais chamou a atenção foi exatamente o temor do outro.

Foram feitas três entrevistas, conversas informais com grupos de professores de três escolas diferentes na cidade de Pedro Osório e Cerrito. Nunca foi feito um questionário para ser respondido pelo grupo, a conversa girava livremente sobre o ato de escrever, literatura. Quando perguntados por que não escreviam, ou por que não escrever no *blog* "Uma" Escrita, as respostas e argumentos dos professores giravam mais ou menos no mesmo eixo. Algumas respostas apontadas pelo *professor-escritor*:

- a) Eu não gosto de escrever, prefiro ler;
- b) Na faculdade meu professor de literatura nunca incentivou quem escrevia poesia;
- c) No meu curso o professor de português arrasava e ridicularizava nossas redações;
- d) Como eu sou professor de Português a responsabilidade de não errar acaba inibindo a minha escrita;
- e) Eu queria escrever, mas meu marido disse que o meu texto não é bom;
- f) Estou em busca do texto ideal;
- g) Não quero escrever qualquer coisa, quero fazer diferença;
- h) A primeira coisa que as pessoas fazem é procurar os erros da gente... É por isso que eu não gosto de escrever.

O *professor-escritor* começava a entender os fantasmas que rondavam a mente dos seus colegas. Principalmente os professores de Língua Portuguesa se sentiam pressionados por lidarem com a linguagem e suas regras, e temiam cometer erros que colocassem em dúvida seu conhecimento da disciplina. Alguns culpavam o próprio curso de Letras que não trabalhava a literatura como uma experiência de vida e criação, não foram poucos os que disseram ser aconselhados a não escrever poesia por seus professores. Como se a poesia fosse algo banal e simplório, ou que eles, os professores, jamais conseguiriam realmente escrever uma "verdadeira" poesia. O Curso de Letras não tinha bons olhos para a experiência da



escrita, para a potência da criação e nem se importava com a condição de processo. A escrita como um processo. Um processo de criação e destruição de rostos, verdades, e ideias. Um processo de formação.

Ao mesmo tempo em que estes professores de português incentivavam seus próprios alunos a escrever redações e textos literários, como contos e poesias, eles, os professores, não se arriscavam a participar dessa experiência de escrita.

Outros diziam que não queriam escrever "qualquer coisa", estavam pensando, tinham ideias. O olho brilhava, o *professor-escritor* percebia, queriam participar. Mas ainda não haviam atingido o texto perfeito. O texto ideal. Estavam ainda lapidando a ideia, o texto... Nunca escreveram...

A opinião dos outros. O olhar do outro. Inibia o processo criativo dos professores, tomavam seus cafezinhos, levantavam com meios sorrisos e voltavam para suas aulas. Escrever era perigoso.

O *blog* "Uma" escrita fora criado em junho de 2013 e a análise e estudo do mesmo começara, de forma não tão intensa, na mesma data. O *blog* servia também como caderno de anotações. Mas o trabalho de análise de fato começara em outubro de 2013. O *professor-escritor* estipulara três meses para se dedicar intensamente a leitura dos textos e apontamentos sobre o *blog* e o grupo de pessoas que nele escreviam.

Segundo Hine (2009 apud FRAGOSO et al, 2012, p.182) sobre a construção do campo:

(...) ele não deve ser separado, como se fosse um domínio distinto da vida cotidiana, mas sim ser explorado sem assumir antecipadamente os seus limites, reparando em traços de atividades sociais e texturas (links, scraps, tweets, msgs et.)

"Sem assumir antecipadamente os seus limites..." para o professor-escritor, não era só o *blog* "Uma" escrita que estava sendo observado, mas todas as relações de força e sentido que ele desencadearia ou não nas pessoas que participassem da experiência proposta. Não somente o *on-line* estava sendo observado, mas também o *off-line*.

Até dezembro de 2013 o *blog* "Uma" Escrita contava com nove autores-escritores, incluindo o próprio *professor-escritor*. E o ato de pensar era um dos temas recorrentes das postagens, outros autores do *blog* haviam escrito sobre o tema, mas o *professor-escritor* fora capturado pelo que *professora de história* escrevera: "Meus pensamentos são livres de qualquer cerceamento social ou político". Ele lembrava-se de um trecho escrito por Deleuze sobre Michel Foucault e o pensamento:

Pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento. E, primeiramente, considerando-se o saber como problema, pensar é ver e é falar, mas pensar se faz no entremeio, no interstício ou na disjunção do ver e do falar. É, a cada vez, inventar o entrelaçamento, lançar uma flecha de um contra o alvo do outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis. (DELEUZE, 2005, p. 124)

Parecia que a autora vislumbrara esses interstícios do pensamento que Deleuze citava, dizia que seus pensamentos se esgueiravam para além das imposições que a formatavam. No entanto o *professor-escritor* também sabia que o corpo do sujeito era marcado, condicionado, primeiramente por uma sociedade disciplinar, depois por uma sociedade de controle, ou as duas ao mesmo tempo. E que essas cicatrizes atuariam em nossa forma de pensar. Livrarmos completamente disso tudo seria como nos livrar da história, da memória e da intensidade das forças que produzem nossas subjetividades. Não haveria uma total liberdade, mas sim formas de resistir, estratégias de guerrilha para construir um outro possível. Pôr a baixo todos os muros nos colocaria frente à potência imensurável do caos. Não resistiríamos.

Mas, sim, pensar para além das fronteiras já criadas era algo, era um dos itens que o *professor-escritor* esperava encontrar. Caça ao tesouro. Ele sorria. Esperava encontrar?

Não buscava aliados?

Mas a *professora de história* havia escrito apenas dois textos. Não continuara a escrita. Nas palavras dela: "Apenas aprendi a conhecer um pouco mais da humanidade e por isso sei que não vale a pena falar para quem não pode ou não quer ouvir." Ela falava de um silêncio. E também de uma seleção. Os que podiam ou queriam ouvi-la. Como saber? Como saber sem expor, sem arriscar o próprio texto nessa relação de forças, nesse embate?

Em um dos textos, "Livre arbítrio", outro autor com bastante ironia questionava o problema do pensar:

"Nem sei mais agora. Será que meu cérebro não está me enganando desde sempre e eu nem sou eu mesmo, mas quem meu cérebro quer que eu seja? E meu cérebro? Não sou eu?"<sup>97</sup>

De acordo com Guattari na obra *Micropolíticas, Cartografias do desejo*(2010), escrita com Suely Rolnik, o que há é uma produção de subjetividade, e que esta produção não se limitaria ao indivíduo, mas se estenderia também para o social. Uma produção de subjetividade social que poderíamos encontrar em todos os níveis de produção e consumo. Inclusive a produção de uma subjetividade inconsciente, produzida por uma grande fábrica ou máquina capitalística que produziria inclusive aquilo que aconteceria conosco em nossos sonhos, devaneios, fantasias. Esta produção inconsciente de subjetividade seria responsável

---

<sup>97</sup>Parte do texto "Livre arbítrio" postado no *blog* "Uma" Escrita em 31 de Julho de 2013

inclusive por nossas paixões amorosas. Em oposição a isso Guattari na mesma obra afirma que é possível desenvolver "processos de singularização". O que seria isso? Formas de recusar qualquer modo de encodificação preestabelecidos. Todos esses modos de manipulação e de telecomando. Conseguindo recusar a isso, construiríamos modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produziriam uma subjetividade singular. Desta forma estaríamos criando dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não seriam os nossos.

No entanto, o que acontece com o *professor de história* é que em seu texto, de alguma forma ele acaba reafirmando, mais uma vez, o seu eu. "Então, ainda estou no comando. Sou eu que tomo minhas próprias decisões. Talvez não todas as vezes, vá lá. Mas espera aí. Se estou no comando, fui eu mesmo que cometi todos os erros de minha vida?"<sup>98</sup>

Mesmo tentando um estilo em que a afirmação do que diz fique cercada de perguntas que podem inclusive questionar o que já foi dito, o autor em todo o texto, parece ironizar o fato de que também ele é uma construção, uma produção, e que o que pensa o que diz e como age na vida tem a ver com essas formas de produção de subjetividade.

Quando o *professor de história* afirma que é ele mesmo que toma as decisões de sua vida, deixa evidente que não leva em conta todas as relações de força, econômicas, políticas, culturais, regionais, religiosas que o configuram. Para criar modos de sensibilidade capazes de transformar a sociedade e os valores que nos são impostos, é necessário entender contra quem lutar, contra quem resistir.

A linguagem não só ajuda a organizar o tumultuado fluir da própria experiência e a dar sentido ao mundo, mas também estabiliza o espaço e ordena o tempo, em diálogos constantes com a multidão de outras vozes que também nos modelam, coloreiam e recheiam. Há limites, porém, para as possibilidades criativas do eu que fala e desse eu que se narra. Pois o narrador de si não é onisciente: muitos dos relatos que dão espessura ao eu são inconscientes ou se originam fora de si: nos outros; aqueles que, além de serem o inferno, são também o espelho e possuem a capacidade de afetar a própria subjetividade. Porque tanto o eu quanto seus enunciados são heterogêneos: para além de qualquer ilusão de identidade, eles sempre estarão habitados pela alteridade. (SIBILIA, 2008, p.32)

O *blog "Uma" Escrita* sempre teve uma proposta de experiência de escrita literária, o *professor-escritor* tentava buscar vestígios desse povo que faltamos autores do *blog*, pois segundo Bogue (2011) a arte feita pelos artistas estaria geralmente buscando um povo, mas citando Paul Klee, o autor diz que esse povo falta. Não haveria coletividade possível no

---

<sup>98</sup> Ibid

presente. Ronald Bogue diz que Deleuze observou que os artistas sozinhos não poderiam superar a ausência de uma coletividade possível, porém poderiam aludir a uma coletividade potencial, e assim convidariam seu público a participar com eles de um esforço para a construção de um povo. No entanto, a maioria dos autores preferiu se esquivar dessa escrita mais criativa e literária, preferindo fazer comentários pessoais em forma de crônicas. Nessas crônicas, muito de opinião:

(...) também nós, dominados pelas mídias e pela literatura best-seller, estamos condenados às opiniões e às fáceis certezas daqueles que "tudo sabem". A opinião luta contra o caos que é a multiplicidade de possibilidades; incapaz de viver com o caos, sentindo-se tragada por ele, a opinião tenta vencer o caos, fugindo dele, impondo o "pensamento único". Mas essa fuga é apenas aparente; o caos continua aí, sub-repticiamente jogando dados com nossas vidas. O que importa não é nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas. (GALLO, 2008, p.49)

O *professor-escritor* queria exatamente isso. Tirar possibilidades criativas do convívio com o caos. Buscar na literatura e suas possibilidades aquela grande saúde Nietzscheana uma saúde mais forte, mais engenhosa, mais tenaz, mais temerária, mais alegre... (NIETZSCHE, 1999, p.206). Não conseguiu. Mas esse fato não era frustrante. Pouco tempo. A empreitada de buscar, de achar esse povo, mesmo que apenas vestígios dele, dentro dos autores que escreviam no "Uma"Escrita, de antemão, já era uma tarefa árdua. Mas serviu para lhe mostrar que a Literatura como potencia criadora e alegre não andava bem. Escrever de forma criativa exige coragem, irreverência, delírio, rigor, leitura...Muita leitura. O que fica mais evidente nas postagens do *blog* é que escrevemos através e com nossas experiências, não as intensivas, mas as extensivas. A maioria de nós tende a escrever evidenciando as próprias neuroses. Fugindo, esquivando o corpo e o texto das possibilidades advindas das rachaduras e das fendas abertas nos muros do senso comum e dos modos de manipulação e telecomando aos quais somos postos em relação.

Escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas. Pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa; em ambos os casos é o eterno papai-mamãe, estrutura edipiana que se projeta no real ou se introjeta no imaginário. (DELEUZE, 1997, p.12)

Decepção? De forma alguma. O *professor-escritor* pensava no *blog* como uma oficina, um lugar para observar a produção textual de um povo que habitava os espaços da internet e da Cibercultura. A literatura não estava ali? A que ele queria não. Pensava. Mas qual literatura almejava? Pretendia descobrir grandes escritores. Escritores de uma literatura menor, ali, no *blog* "Uma"Escrita? Em alguns meses de funcionamento? Não. Claro que não! Não era isso.

Acreditava, sim, que a literatura e a arte abriam possibilidades criativas para se pensar novas formas de subjetividade. Resistir. Sempre resistir. "A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha." (DELEUZE, 1992, p.215). O *blog* era uma tentativa de entender essa outra subjetividade. Essa que estava blogada, que acenava, de forma um tanto ingênua, inclusive, para as novas formas de viver que a tecnologia propiciava.

E era isso que ele constatava agora. O grupo de pessoas que escrevera no *blog* pertencia a uma faixa etária dos 35 aos 55 anos, o único que fugia dessa regra era o *estudante*, estava entrando na Universidade e deveria ter uns vinte a vinte dois anos. Como o *professor-escritor* podia saber disso? Perguntara a idade dos autores? Não. Mas todos haviam enviado fotos, e o professor fizera uma busca pelos nomes pela internet e redes sociais. Todos estavam lá.

De acordo com Deleuze (1992) os mecanismos de controle já não precisariam mais ser pensados dentro dos filmes de ficção científica, uma espécie de coleira eletrônica monitoraria frequentemente a posição de qualquer elemento em espaço aberto. O *professor-escritor* pensava nessa coleira eletrônica... As redes sociais encoleiravam todos. Arquivo sobre a vida de todos. Público. Perigoso. Assustador. Mas isso não podia ficar só nisso. Era controle? Sim. Mas a questão não era ser a favor ou contra. As redes estavam, eram. As redes determinavam formas de ser e viver. A resistência tinha que se dar dentro dela também. Criar espaços outros. Era possível, o *professor-escritor* sabia que era. E a arte e a literatura podiam desterritorializar, para usar um termo de Deleuze e Guattari, as estruturas desse espaço dado. Obviamente não ia ser de uma hora para outra. O tempo é necessário. Tanto Cronos quanto Aion. Ronald Bogue no artigo *Por uma teoria Deleuziana da fabulação*, publicado na obra *Conexões: Deleuze e vida e fabulação e...* (2011) diz que Deleuze e Guattari ...

(...) opõem Cronos, ou o tempo sequencial comum, a Aion, o tempo flutuante sem pulso, que é melhor entendido pelos verbos no infinitivo – mover-se, dançar, pensar, cada infinitivo remetendo a uma zona indeterminada de fluidez e de fluxo de tempo-espaço. Aion é o tempo do devir, dizem Deleuze e Guattari, e por isso o devir-outro de uma literatura menor deveria ser necessariamente anticronológico. Deleuze e Guattari também associam a Memória e a História a Cronos, declarando que Aion é o reino da anti-Memória e da anti-história, do intempestivo. (BOGUE, 2011, p.26)

A sociedade ainda estava sofrendo os primeiros movimentos dessa nova subjetividade que surgia. Ainda havia muito de deslumbre e temor. Fascínio e aversão. A internet e as redes sociais refletiam, ainda, as formas tradicionais de fazer e pensar, agora de forma mais veloz, dinâmica. No entanto era preciso mais. O *professor-escritor* pensava. E escrevia. Como estaria aquele grupo de autores do *blog* no futuro? Daqui a mais quatro anos. Dois... Estariam

escrevendo ainda? Escrever teria, ainda, sentido para eles? Isso para *ele* era formação. Acontecera com *ele*. Ao produzir seus textos, cria-los, inventá-los. Acrescentava de potência em si mesmo. Mas talvez as destruições que seus textos faziam em seu próprio corpo resultassem mais. Mais fortes. Cada vez que juntava os pedaços de si mesmo do chão, era outra criatura que retornava. *O fim sempre era um feto*. Para lembrar Arnaldo Antunes. Ao escrever o *professor-escritor* era sempre o anciãodecrépito. Olhos e ouvidos bem abertos para a grande morte. Para o prazer da grande morte, para retornar como feto, ovo, pronto para ser quebrado novamente. Eternamente. Mas sempre trazendo algo novo. Olhos vermelhos das profundezas.

O que sabia então do grupo de seu *blog*? Não eram tão jovens, vinham de classe média.

As relações assimétricas de poder no mundo todo são reguladas pela valorização das categorias branco, masculino, europeu, adulto e humano, em relação ao não-branco, feminino, não europeu, criança, animal. Qualquer processo que sirva para revolver esses códigos e suas configurações de poder tem força política com o potencial de transformar as relações sócias e do meio, de maneiras imprevisíveis. (BOGUE, 2011, p.20)

Estas relações assimétricas de poder citadas pelo pesquisador e professor Ronald Bogue, estavam bem definidas dentro do “Uma”Escrita. O *professor-escritor* constatava categoricamente as consequências da valorização de um padrão, de um modelo de pessoa, sujeito, sociedade. Constatava como esse padrão marcava, cicatrizava sua norma, seu poder em todo o mundo. O *blog* “Uma”Escrita comprovava isso. Pequena amostragem. Rápida. Mesmo com uma proposta de “revolver esses códigos e suas configurações de poder”, o que o *blog* conseguiu foi comprovar uma captura, um condicionamento.

Em relação ao tempo de postagem. A periodicidade das postagens. Os autores, aqueles que mantiveram “alguma” regularidade, pareciam esperar a postagem do *professor-escritor*. Normalmente eram contos, curtos. E em seguida os outros postavam também. Jamais um autor postou mais de um texto por dia, mesmo o *blog* estando liberado para qualquer quantidade e tipo de texto. Preferiam manter o mesmo ritmo do *professor-escritor*.

Sobre a confiança. Ficou evidente que todos os que publicaram e publicam seus textos no “Uma”Escrita, de certa forma conheciam o *professor-escritor*, isso serviu para que se sentissem muito mais a vontade para participarem do projeto. Para aceitarem o convite. Alguns que não eram próximos do *professor-escritor*, como foi mencionado, tinham certo interesse de participar. Mas o fato de desconhecerem a “pessoa” que propunha a experiência do *blog* acabou por afastá-los. Esse fato surpreendeu de certa forma o *professor-escritor*, ele

achava que a distância seria um dos fatores que desinibiria aqueles com vontade de escrever. Pensava inclusive que os mais próximos se sentiriam constrangidos de expor seus trabalhos pelo fato de puderem serem questionados ou sofrerem qualquer forma de reação contrária. Todos querem ser aceitos.

Exatamente pelo fato dessa proximidade, o *professor-escritor* optou por manter no anonimato os verdadeiros nomes dos autores que escrevem no *blog*.

Algumas pesquisas desvelam detalhes e levantam tópicos que podem ser prejudiciais à vida e à imagem dos informantes, conforme a divulgação na forma de artigos, comunicação em congressos, conferências e relatórios, o que constituiria o chamado “material sensível”. (FRAGOSO et al. 2012,p.196)

A pesquisa não continha absolutamente nada que pusesse em risco a integridade dos autores. Mas como a observação partia de um *insider*, que era capaz, de acordo com Amaral (2009 apud FRAGOSO, 2012, p.195) “proporcionar um elemento subjetivo importante a ser destacado, principalmente pelo estilo narrativo e pelas facilidades e/ou dificuldades em coletar e analisar possíveis informações e dados obtidos de modo informal”, o *professor-escritor* preferiu manter em anonimato os nomes dos integrantes do *blog* dentro do corpo da pesquisa, receando causar algum constrangimento através de suas análises e observações.

Encontrou-se um espaço outro. Preocupante. Um espaço onde a literatura assusta e constrange.

Escrever literatura, ou tentar literatura para a grande maioria é um desafio muito grande. Um desafio que é evitado. Um caminho que é empreendido com uma cautela assustadora. Para Schittine (2004):

O objetivo de uma grande parte dos blogueiros é o de funcionar como formadores de opinião. De fato, muito do que se escreve em alguns blogs tem o potencial de crônica ou de ficção. Para que o diarista virtual realize esse potencial é documental que ele assuma e desenvolva o teor de seu blog. É necessário que haja autenticidade na escrita pessoal do blogueiro - seja ele o autor de um blog confessional, ficcional ou jornalístico. E é esse estilo individual que vai, a princípio, determinar a qualidade do seu texto e a influência que ele poderá vir a exercer sobre o leitor. (SCHITTINE, 2004, p.161)

Eis a tendência, pensava o *professor-escritor*. Novamente os dados deixavam claro. As pessoas precisavam, sentiam imensa necessidade de informação e opinião. A necessidade de ouvir o outro falar disso ou daquilo. A novidade como produto. A guerra, o político que caía, o escândalo social, o corrupto, a frase sem noção do astro famoso, o beijo dos atores, os conchavos políticos e o gol do último sábado. A tendência era fazer a crítica, observar o fato e opinar. Ter a sua própria opinião. - Eu tenho a "minha" opinião. Como se a opinião conseguisse ser algo singular. Eco e reflexo.

## REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo. Martins Fontes. 2006.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Cultrix. São Paulo. 2010
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Zahar. 2001
- BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. São Paulo. Cosac Naify. 2005
- BERARDI, Franco (Bifo). **Generación post-alfa: patologias e imaginários em el Semiocapitalismo**. Buenos Aires. Tinta Limón. 2007
- \_\_\_\_\_. **A fábrica da infelicidade. Trabalho cognitivo e crise da new economy**. Rio de Janeiro. DP&A. 2005.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. In.Revista Filosofia, Ciência e Vida. Ano VII, nº73 2012
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro. Rocco. 2011.
- BOGUE, Ronald. **Por uma teoria deleuziana da fabulação**. In. AMORIN, Antonio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Susana Oliveira (orgs.). *Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...* Petrópolis, RJ. De Petrus. Brasília, DF. CNPq. Campinas ALB. 2011.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. São Paulo. Global. 1985
- BRUNO, Fernanda. **Mediação e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo**. IN. SILVA, Dinorá Fraga. FRAGOSO, Suely.(orgs.). *Comunicação na Cibercultura*. São Leopoldo. Editora Unisinos. 2001.
- CALVINO, Ítalo. **Se um Viajante numa noite de verão**. São Paulo. Planeta De Agostini. 2003.
- \_\_\_\_\_. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro. O Globo. São Paulo. Folha de São Paulo. 2003.
- CARROL, Lewis. **Alice, edição comentada**. Rio de Janeiro. Zahar. 2002.p.63
- \_\_\_\_\_. **Palomar**. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Pedagogia dos blogs: Posts sobre o uso da ferramenta no ensino de jornalismo**. In. AMARAL Adriana; RECUERO Raquel; MONTARDO; Sandra. *Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação*. (orgs.) São Paulo. Momento Editorial. 2009.
- COCCO, Giuseppe. VILARIN, Gilvan. **O capitalismo cognitivo em debate**. Liinc em Revista. Vol.5. Rio de Janeiro. 2009
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo. Brasiliense. 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo. Perspectiva. 2006
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo. Ed. 34. 1997.



DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas, SP. Papyrus, 4ª Edição, 1991.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo. Ed. 34. 1992.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. São Paulo. Ed. 34. 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.2. São Paulo. Ed.34. 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.3. São Paulo. Ed.34.1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.4. São Paulo. Ed.34. 1997.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.5. São Paulo. Ed. 34. 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro. Ed.34. 1992.

FARINA, Cynthia. **Arte e formação: Uma cartografia da Experiência Estética atual**. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GEO1-4014--Int.pdf>> acessado em 26/09/12

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro. Vozes. 2007.

FRAGOSO, Suely. **Um e muitos ciberespaços**. In. LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre. Sulina. 2012

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte. Autêntica. 2008.

GIORGI, Raffaele de. **O risco na sociedade Contemporânea**. Revista de Direito Sanitário. São Paulo. Vol.9. 2008

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2010.

GOMBROWICZ, Witold. **Bakakai**. Rio de Janeiro. Editora Expressão e Cultura. 1968.

\_\_\_\_\_. **A pornografia**. Rio de janeiro. Nova Fronteira, 1986.

GOETHE, J.W. **Fausto & Werther**. São Paulo. Nova Cultural. 2003.

ROSA, Helaine e ISLAS, Octávio. **Contribuição dos blogs e avanços tecnológicos na melhoria da educação**. In. AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

HARDT, Michel. NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro. Record. 2001

\_\_\_\_\_. **Multidão**. Rio de Janeiro. Record. 2005.

HEWITT, Hugh. **Blog: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo**. Rio de Janeiro. Thomas Nelson. 2007.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: UOC, 2004. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Tradução para o espanhol por Cristian P. Hormazábal. 2004.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Sulina. 2009

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr nº19. 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte. Autêntica. 2010.

LAWRENCE, D.H. **Estudos sobre a literatura clássica americana**. Rio de Janeiro. Zahar. 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo das Desigualdades. Crítica da insegurança neoliberal**. São Carlos. Edufscar. 2011.

\_\_\_\_\_. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Ed.34.1999

\_\_\_\_\_. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro. Ed.34. 1993.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Sujeito, Subjetividade e modos de Subjetivação na contemporaneidade**. In. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2), 2009.

MARTINS, Ronie Von; FARINA, Cynthia. **Aprendizagem do naufrágio: Moby Dick, Ahab, um leitor e o Muro**. In. Educação em Revista vol.27. nº 02. 2011.

MARTINS, Hermínio. **Tecnologia, Modernidade e Política**. Lua Nova. 40/41-97

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda. 1999. (Coleção os Pensadores).

O'BRIEN, Flann. **O terceiro tira**. Porto Alegre. L&PM. 2008.

PEREIRA, Marcos Villela. **Contribuições para entender a experiência estética**. Revista Lusófona de Educação. 18. 2011.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo. Perspectiva/FAPESP. 1998

ROSTAND, Edmond. **Cyrano de Bergerac**. São Paulo. Nova Cultural. 2003.

RUSHDIE, Salman. **O último suspiro do mouro**. São Paulo. Planeta De Agostini. 2003.

SCHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2004.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Porto Alegre. L&PM. 2011.

SIBILIA, Paula. **Show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro. Nova fronteira. 2008.

\_\_\_\_\_. **O homem Pós-orgânico, corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro. RelumeDumará. 2002.

SILVA, Fernando Firmino da. **Moblogs e microblogs: jornalismo e mobilidade**. In. AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

TOLKIEN, J.R.R. **O senhor dos anéis**. São Paulo. Martins Fontes. 2001. p.769

TRÄSEL, Marcelo. **A vitória de Pirro dos blogs: ubiqüidade e dispersão conceitual na web**. In. AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.